



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

ANA PAULA DOS ANJOS FIUZA

**ENTRE RUÍNAS, METAMORFOSES E VIOLETAS:
EXPERIÊNCIA DE SOCIOMUSEOLOGIA NA COMUNIDADE DE TERRA MIRIM**

SALVADOR
2017

ANA PAULA DOS ANJOS FIUZA

**ENTRE RUÍNAS, METAMORFOSES E VIOLETAS:
EXPERIÊNCIA DE SOCIOMUSEOLOGIA NA COMUNIDADE DE TERRA MIRIM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Museologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestra em Museologia.

Linha de pesquisa: Museologia e Desenvolvimento

Social Orientador: Prof. Dr. Mário de Souza Chagas

SALVADOR
2017

Revisão e Formatação: Vanda Bastos

F565 Fiuza, Ana Paula dos Anjos,
Entre ruínas, metamorfoses e violetas: experiência de sociomuseologia na comunidade de Terra Mirim /Ana Paula dos Anjos Fiuza. – 2017.
152 f. :il.

Orientador: Prof^o Dr^o Mário de Souza Chagas
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2017.

1. Museologia. 2. Xamanismo. 3. Comunidade. 4. Memória. 5. Gênero. I. Chagas, Mário de Souza. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 069

ANA PAULA DOS ANJOS FIUZA

**ENTRE RUÍNAS, METAMORFOSES E VIOLETAS:
EXPERIÊNCIA DE SOCIOMUSEOLOGIA NA COMUNIDADE DE TERRA MIRIM**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Museologia, Programa de Pós-Graduação em Museologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 7 de julho de 2017

Mario de Souza Chagas – Orientador
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Universidade Federal da Bahia

Clovis Carvalho Britto
Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, UnB, Brasil
Universidade Federal de Sergipe
Universidade Federal da Bahia

Laila Andresa Cavalcante Rosa
Doutora em Música pela Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil
Universidade Federal da Bahia

Aos Orixás fun funks e toda ancestralidade
e memória que vibra no meu DNA.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Maria Rita e Henrique, pela vida e amor. A minha mãe, eu registro uma gratidão eterna por todo o Amor e ensino da humildade e do perdão, além de sempre ter acreditado e investido no meu potencial profissional.

Aos meus avós maternos, Tertuliano e Maria de Lourdes, e avós paternos, Raimunda e Germano, pelas contações de histórias dos seus passados, pelo Amor pelo contato real com a minha história, com o meu eu.

A minhas irmãs, Adriana e Aldália, pelo Amor e compreensão das ausências e a esperança e fé que a minha sobrinha Ana Beatriz desperta.

A Mãe Carmem de Oxaguiã do Terreiro do Gantois, por tudo o que ela representa na minha história de Amor aos Orixás.

A Leo Soares, Carol Barreto e Fabiana Paz, amigos especiais com os quais pude contar durante toda esta caminhada.

Ao amigo Luiz Tourinho, pelo apoio, pelos sorrisos e trocas de pensamentos artísticos.

Ao miguxo Wilkens, por tudo que somos juntos.

Ao Balegunã Carlos Magno de Iansã, pelos compartilhamentos e confidências do universo dos nossos Orixás.

Ao arte-orientador professor dr. Mário de Souza Chagas, por ser um ser que me inspira arte e liberdade poética, pelas dicas importantes e pela confiança na expressão do ser artístico e museológico que reina em mim.

À banca de qualificação, formada pelas professoras, Dra. Laila Rosa e Dra. Suely Cerávolo e o professor Dr. Clóvis Britto, pelas contribuições que possibilitaram um amadurecimento deste trabalho.

À banca de defesa composta por Laila Rosa e Clóvis Britto, por aceitarem o convite de participação em um momento importante da minha carreira acadêmica.

À FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia), pela concessão de bolsa de pesquisa, recurso financeiro que viabilizou a concretização do trabalho.

Ao Programa de Pós-graduação em Museologia da UFBA, pelo apoio, ensinamento, qualidade e empenho das(dos) professoras(es).

À Feminaria Musical – Grupo de Pesquisa e Experimentos Sonoros da UFBA – Escola de Música e NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher), pela construção do conhecimento coletivo e apoio entre nós mulheres e de todo o ativismo e afetividade por nós desenvolvidas.

À professora dra. Laila Rosa, por todo o apoio, amizade e contribuição teórico-afetivo-feminista.

A todas(os) as(os) funcionárias(os) do campus da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, pelo apoio direto e indireto, que me ajudaram a concretizar essa fase importante da vida.

À XamAM Alba Maria, por todo aprendizado compartilhado.

A Água Viva, amigo querido que me acolheu nos momentos cruciais da pesquisa.

À Minah pela amizade e parceria desenvolvidas durante a realização deste trabalho.

A toda a Comunidade de Terra Mirim, em especial à Cris, Lau, Kate, Ana (ex-cozinheira), Dáhvi, Andiará, Vinanda Mhinana, Jucélia, Guepa, Ojuara, Juliana Melo, Thyago, Minuska, Albina, Lila, Monique, Safira, Halilah, Tici, Tina, Alzira, Dania, Zuca, Khalyna, Savaiah, Rafa, Erika, Ana Mondini, Marcin, Sol, Izete, Severiano Joseh, Ylle, Dhan, Thaís, Amara, Elaine, Lucas, Bernardo, Mani, Décio, Balthazar, Babuca, Anna, Conceição, Rui, Beré, Sr. Romildo, Guegêu, João Marcelino, Sr. Amaro e algumas outras que, porventura, eu tenha esquecido de citar. Para aquelas(es) que não tiveram uma convivência direta comigo, registro aqui, também, juntamente com estas pessoas, a minha profunda gratidão por todo o aprendizado e convivência.

À Comunidade quilombola do Dandá, em especial, a Ném, Paula e Lôra, pela identificação e compartilhamento de experiências.

Ao Sr. Amaro e toda a comunidade quilombola de Palmares.

A Jah, os Orixás, Pachamama, os quatro elementos, a natureza e todos os espíritos de luz.

Aos colegas da turma 2015, pela convivência e troca de conhecimentos estabelecidos durante o período das aulas.

Aos amigos e familiares, pela compreensão das ausências.

A Vanda Bastos, pela revisão deste trabalho e pela paciência com as minhas devoluções e alterações constantes no texto.

A todas as pessoas que, por algum motivo, esqueci de citar, peço perdão e compreensão. Registro aqui o reconhecimento e importância de todos os seres visíveis e invisíveis que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Meu Rosário

Conceição Evaristo

*“Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e
falo padres-nossos e ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo
E encontro na memória mal adormecida
As rezas dos meses de maio de minha infância”.*

RESUMO

FIUZA, Ana Paula dos Anjos. Entre Ruínas, Metamorfoses e Violetas: Experiência de Sociomuseologia na Comunidade de Terra Mirim 144f. il. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

Esta pesquisa foi construída através de percursos que envolveram familiarizações e estranhamentos. Por ela encontrei caminhos que direcionavam ao sagrado feminino e, aos poucos, percebi indicadores de cuidados do corpo acionados pelo xamanismo e seus processos de cura por intermédio da valorização da memória e do fratrimônio da comunidade Terra Mirim. Trata-se de uma pesquisa-ação com análise de experiências práticas que passam pela realização de oficinas, ritos xamânicos e elaboração de exposição temporária, tudo isto com o objetivo de estabelecer linhas de articulação entre a teoria e os aspectos práticos que possibilitaram uma vivência dos processos de construção coletiva na ecovila de Terra Mirim. Esta pesquisa, além de dialogar com referências museológicas, poéticas e performáticas, leva em consideração a minha experiência etnográfica, mola propulsora de memórias que se expressam através dos registros de reflexões e situações vividas em campo. Para o melhor desenvolvimento deste trabalho os estudos do feminismo negro e interseccional, da sociomuseologia, da antropologia e do xamanismo foram indispensáveis.

Palavras-chave: Museologia. Sociomuseologia. Comunidades. Memória. Gênero.

ABSTRACT

FIUZA, Ana Paula dos Anjos. **Entre ruínas, metamorfoses e violetas**: experiência de sociomuseologia na Comunidade de Terra Mirim. 144f. il. 2016. Master Dissertation – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017

This research was possible through processes of familiarization and marveling. I was able to find ways to the female sacred and to body healing as in shamanism and its healing practices, mediated by Terra Mirim's values of memory and fraternity. This work is based on an interventionist action, which analyzes practices such as workshops, shamanic rituals and temporary exhibition. The objective was to establish links between theory and practice that made possible a collective experience at Terra Mirim eco-village. Besides museology, poetic and performatic background, this research considers my ethnographic experience, the driving force of memories made possible through reflexions of events at the field of study. Black and intersectional feminism was consulted to increment this work, as well social museology, anthropology and shamanism.

Keywords: Museology. Social Museology. Communities. Memory. Gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa da área metropolitana de Simões Filho-Ba	24
Figura 2	Mapa de Localização da Fundação Terra Mirim, Simões Filho-Ba	24
Figura 3	Imagem gráfica representativa das quatro direções e os seus respectivos quatro elementos	55
Figura 4	Fotografia do folheto distribuído durante a exposição – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	96
Figura 5	Imagem do convite para aniversário da Fundação Terra Mirim – Simões Filho-Ba	105

LISTA DE FOTOS

Fotos 1, 2	Mimosa Pudica – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	25
Foto 3	Flor do Bastão do Imperador – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	31
Fotos 4, 5, 6	Casa do Sol em três fases: no início, em 2015 e atual, 2016 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	34
Foto 7	Imagem da cabana sagrada nas proximidades do Templo do Fogo – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	37
Foto 8	Gruta Nossa Senhora da Guia – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	39
Foto 9	Fotografia doada pela Eternit S.A à FTM nos seus 14 anos de existência, a fotografia encontra-se pendurada na parede da Administração da FTM – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	45
Fotos 10, 11	Acesso à Comunidade Terra Mirim no passado e atual, 2016 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	46
Foto 12	A comunidade juntamente com os técnicos da COPENE, realizando a limpeza do rio Itamboatá, em 2001 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	47
Foto 13	Espaço Lumiar, antiga filial da Comunidade Terra Mirim, Caminho das Árvores, Salvador-Ba	47
Foto 14	Lançamento do livro <i>A voz dos quatro elementos</i> , realizada em 21 de junho de 1995	48
Foto 15	Fundação Terra Mirim, Posto Avançado da RBMA – Simões Filho-Ba	52
Foto 16	Recolhimento na década de 1990 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	52
Foto 17	Recolhimento à esquerda e Casa das Artes à direita, em 2016 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	52
Foto 18	Cerimônia do Chá – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	70
Foto 19	Khalyna entre os pés de capim-santo – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	83
Foto 20	Caminho atual, sem a presença do capim santo e a floração das acácias – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	83
Foto 21	Imagem 1: Oficina do Objeto realizada em 15/01/2016 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	85
Foto 22	Imagem 2: Apresentação da exposição Terra Mirim realizada pelo Grupo 1 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	85
Foto 23	Imagem 3: Apresentação da exposição Terra Mirim realizada pelo Grupo 2 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	86
Foto 24	Finalização da Oficina do Objeto – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	90
Foto 25	Montagem da exposição Terra Mirim – Tenda da Lua Vermelha, Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	92

Foto 26	Entrada da Tenda da Lua Vermelha, local onde foi realizada a exposição Terra Mirim – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	94
Foto 27	Pessoas aguardando a entrada na Exposição Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história, uma vez que o espaço não cabia todos –Tenda da Lua Vermelha – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	94
Foto 28	Espaço interno da Tenda da Lua Vermelha, Exposição Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	95
Foto 29	Exposição Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	95
Foto 30	Violetas	98
Foto 31	Parte do cenário expositivo do Ambiental – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	104
Foto 32	Pessoas visitando a exposição no refeitório – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba	104

LISTA DE SIGLAS

ALBA	Assembleia Legislativa da Bahia
APA	Área de Proteção Ambiental
CIA	Complexo Industrial de Aratu
COPEC	Complexo Petroquímico de Camaçari
CTVR	Central de Tratamento de Resíduos
EMBASA	Empresa Baiana de Águas e Saneamentos S.A
EPI	Equipamentos de Proteção Individual
FTM	Fundação Terra Mirim
FTM-CL	Fundação Terra Mirim – Centro de Luz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOFOM	Comitê Internacional de Museologia do ICOM
ICOM	Conselho Internacional de Museus
INEMA	Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MINOM	Movimento Internacional da Nova Museologia
NEIM	Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
RBMA	Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
TOC	Transtorno Obsessivo-Compulsivo
UFBA	Universidade Federal da Bahia
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIME	União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 FASE CASULO: O DESCONFORTO E AS RUÍNAS QUE ANTECEDEM A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO DE CONFIANÇA EM UM TRABALHO ETNOGRÁFICO	23
1.1 O ENTRELACAMENTO DINÂMICO COM A COSMOLOGIA DO MICROPLANETA TERRA MIRIM	42
1.1.1 Xamanismo	53
2 FASE METAMORFOSE: A DINÂMICA QUE TECE A MEMÓRIA, O GÊNERO E O FRATRIMÔNIO	59
2.1 MUSEOLOGIA E FRATRIMÔNIOS	60
2.2 O GÊNERO, AS INTERSECCIONALIDADES E O FRATRIMÔNIO CONSTRUÍDOS NA PESQUISA	68
2.3 O PROCESSO DA TESSITURA DAS MEMÓRIAS	77
3 FASE DAS VIOLETAS: O FLORESCER DAS VIOLETAS E O DESENVOLVIMENTO PRÁTICO-MUSEOLÓGICO NA COMUNIDADE TERRA MIRIM	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICES	
<hr/>	
APÊNDICE A TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS COLHIDOS DURANTE A REALIZAÇÃO DA OFICINA DO OBJETO	115
APÊNDICE B TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS DAS ENTREVISTAS COLHIDOS DURANTE A REALIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO	128
ANEXOS	
<hr/>	
ANEXO A COBERTURA VEGETAL DA BACIA DO RIO ITAMBOATÁ – SIMÕES FILHO – BAHIA, 2002	144
ANEXO B ORAÇÃO DA GRANDE MÃE	145
ANEXO C LISTA DE PRESENÇA NA EXPOSIÇÃO	146
ANEXO D JORNAL XAMÃ	147
ANEXO E REVISTA XAMÃ	148
ANEXO F CERTIFICAÇÃO DA UNESCO	149
ANEXO G LIVRO A VOZ DOS QUATRO ELEMENTOS – PRIMEIRA EDIÇÃO	150
ANEXO H ELEMENTO ÁGUA	151
ANEXO I VIAGEM INICIÁTICA	152

INTRODUÇÃO

A trilha de uma pesquisa marca e está marcada pela pesquisadora, uma vez que existe uma necessidade pessoal de aprofundar e perceber as respostas de uma forma que envolva a experiência individual que, por sua vez, se infiltra ao processo, situação que me faz recordar a voz de Clifford Geertz (1978) quando fala sobre a importância da interpretação e da subjetividade no trabalho de uma/um etnógrafa(o).

Nesta pesquisa, faço uso da autoetnografia juntamente com a reflexão sobre gênero, memória e fratrimônio (patrimônio)¹, que se vale de um processo criativo que elabora alternativas à comunicação das memórias da Comunidade Terra Mirim. Existe aí um diálogo estabelecido entre as minhas memórias e as da Comunidade, uma vez que esta pesquisa me fez perceber que as influências de minhas raízes identitárias têm me ajudado a adentrar o autoconhecimento e, concomitantemente, me permitem perceber as influências que se estabelecem nesta relação, fator que contribuiu para o meu entrosamento com a comunidade. Aos poucos pude perceber que estava a receber influências do campo e vice-versa, uma vez que o sentimento de pertencimento provém da identificação.

A decolonialidade se expressa no texto com a intenção de criticar e superar a colonialidade epistêmica. Apresenta o propósito de trazer luz às sombras da modernidade que operam na atualidade através de um modelo responsável pelo estabelecimento do poder hegemônico. A decolonialidade tem a intenção de expressar uma luta contínua, tendo como objetivo a transgressão e a insurgência de posicionamentos.

A autoetnografia é um método de pesquisa que apresenta como possibilidade a participação da subjetividade da pesquisadora. Trata-se de um método que procuro não qualificar como o melhor, mas como o adequado para este trabalho, uma vez que há aqui aspectos de uma vida cultural específica que não poderia ser acessado em uma pesquisa convencional, uma vez que o campo de pesquisa é um local que vive a subjetividade em todas as ações, desde um trabalho na roça e na mata até um rito espiritual.

De acordo com Jones, Adams e Ellis:

¹ Segundo Mário Chagas: (2016, p. 79): “Há uma herança que se transmite e se recebe na contemporaneidade, talvez pudéssemos, de modo poético, denomina-la de fratrimônio. Já não se trata de uma herança materna ou paterna, mas de alguma coisa partilhada entre os contemporâneos, entre os amigos e irmãos, entre os membros de uma mesma comunidade”. É com base nesta definição que faço uso do fratrimônio como substituto da palavra patrimônio em todo o texto.

O método da autoetnografia propõe à pesquisa social numa prática ainda menos alienadora, em que o pesquisador não precisa suprimir sua subjetividade, pois pode “refletir nas consequências do [seu] trabalho, não só para os outros, mas para [si] mesmo também, e onde todas as partes – emocional, espiritual, intelectual, corporal, e moral – podem ter voz e serem integradas. (2013, p. 53).

Parafrazeando Samuel Araújo (2006), trabalho a pesquisa-ação, neste texto, como um fator que se responsabiliza pela essência política da pesquisadora atrelada à discussão do método aqui apresentado. Trata-se de uma perspectiva que nega a existência da neutralidade, por isto, a presença da vida cotidiana se faz marcante neste texto como uma forma de demonstrar, na prática, a inexistência da neutralidade proposta pela burguesia e deixar claro o seu alinhamento com as perspectivas epistemológicas locais. Esta metodologia se construiu através de um encontro, algumas vezes apresentado como um conflito de valores, ideias e visões de mundo.

A pesquisa-ação também se funda na dialogicidade de Paulo Freire (2005), uma vez que priorizamos o diálogo e a liberdade, enraizando-nos enquanto pesquisadoras dentro da existência do campo de pesquisa de forma que estejamos comprometidas com a pulsação da vida e a historicidade e peculiaridade do contexto.

Este trabalho tem se desenvolvido com o auxílio de teorias de gênero, memória e fratrimônio associadas às reflexões sobre arte, corpo e cura. Foi assim que o xamanismo me ensinou a compreender esta nova visão de mundo, percebendo, aos poucos, que nós somos uma soma de experiências vividas, a partir do que me voltei para a reconstrução de novas simbologias que envolvem a realidade, situação esta que tem contribuído para a extensão dos códigos que proporcionam a compreensão da dinâmica que se desenvolve na construção e reconstrução da memória coletiva da referida comunidade.

O Sagrado Feminino se apresenta como uma categoria baseada nos princípios da Grande Mãe ou Deusa Mãe, como também é concebido na Comunidade de Terra Mirim. Há uma variação tipológica das manifestações da Deusa Mãe. Em seus diferentes arquétipos e nomenclaturas, a Grande Mãe está presente em diferentes culturas desde a antiguidade até a atualidade.

O corpo em sua dimensão psicossomática proporciona uma sociabilidade que se traduz em materialidade. O corpo é a matéria-prima integrante de inúmeras dimensões e experiências subjetivas que se fazem representar de forma integrada entre natureza, ciência, cultura e vida social.

A subjetividade ocupa um lugar responsável pela associação das crenças, valores pessoais, experiências e histórias de vida. A subjetividade aparece através da representação do universo interior dos seres humanos, um mundo que se apresenta composto por emoções, sentimentos, intuições e pensamentos. Pensando em um conceito sociológico, a subjetividade pode ser vista como um campo de ação e representação das(os) sujeitas(os), de forma atrelada e condicionada às circunstâncias históricas, políticas e culturais. Só a subjetividade pode dar conta da totalidade das facetas que compõem os indivíduos.

Escolhi situar as questões referentes às construções de gênero, por ser uma mulher descendente de agricultoras(es), acadêmica, militante ecofeminista e também, em virtude de a Comunidade Terra Mirim ser composta por uma maioria de mulheres. Seguindo por este caminho, optei pela utilização das escritas decoloniais de pesquisadoras do feminismo negro e interseccional, produções e publicações da própria comunidade e o desenvolvimento da criatividade artística construída através das performances poético-musicais realizadas em grupo com as companheiras feministas integrantes da Feminaria Musical: Grupo de Pesquisa e Experimentos Sonoros da Universidade Federal da Bahia (UFBA), coletivo que integra a linha da pesquisa Gênero, Cultura e Arte do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA). Ressalto que sou colaboradora de pesquisa deste mesmo grupo.

Com base em Joan Scott (1995), utilizo o conceito de gênero que procura se distanciar das diferenças sexuais que se hierarquizam dentro de um pensamento engessado e dual. Há um reconhecimento das diferenças entre corpos sexuados, porém, considera-se os significados culturais responsáveis pela manutenção destas diferenças. O corpo apresenta um ponto de vista social e subjetivo, responsável por colocar o sexo na posição de submisso ao gênero, uma vez que o sexo não pertence a uma inquestionabilidade natural porque a separação entre natureza e cultura por si só já representa a elaboração de um produto cultural com as suas respectivas subjetividades.

Para situar o feminismo negro utilizo o conceito de Luíza Bairros (1995), que nos coloca a perspectiva feminista das mulheres negras como algo que nos permita perceber a precedência de uma identidade comum a todas as mulheres. Portanto, não há o compartilhamento de uma mesma opressão, mas uma luta contra o sexismo baseado nas relações que se constroem através do que se concebe como gênero socialmente construído. Para nós mulheres negras, o problema se expande para o poder que se instala nas esferas pessoal e interpessoal, uma vez que há uma constituição do patriarcado baseada em uma ideologia que permite e lucra com a existência do racismo e crença em uma dominação que constitui noções de inferioridade e superioridade que irão influenciar nos fatores objetivos e subjetivos das(os) sujeitas(os). A opressão se apresenta

aqui como um fator localizador de uma realidade que nos faz perceber algo mais profundo que a descrição de uma experiência de opressão realizada através da relação mulher-homem.

O ecofeminismo é um conceito baseado na teoria de Maria Mies e Vandana Shiva (2013) que se apresenta como uma filosofia de vida e um movimento social responsável pela conexão entre o feminismo e a ecologia. Trata-se de uma prática ativista e defensora do esfacelamento da ilusão de se viver à margem da natureza, do exercício do poder patriarcal e da submissão da vida a uma exigência de consumo e acumulação. As noções hegemônicas demonstram a incapacidade de se conduzir a humanidade a uma vida digna, dando destaque à urgência na adoção de novos paradigmas que ponham trava na guerra declarada à vida.

Aqui também há uma influência do conceito de africanização cunhado por Lélia Gonzalez (1988), visando a reintegração das histórias e memórias das mulheres negras e indígenas que buscaram na resistência o afastamento da colonialidade do poder, dando início às nossas próprias epistemologias e visões de mundo baseadas na nossa ancestralidade que tem as suas peculiaridades e necessidades individuais que não convergem com os padrões europeus.

Como diz Vilma Reis:

Além disso, este debate sobre, principalmente, representação e autoridade se dá no ocidente, tendo como principais protagonistas homens-brancos-europeus e norteamericanos, que controlam os mundos acadêmicos, mesmo sendo parte considerável dessa produção sobre todos os outros sujeitos – mulheres, negros, homossexuais, imigrantes e outros povos fora do eixo ocidental (REIS, 2005, p. 29).

Diante do que foi dito, quero pronunciar a trajetória da pesquisa, uma vez que ainda me vejo a recolher peças embaralhadas de um quebra-cabeças. Aos poucos, sinto o sentido chegar. Confesso que tenho lido os escritos de Clarice Lispector (1998), Cecília Meireles (2002), Carolina Maria de Jesus (1996) e Conceição Evaristo (2006) para que, neste processo, a minha compreensão seja menos doída e amparada pelos escritos de poetisas com as quais me identifico enquanto ser feminino. Com a tentativa do equilíbrio dos gêneros, cito a presença masculina do meu *arte-orientador*², o poeta e museólogo Mário Chagas que me deixou frente a frente com a liberdade acadêmica e artística para que eu pudesse tecer esta colcha de palavras e memórias chamada dissertação.

As crises de medo da escrita me paralisaram por diversos momentos, o corpo a somatizar: ansiedade, aumento de peso, sensação de incapacidade. Foi quando tive o impulso

² Expressão criada por mim.

de procurar ajuda nas leituras feministas decoloniais como: Gloria Anzaldúa (2000), Fernanda Carneiro (2006), Kimberlé Crenshaw (2002), Lélia Gonzalez (1988), Julieta Paredes (2008), Vilma Reis (2005) e Laila Rosa (2009; 2010) como forma de encontrar forças para continuar a seguir o caminho. Para exemplificar, cito a voz de Anzaldúa:

Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar a pena?
Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (ANZALDÚA, 2000, p. 230).

Ainda no que se refere à escrita, complemento com o pensamento de Carolina de Jesus (1996, p. 201) que afirmou: “Eu disse: o meu sonho é escrever! Responde o branco: ‘Ela é louca. O que as negras devem fazer... é ir pro tanque lavar roupa’”. Tal como ela, vejo a força e a oportunidade que tive de construir uma dissertação com algumas pessoas que me possibilitaram transformar um destino comum às mulheres da comunidade da Pumba (minha comunidade de origem) que, muitas vezes, são destinadas a casar e serem subservientes aos filhos e maridos. Sou remanescente da zona rural e vencer os tabus emocionais que atrapalham a minha escrita é uma luta diária, tendo tido que procurar atendimento psicológico para conseguir seguir em frente. O acompanhamento psicológico e a convivência com as práticas xamânicas da Terra Mirim me fizeram perceber a necessidade de fazer as pazes com o medo da água e aprender a nadar foi a estratégia que encontrei para o controle da saúde e da ansiedade provocada pela pesquisa do mestrado.

Esse lamento não é para me colocar no lugar de coitada, tampouco de fraca; faço isso como uma denúncia, com o objetivo de mostrar que a minha produção de conhecimento é corporificada, que é feita por alguém e que este processo traz dor. Há aqui uma violação do território da nossa corporeidade exercida pela sociedade patriarcal e heteronormativa do estado desse “cistema”³, como descreveu Viviane Vergueiro (2015). Nossos corpos têm passado por

³ De acordo com Viviane Vergueiro (2015, p. 15): “Cistema-mundo’, uso-a enquanto referência a Grosfoguel (2012, 339), que caracteriza um “[c]istemamundoocidentalizado/cristianocêntrico moderno/colonial capitalista/patriarcal” que produz “hierarquias epistêmicas” em que – na leitura

violações que nos impedem de sermos nós mesmas, por não sermos hegemônicas, e este lamento representa parte de um enfrentamento contra o racismo, o sexismo, a lesbofobia, a transfobia e todos os marcadores sociais de diferença, pois os nossos passos vêm de longe, são passos fundadores e ancestrais.

Estas experiências me fizeram conceber uma imaginação museal baseada na arte, no corpo e na cura, uma vez que o corpo se apresentou a mim como um território que relaciona a cultura e a natureza, como indica Donna Haraway:

Gostaria de continuar apoiando-me metaforicamente num sistema sensorial muito difamado no discurso feminista: a visão. A visão pode ser útil para evitar oposições binárias. Gostaria de insistir na natureza corpórea de toda visão e assim resgatar o sistema sensorial que tem sido utilizado para significar um salto para fora do corpo marcado, para um olhar conquistador que não vem de lugar nenhum. Este é o olhar que inscreve miticamente todos os corpos marcados, que possibilita à categoria não marcada alegar ter o poder de ver sem ser vista, de representar, escapando à representação. Este olhar significa as posições não marcadas de Homem e Branco, uma das várias tonalidades desagradáveis que a palavra objetividade tem para os ouvidos feministas nas sociedades científicas e tecnológicas, pós industriais, militarizadas, racistas e dominadas pelos homens, isto é, aqui, na barriga do monstro, nos Estados Unidos no final dos anos 80. Gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados (HARAWAY, 1995, p. 18).

Como podemos ver, falar de gênero e sagrado feminino não é algo que esteja em conflito com as feministas decoloniais, uma vez que ambas as vertentes buscam a superação dos poderes das sombras da psique feminina que, por sua vez, foi sequestrada pelo patriarcado. Assim, informo que o feminismo não é uma categoria nativa da comunidade Terra Mirim assim como a Museologia também não o é, assim, vejo que o feminismo aqui aplicado se encaixa dentro da categoria do que conhecemos como direitos humanos.

Cito aqui também a voz de uma autora do sagrado feminino como método ilustrativo para que possamos perceber as relações estabelecidas entre este e o feminismo decolonial. Como diz Clarissa Estés (2014), vamos falar da alma feminina:

Quando falamos da essência feminina, estamos realmente falando da alma feminina. Quando falamos de corpos espalhados no subterrâneo, estamos afirmando que algo aconteceu à força da alma e no entanto, muito embora sua

específica desta dissertação – perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas, ou silenciadas. A corruptela ‘cistema’, entre outras corruptelas do tipo, têm o objetivo de enfatizar o caráter estrutural institucional – ‘cistêmico’ – de perspectivas cis+sexistas, para além do paradigma individualizante do conceito de ‘transfobia’”.

vitalidade exterior tenha sido roubada, muito embora sua vida tenha essencialmente sido esmagada, ela não foi destruída por completo. Ela pode voltar a viver (ESTÉS, 2014, p. 74).

Agora com mais experiência, posso compreender Mikhail Bakhtin (2003) quando afirmou que a escrita atua na construção da(o) pesquisadora(or), situação que me fez entender a pesquisa das ciências humanas como algo próximo do fazer artesanal, palavras de Cíntia Carvalho (2015), e que efetivou o meu entendimento sobre a investigação como um processo de costura de uma colcha de retalhos.

A imaginação museal e a museologia do afeto se fazem presentes neste trabalho como uma forma de demonstração de passos que têm uma anterioridade construída através das escrituras de Mário Chagas. A imaginação museal se constitui como um aspecto que relaciona as subjetividades expressas por meio de ações e ideias refletidas através de uma perspectiva museológica. A museologia do afeto se responsabiliza pela sustentação dos valores da vida atrelados à memória e ao fratimônio. Como ilustração, cito um trecho de uma fala de Dáhvi, moradora da comunidade e advogada da Fundação Terra Mirim que, na realização da oficina do objeto, disse algo que se enquadra no que podemos conceber como museologia do afeto.

[...] aí eu desenhei, uma comunidade, eu vi como uma comunidade da luz véi, e o engraçado é que quando eu tava visualizando o que eu queria desenhar, era como se eu estivesse visto essa parte assim, eu via as árvores, umas casinhas, as pessoas em círculo né, um centro.

Esta dissertação está dividida em três capítulos e organizada da seguinte forma:

No Capítulo I, “Fase casulo: o desconforto e as ruínas que antecedem a construção da relação de confiança em um trabalho etnográfico”, discorrerei sobre a minha relação com a pesquisa, exploro os obstáculos encontrados e ultrapassados para que eu pudesse localizar uma linha tênue entre os aspectos que envolvem as exigências acadêmicas e a corporificação de todo aquele turbilhão de conhecimento e emoções vivenciadas através da prática etnográfica, ressaltando o uso de uma escrita poética e performática baseada no feminismo negro e interseccional. Também apresentarei o histórico da comunidade com o auxílio de bibliografias acadêmicas, notícias de jornais e materiais gráficos desenvolvidos pela comunidade, além de discorrer sobre o alinhamento entre teoria e prática nos aspectos que envolvem a concepção de grupos, comunidades e comunidades intencionais.

No Capítulo II, “Fase metamorfose: a dinâmica que tece a memória, o gênero e o fratrimônio”, abordarei questões teóricas relacionadas a gênero, memória e fratrimônio, de forma que eu possa comunicar, através da escrita, os processos relacionais entre as teorias e a prática etnográfica feminista, com o objetivo de romper o estereótipo de que feminismo se refere apenas ao estudo de mulheres, e ressaltarei a inclusão de aspectos relacionados à Sociomuseologia atrelados às discussões teóricas da memória.

No Capítulo III, “Fase das violetas: o florescer das violetas e o desenvolvimento prático-museológico na comunidade Terra Mirim”, utilizo a palavra “violetas” inspirada em-Clarice Lispector (1998) quando se refere às violetas como seres que dizem levezas que não se podem dizer, como uma tentativa de narrar as experiências vividas nas realizações práticas através da Oficina do Objeto e da exposição temporária intitulada Terra Mirim 24 Anos: Ritualizando a História, data de aniversário da Comunidade. A Oficina e a Exposição foram realizadas no período de janeiro a julho de 2016, nos espaços que abrangem a Fundação Terra Mirim. Neste capítulo, são inseridos, ainda, algumas entrevistas e relatos das mulheres envolvidas no processo, relatos que foram coletados durante a oficina e os depoimentos durante a exposição, além da disposição de imagens produzidas por mim e pela comunidade.

As Considerações Finais apontam para a diversidade de caminhos que envolve uma pesquisa e a sensação de dever cumprido associado ao pressentimento do inacabado e ao desejo de iniciar outros ciclos que deem continuidade a esta pesquisa.

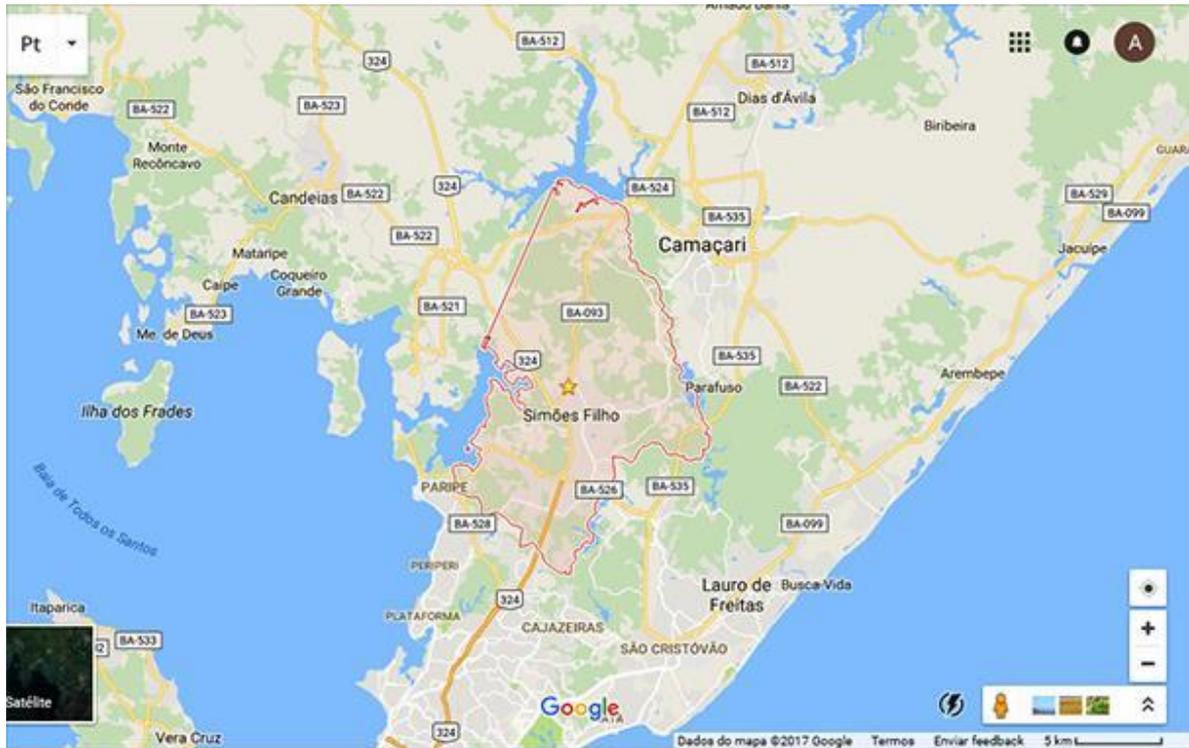
1 FASE CASULO: O DESCONFORTO E AS RUÍNAS QUE ANTECEDEM A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO DE CONFIANÇA EM UM TRABALHO ETNOGRÁFICO

O início da pesquisa de mestrado se deu de uma forma conturbada, porque houve a necessidade de mudança de campo para a realização da pesquisa. Foi uma decisão que me trouxe desconforto, uma vez que senti a provocação do novo e a obrigação do acerto, visto que, no Mestrado, só dispunha de dois anos para o desenvolvimento da pesquisa. Mergulhei nos sites de busca à procura de comunidades que estivessem mais ou menos em um nível parecido com o da comunidade proposta anteriormente, com vistas a não mudar totalmente os meus interesses de pesquisa.

A busca se deu por Pontos de Memória e Pontos de Cultura registrados no Estado da Bahia. Listei alguns no caderno para telefonar e agendar visita, com o objetivo de propor uma pesquisa de mestrado. A comunidade a encabeçar a lista foi a Comunidade Terra Mirim, que encontrei nos sites de busca como um Ponto de Cultura. Anotei o número, liguei para a Comunidade e logo agendei uma visita para a tarde do 29 de abril de 2015 e, aproveitando a oportunidade, perguntei a Jucélia (atendente do telefone) que ônibus deveria pegar, local de embarque e desembarque etc.

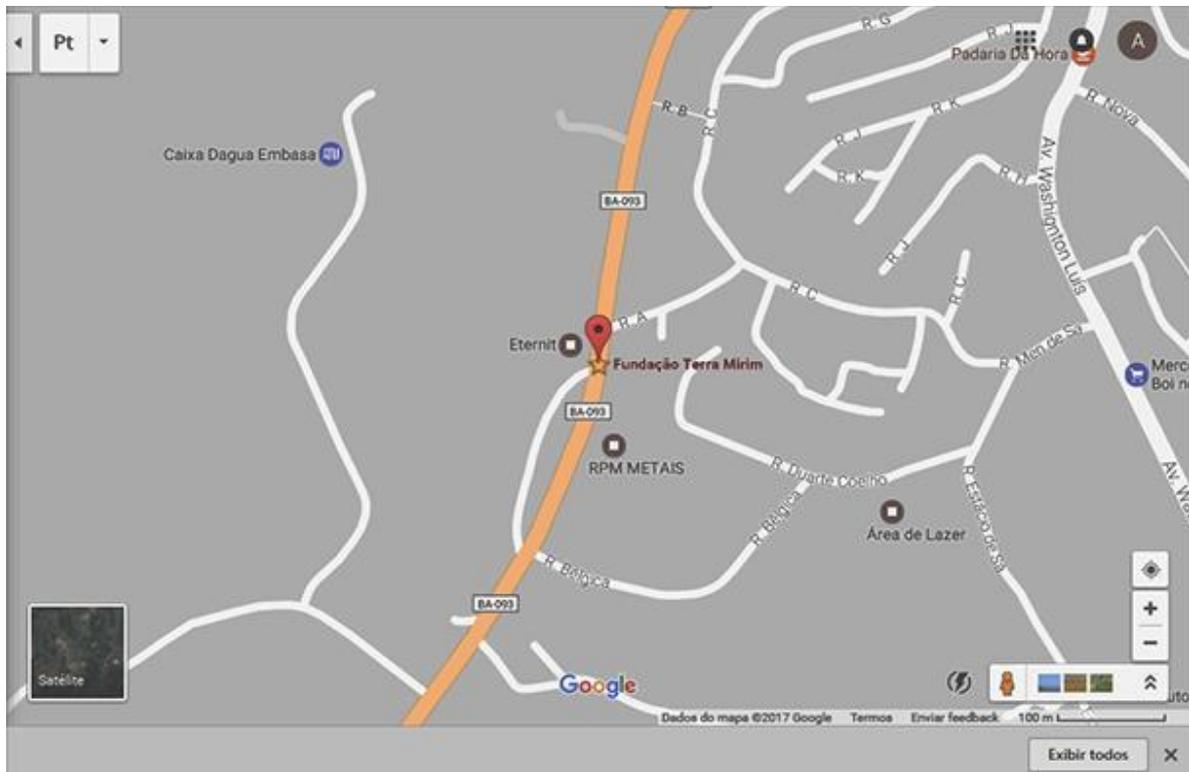
Eu não sabia o endereço, só sabia que se localizava no município de Simões Filho, na Região Metropolitana de Salvador – BA. Partii da estação rodoviária de Salvador em direção ao município de Camaçari, seguindo as informações da atendente da Comunidade Terra Mirim, um pouco tensa, pois, ao pedir ao motorista do ônibus pra descer na Terra Mirim, ele me respondeu que não sabia onde se localizava; então, eu misturei tudo, tensão e poesia, pois imediatamente recordei-me de uma fala de Clarice Lispector (1975): “Perder-se é o caminho”, uma vez que, para perder-me na vida, o simples fato de estar nela já é o bastante, e assim compreendi que estava perdida na BA 093. Já iniciando o meu processo de corporificação da pesquisa, por um instante, saí do abstrato e partii para o racional, grudei os meus olhos nos dois lados da pista como uma forma de visualizar o local desejado. Ao passar à frente do local, eu gritei e acionei o motorista: “É ali, vi a placa com o nome!”. Para situar o(a) leitor(a), seguem os mapas da cidade de Simões Filho – Ba e o mapa de localização da Fundação Terra Mirim. (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Mapa da área metropolitana de Simões Filho-Ba



Fonte: Google Maps

Figura 2 – Mapa de Localização da Fundação Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Google Maps

A partir daquele momento, conectei a realidade prática com a teoria, uma vez que senti uma coesão entre a comunidade ali a conhecer e a comunidade da Pumba. Michel Pollak contribui para a analogia das memórias das comunidades através do texto citado abaixo:

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 7).

Ao adentrar o espaço, senti uma conexão com a minha origem, pois nasci e passei parte da minha vida em uma comunidade rural de Cruz das Almas – Bahia chamada Pumba. O local visitado era uma comunidade rural e memórias passadas começaram a desencadear lembranças. Jucélia, então moradora da comunidade, recebeu-me e apresentou-me uma parte dos templos. Foi um dia de chuva, de forma que não deu para conhecer tudo, mas tive a oportunidade de conhecer o meliponário⁴, o Templo das Águas, a Casa dos Mestres, a composteira, a Administração, a cozinha e o refeitório.

O percurso pela trilha que me levou ao Templo das Águas fez com que eu me deparasse com uma planta que me é muito querida, identificada no universo científico como *Mimosa pudica* e popularmente conhecida como dormideira (Fotos 1, 2), o que me despertou a sensibilidade e direcionou-me a tocá-la e senti-la fechar-se... este simples ato desencadeou acessos a memórias dos tempos de infância. Comentei o meu encanto com Jucélia, e, por um instante, ela tocou e perguntou para a dormideira se ela estava com vergonha.

Fotos 1, 2 – Mímisa Pudica – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Realização da autora

⁴ Local onde se encontra um conjunto de colmeias ou abelhas sem ferrão e, no caso específico, a abelha urucu, típica da região.

Ao final, paguei a taxa de visitação cobrada, referente ao valor de dez reais, sentei na varanda da Administração local com Jucélia para tomar um chá de erva-cidreira e conversar sobre a proposta de pesquisa do mestrado. Sugeri e comuniquei o meu interesse em estudar o fratrimônio e a memória da comunidade e, então, Jucélia solicitou-me que escrevesse uma proposta e encaminhasse ao seu e-mail para que ela a endereçasse às pessoas responsáveis.

Passaram-se uns dias com trocas de e-mails e senti a insegurança quanto à mudança ser aceita ou não pelo orientador. Os silêncios da Comunidade e a demora às respostas dos e-mails, fez com que eu adentrasse em processos de ansiedade, pois necessitava que a pesquisa desse certo. A partir daí, percebi o surgimento das ruínas e, concomitantemente, o aparecimento do casulo em situação desconfortável. Crises de dor de cabeça, sentimento de inadequação, medos, traumas infantis se apresentavam com alguma constância: tenho um medo ancestral das lagartas, herdado da minha avó Lourdes, e, todas as vezes em que eu lá chegava, sempre uma se apresentava, o que me causava pânico. Tive vontade de desistir, mas a vontade de prosperar na Museologia era maior e resolvi insistir e enfrentar meus medos.

As ruínas aqui experienciadas fazem analogia com o pensamento de Georg Simmel, uma vez que toda a realização do trabalho passou pelo gosto da ascensão e o desgosto da queda. Segundo Georg Simmel (1998), as ruínas representam as forças da natureza sobre a obra humana e foi esse sentimento de desmoronamento que, por muitas vezes, pairou sobre o processo de tessitura desta pesquisa. Segue um trecho do pensamento de Georg Simmel como representação poética e real dessas ruínas:

Dito de outra maneira: o que constitui a sedução da ruína é que nela uma obra humana é afinal percebida como um produto da natureza. As mesmas forças que, por meio da decomposição, da enurrada, do desmoronamento e do crescimento da vegetação, proporcionam à montanha sua forma comprovaram-se aqui efetivas na ruína. (SIMMEL, 1998).

Aos poucos, descobri que não era tão familiar quanto pensava, que haviam algumas diferenças e surgiram as ruínas com as suas forças contrárias: determinadas coisas eram novas para mim e entrei em conflito entre o que é estranho e familiar de forma simultânea. Para ser acolhida como pesquisadora da comunidade, aceitei a condição de realização do trabalho inicial de conservação e limpeza da biblioteca como forma de contrapartida.

Na quarta feira, dia 20 de maio de 2015, eu fiz a primeira visita, depois da anuência dada por e-mail, para que pudéssemos conversar sobre a proposta. Cheguei ao local às 10 horas da manhã e fiquei a aguardar no sofá da varanda por um largo espaço de tempo, sentia a paciência sendo testada, juntamente com a fome... nesse intervalo de espera, peguei um texto da Xamã

Alba Maria⁵ que estava na varanda e comecei a ler e descobri que ela pertencia ao elemento água, para o xamanismo, o elemento mestre das pessoas que ensinam e que causam medo, daí iniciei o meu interesse de identificação e associação com os elementos da mitologia ioruba e associei toda a história do elemento água ali descrito com as mitologias pertencentes a Oxum⁶.

Uma picada de muriçoca me trouxe para a realidade, olhei para o lado e vi uns búfalos, olhei para o relógio e vi acusar 11:50h e meu estômago a se dobrar de fome, sem que ninguém por ali aparecesse. Deu 12:15h, a fome aumentava, mas ninguém aparecia. Meus olhos procuraram distrair a fome, passei a observar a escultura de uma vaca azul que tem na entrada, ao lado do portão, e avistei uma placa pendurada em seu pescoço com a seguinte frase: “Somos seus irmãos nessa jornada”.

A fome apertava cada vez mais, vi um senhor passar com o lixo para colocar para fora, sentia cheiro de comida, percebia a entrada e saída de pessoas do refeitório e eu ali com fome... Passei a refletir sobre a ansiedade do ofício de pesquisar... Izabel (Beuh)⁷ só chegou por volta das 13:00hs, quando eu não aguentava mais a fome e estava prestes a ir embora, pois não tinha ido para ficar para a parte da tarde. Ela me convidou para almoçar, mas eu informei que estava sem dinheiro ao que ela me informou que eu poderia pagar depois.

Conversamos durante o almoço eu, Beuh e Daniela (Dáhvi), com algumas interlocuções de Jucélia. Nesta conversa, descobri que Beuh é filha biológica da Xamã Alba Maria. O motivo da minha ida até lá também se desfez durante a conversa, pois Beuh me informou que lá não era mais Ponto de Cultura. A conversa rendeu, senti as antenas ligarem quando ouvi que aquelas terras pertenceram à etnia indígena Tupinambá, lembrei-me, imediatamente, que, um dia, minha mãe me falou que a avó do meu avô materno era uma indígena tupinambá do município de Maragogipe na Bahia. Mais sincronicidades e interesses surgiram quando Beuh informou que aquelas terras pertencem a Oxum: senti uma coisa forte palpitar no meu peito, as emoções revelavam que aquela região e a cidade de Simões Filho teriam algo a me revelar.

Descobri que o local também é cercado por comunidades quilombolas, com histórias e segredos, e minha identidade e ascendência negra se animou e se contextualizou com o local.

⁵ Nasceu no interior do estado de Alagoas, tem formação em psicologia e é uma das introdutoras das práticas do Xamanismo na Bahia.

⁶ Orixá feminino do panteão ioruba.

⁷ Posteriormente, passará a ser chamada de Minah, vez que resolveu mudar o nome, razão pela qual ela algumas vezes é apresentada aqui na forma Beuh/Minah, representando o processo de transição do nome. Muitas pessoas da comunidade apresentam nomes sociais, que se constituem por vontade própria ou por ritos de iniciação espiritual do xamanismo. Segundo uma conversa informal com Beuh, que agora se chama Minah, a mudança de nomes pode ocorrer por até sete vezes.

Descobri, no decorrer da conversa, que o nome da cidade, Simões Filho, por sua vez, apaga e invisibiliza o nome de uma liderança feminina que teve uma contribuição significativa no processo de emancipação da cidade, gatilho suficiente pra me instigar à busca por informações. Descobri, através do site *Simões Filho em pauta*, que a emancipadora e fundadora da cidade de Simões Filho foi uma mulher chamada Noêmia Meirelles, que veio a se tornar, inclusive, a segunda pessoa a ocupar o poder executivo do município de Simões Filho, entre os anos de 1967 e 1970, além de ser a primeira mulher eleita prefeita na cidade e no Estado da Bahia. A conversa se prolongou até que chegamos a um ponto de sintonia com a reunião realizada durante o tempo em que esperava, quando comentei sobre o processo de desconstrução dos eus e, por surpresa, fui informada sobre a coincidência, uma vez que este fora o assunto discutido na reunião.

É com base nas teorias do conhecimento situado que utilizo bell hooks⁸ (2013) e Paulo Freire (2005) para situar o meu lugar de fala na construção da autoetnografia que permita a contestação da passividade que fomos educadas(os) a aceitar para nos adaptarmos ao ambiente sem reclamar, uma obediência que produz inércia. Tal como pensou Paulo Freire (2005), faz-se necessário o questionamento das normas da compartimentada e comportada “educação bancária” o que nos obriga a questionar esta realidade. Para aprofundar o pensamento, cito bell hooks (2013) com o objetivo de inserir os marcadores sociais de gênero e raça que, por sua vez, não foram contemplados por Paulo Freire (2005).

Assim como a bell hooks (2013), quero registrar minha gratidão a todas(os) as(os) intelectuais que criaram as suas teorias a partir do seu lugar de fala, uma vez que pude refletir sobre o meu lugar de fala e compreender a associação entre teoria e prática e vice-versa: a teoria necessita se registrar em nossos corpos através da experiência, para que assim possamos exercer uma real comunicação com o público. Para melhor compreensão, cito um trecho de bell hooks:

Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas (HOOKS, 2013, p. 103).

Após a conversa, recordei-me de Carolina Maria de Jesus, escritora negra que me inspira nas reflexões sobre as invisibilizações na escrita. A presença da saudade do campo e a sensibilidade que ela manifestava em relação à vida na zona rural era algo constante em suas escritas. Carolina e eu – chamo-a por seu primeiro nome, como uma forma de demonstrar a

⁸ Utilizo a grafia com as iniciais em letra minúscula em respeito ao desejo da própria autora.

intimidade que sinto em relação ao seu pensamento – sempre buscamos refúgio na Natureza para as ansiedades que a cidade, por ser um lugar em que é mais fácil se encontrar a corrupção, nos provoca, porém, ao mesmo tempo este trabalho é um misto de cidade e campo, uma vez que, atualmente, eu vivo na cidade. Os estudos teóricos e as transcrições do diário de campo ocorreram em Salvador/BA porque achei mais viável transcrever as experiências vividas em um local distante como uma forma de perceber melhor a realidade através do distanciamento.

Houve um intervalo de tempo com silêncios que me angustiaram. O silêncio foi quebrado com a minha ida ao aniversário de 23 anos da Terra Mirim, realizado em um domingo do dia 31 de maio de 2015. Fiquei na dúvida se iria ou não, pois não havia tido retorno do pessoal. Mas eu pensei: vou correr atrás. Comprei o presente: uma dúzia de copos, umas frutas e fui “com a cara e a coragem”. Cheguei às 9 horas da manhã e já havia começado. Beuh me abraçou e disse: “Que bom que você veio, eu não te dei um retorno...”. Senti um alívio, mas, ao mesmo tempo, sabia que não poderia vislumbrar, idealizar nem me frustrar, afinal eu estava ali enquanto pesquisadora.

A Xamã Alba Maria fez um círculo em volta da fogueira e agradeceu às pessoas ali presentes. Quando Beuh fez os seus agradecimentos, eu também fui incluída como a pessoa responsável pela criação do museu comunitário da Terra Mirim, comentário que me gelou da cabeça aos pés, pois, naquele momento, eu senti o peso da responsabilidade que me esperava e que não havia mais como voltar atrás. E em meio à minha preocupação, a Xamã Alba Maria falou que devemos sempre seguir nos movimentando em busca, que quando uma só pessoa para, atrapalha tudo, como uma referência à roda em movimento que estávamos a fazer em volta do fogo. Após a volta em torno do fogo, a Xamã fez uma dinâmica em que as pessoas ali presentes ficariam em par, mantendo contato ocular: eu fiz par com Jucélia, nos olhamos fixamente por um tempo e depois ela me deu boas vindas e disse que desejava que eu pudesse encontrar o caminho que estou a buscar e eu recitei um poema de Paulo Leminski para ela:

eu
quando olho nos olhos
sei quando uma pessoa
está por dentro
ou está por fora
quem está por fora
não segura
um olhar que demora
de dentro do meu centro
este poema me olha.
(LEMINSKI, 2016, p. 17).

Agradei a ela e disse que seus olhos me traziam cores e que a sua pessoa representava para mim uma abertura de portal, uma vez que ela foi a primeira pessoa a me receber por ali e, ao mesmo tempo, que estava pronta para as surpresas que o local tivesse a oferecer.

Foram realizadas apresentações artísticas. Depois, o banquete foi servido e, por um momento, me senti tímida, mas, imediatamente, passei a interagir com as pessoas. Estava passeando pela Casa das Artes quando, por um momento, fui surpreendida com o abraço de Anne (colaboradora da Terra Mirim) dizendo que eu iria realizar o sonho dela de criar o museu da Mirim, ao que eu respondi que a sua afirmação me preocupava um pouco, pois a minha proposta é coletiva. Esta situação me fez perceber a necessidade de reforçar o discurso para as outras pessoas da comunidade que viessem até mim, como aconteceu logo depois com o professor Severiano Joseh e a Xamã Andiara, ambos moradores da Comunidade Terra Mirim. Conversei com Khalyna e perguntei se ela era musicista e ela respondeu que era administradora. Perguntei sobre a origem do seu nome e ela respondeu se tratar de um nome iniciático, que conseguira, inclusive, mudar nos documentos.

Depois desse dia, passei novamente pela tortura do silêncio da comunidade, a ansiedade e o medo de não ser aceita alcançaram o topo, pois ficamos sem comunicação desde o dia do aniversário da Mirim até o dia 14 de junho de 2015, tempo suficiente para que eu encontrasse todos os monstros da tormenta, uma vez que já me sentia sobre o fio da navalha nos aspectos que envolviam o processo da aceitação enquanto agente de pesquisa. No dia 15, o silêncio se quebrou e eu recebi a resposta coletiva do e-mail, inclusive com sugestões e contribuições da Xamã Alba Maria, o que aliviou um pouco as tensões.

O trabalho etnográfico trouxe a percepção da pesquisa como uma construção feita por mim e pelas pessoas que compõem a Comunidade, desfazendo a ideia anterior, pois achava que seria um trabalho descritivo. Aos poucos, percebi que todo o conhecimento cultural ali construído estava baseado na coletividade o que faz com que as identidades ali construídas, inclusive a minha, passem a ser uma soma de toda convivência interpessoal ali vivida.

O dia 4 de julho de 2015 foi o primeiro dia em que eu acordei cedo e fui para o mutirão que acontece todos os sábados na Terra Mirim. Saí de casa com medo da violência dos assaltos nos pontos de ônibus próximo de casa, situação recente vivenciada por mim e comum na cidade do Salvador, atualmente. Segui em frente: precisava conquistar aquelas pessoas. O local é um pouco distante de Salvador e acabei por chegar tarde, já eram 8:30h da manhã; também foi a primeira vez em que adentrei o Templo da Meditação. Jardineiro⁹, que me recepcionou no

⁹ Nome que eu lhe dei naquele dia.

portão e hoje é o meu querido amigo Senhor Amaro, estava a limpar uma árvore de jasmim em frente ao Templo e lembro que a sua fala me fez perceber a inspiração poética que circundava ali: ele disse que sentia como se estivesse tirando a cárie da árvore, que estava com aparência de morta. Esse foi o primeiro rito que realizei na Comunidade Terra Mirim e, em uma conversa com Beuh/Minah, posteriormente, em agosto de 2016, descobri que realizei a ordem correta dos ritos sem nem o saber: mutirão, rito da lua e depois o uso das medicinas (ervas de poder).

A árvore do jasmim é algo que evoca meus medos ancestrais, recordo-me da época em que eu morava na roça e que essa árvore enchia-se de lagartas, situação que intimidava a mim e a minha avó Lourdes. Conversei com Halilah, responsável pelo plantio desta árvore específica. Dialoguei com ela sobre os jasmims, seus cheiros, suas belezas, mas não comentei o medo mais íntimo que o jasmim me provocava. Mhinana me chamou para ajudar a trocar as flores do templo e tive uma conversa muito produtiva com ela sobre o reino vegetal.

Nesse dia, eu conheci a planta chamada Bastão do Imperador, uma linda flor cor de rosa que estava florida pelas redondezas da varanda próxima à cozinha, embaixo do jambeiro (Foto 3). Logo depois, em uma conversa com Daniela, Dáhvi para as(os) mirinianas(os), falamos sobre TV comunitária e lembrei-me do tempo em que as pessoas da comunidade da Pumba iam para a casa de outras pessoas assistir TV. Depois, ao adentrar mais no diálogo sobre a biblioteca e o futuro museu, Daniela me passou um grande aprendizado: “Só prometa o que você puder cumprir”. Daí, imediatamente, eu refleti sobre a importância do pensar as funções e direções do futuro museu para que pudesse ter uma conversa com Khalyna no próximo encontro...

Foto 3 – Flor do Bastão do Imperador – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Realização da autora

Tinha uma reunião com Khalyna No dia 15 de julho de 2015, e foi mais um dia de espera e exercício de paciência: cheguei 12:30h e fui recebida às 13:40h. Este foi um dia poético: ao adentrar pelo portão senti a poesia no ar, como se o vento estivesse realizando uma bela sinfonia e as plantas a dançar; um dia chuvoso e encantador ao mesmo tempo. Comecei a refletir sobre os atrasos e perceber que ali havia um ritmo diferente do que eu estou acostumada a conhecer e que a experiência etnográfica começava a se tornar interessante. Lembrei-me dos escritos de Ruth Landes (1967), em *A cidade das mulheres*, e de quando ela fala sobre todo o seu processo de espera no Terreiro do Gantois para conseguir falar com Mãe Menininha.

Levei uma exposição em *power point* para apresentar a proposta de trabalho a Khalyna e percebi o que ela representa para aquela comunidade: foram várias interrupções com pessoas e telefonemas. Nossa conversa fluiu de forma harmônica, apresentei um pouco da teoria e da prática sobre Museologia e museus comunitários, situação que coincidiu com o desejo da comunidade que estava a organizar todo um acervo com vistas a criar o que ficou marcado para a comunidade com o nome de Memorial.

As intimidades foram se estreitando e aí teve início o meu interesse em participar do Rito da Lua, mas, junto, começaram as minhas crises com o como lidar com o dinheiro ali, pois, até então, eu não sabia lidar com o dinheiro e o valor dos ritos ali realizados eram muito caros para a minha condição social. Por muito tempo fiquei angustiada também com esta questão, uma vez que queria interagir mais, mas havia essa limitação que me afastava daquela realidade. Em uma conversa com o meu orientador, Mário Chagas, eu falei para ele que estava sem entender a relação com o dinheiro estabelecida na comunidade e foi a partir daí que as coisas começaram a se esclarecer, quando ele me indicou que eu lesse o texto “A mãe”, do poeta Aurobindo Akroyd Ghosh, texto que me ajudou muito no processo de harmonização com a comunidade. Compreendi, então, a dinâmica e crença local de que todo o dinheiro precisa voltar para a Mãe Natureza.

São muitos os registros de situações marcantes ali ocorridas, como, por exemplo, o dia em que, pela primeira vez, apareceu uma aranha caranguejeira enorme na Administração. Foram dias também de testes dos transportes: houve vezes em que, ainda em fase de teste e aprendizado, peguei um ônibus na Estação da Lapa, cheio de gente, que parava o caminho inteiro, com barulhos de toda natureza e daí pensei: “É melhor pegar sempre na rodoviária”. O dia 10 de agosto de 2015 foi quando teve início a relação de amizade entre eu e Água Viva, um

homem trans, que se reconhece espiritualmente com este nome e socialmente como Natan¹⁰. Enquanto trabalhava na biblioteca, nós conversávamos sobre variados assuntos.

A primeira vez em que trabalhei na biblioteca, eu adoeci com gripe e reação alérgica. Trabalhei sem os equipamentos de proteção individual (EPI), tema que muitas vezes foi discutido na disciplina de Conservação, estudada na época em que fiz a graduação em Museologia na UFBA e o resultado foi o esperado: negligenciei o aprendizado e a realidade mostrou como funcionam as coisas. Passei por mais um intervalo de silêncio, o que me causou muita ansiedade, desencadeando uma crise de transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) chamada tricotilomania (ato de arrancar cabelos). Arranquei muito cabelo. O medo voltou novamente, pensei em desistir, mas, concomitantemente, pensava que eu não tinha tempo para desistir, que tinha de pensar nas estratégias. Saí, fui às compras dos EPIs, para que eu pudesse trabalhar na biblioteca de forma segura e profissional. Essas sequências de silêncios trouxeram a presença do arquétipo do jaguar e da onça pintada no meu pensamento, animais sagrados importantes para o xamanismo, arquétipos que me deram garra e energia pra seguir o caminho acadêmico.

O silêncio foi quebrado em setembro quando eu fui convidada a voltar para a Mirim, retorno este que aconteceu no dia 10 de setembro de 2015 em que fui convocada a rerepresentar os *power points* antes mostrados a Khalyna, em uma reunião com as/o conselheiras/o da Fundação Terra Mirim, uma visão detalhada sobre as questões relacionadas aos museus comunitários. Esse também foi o dia em que adentrei a Casa do Sol pela primeira vez, um dos espaços que têm passado por constantes transformações desde quando eu por lá cheguei: ao olhar as fotografias, observo mudanças constantes, o que demonstra a vida cíclica da comunidade. (Fotos 4, 5, 6). Passei pela Casa dos Mestres e me pus a ler alguns textos da Xamã Alba Maria, enquanto aguardava a reunião. As(os) participantes da reunião foram: Beuh/Minah, Daniela/Dáhvi, Babuca e Khalyna. Na reunião, Beuh/Minah falou comigo sobre a importância da insistência com os contatos. Propus a Oficina do Objeto, que ficou pré-agendada para o dia 18 de outubro de 2015. Aqui começaram as negociações sobre os valores da alimentação no refeitório, uma vez que os valores cobrados ao público externo não eram condizentes com a minha condição financeira vigente naquele momento. Nesse mesmo dia, novamente saí de lá com fome, pois não estava com dinheiro para pagar o valor cobrado e ainda não tinha intimidade para pedir para pagar depois.

¹⁰ Como já dito aqui anteriormente, é muito comum as pessoas que lá vivem mudarem os seus nomes para colocar um outro de ordem espiritual.

Fotos 4, 5, 6 – Casa do Sol em três fases: no início, em 2015 e atual, 2016 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Comecei a sentir a velocidade do tempo e, num estalar de dedos, eu percebi o pouco tempo que se tem para realização de uma pesquisa de mestrado com cunho etnográfico, uma vez que existe uma demanda de tempo para a aproximação com a comunidade e quando a relação de confiança se estabelece o calendário que oprime entra em ação para informar a hora de aprontar e entregar a pesquisa. Esta situação me recorda o trabalho de Le Goff (2003) quando ele se refere ao calendário como um instrumento de poder.

A conquista do tempo através da medida é claramente percebida como um dos importantes aspectos de controle do universo pelo homem. De um lado não tão geral, observa-se como, numa sociedade, a intervenção dos detentores do poder na medida do tempo é elemento essencial do seu poder: o calendário é um dos grandes emblemas e instrumentos do poder; por outro lado, apenas os detentores carismáticos do poder são senhores do calendário: reis, padres, revolucionários (LE GOFF, 2003, p. 478).

Como foi escrito e registrado nas imagens acima, são muitas as fotografias e os registros das memórias e mudanças ocorridas na Terra Mirim. São tantos cadernos com registros de diário de campo que, por um momento, senti que estava quase me transformando no personagem Irineu Funes do conto de Jorge Luís Borges (1975), conhecido como *Funes – o memorioso*, pois queria fotografar tudo, registrar e gravar tudo, mas aos poucos percebi a importância da seletividade da memória e eu e a comunidade passamos a construir, cada uma a seu modo, a seletividade necessária para a construção da memória coletiva local. Como forma ilustrativa da confusão que o excesso de lembranças e informação nos causam, citamos Jorge Luis Borges:

Locke, no século XVII, postulou (e reprovou) um idioma impossível no qual cada coisa individual, cada pedra, cada pássaro e cada ramo tivessem um nome próprio; Funes projetou certa vez um idioma análogo, mas o rejeitou por parecer-lhe demasiado geral, demasiado ambíguo (BORGES, 1975, p. 116).

Assim, como Funes se descontentou com a linguagem por tentar categorizá-la de acordo com a sua visão de mundo individual, o que resultou em uma disfunção fazendo com que houvesse uma ruptura, visto que estava faltando substância para localizar a sua devida manifestação na língua, assim também está sendo com esta pesquisa, uma vez que temos que selecionar os vários registros de memória nela construídos.

Eu me amparo no pensamento de Sylvie Fortin (2000) para dizer que este trabalho tem se desenvolvido atrelado às concepções poéticas de mundo, daí a necessidade da incorporação da metodologia da autoetnografia, uma vez que faço uso aqui da minha história pessoal juntamente com a minha inclinação pessoal para a poesia, com o fim de atingir algo maior que é a memória da Comunidade Terra Mirim e, assim, sigo o modelo *iô iô*, ou seja, vou e volto, o tempo inteiro, ao encontro das minhas experiências pessoais e das dimensões culturais da Comunidade em questão, para que eu possa construir o pronome pessoal nós, na elaboração desta dissertação de mestrado. Este trabalho necessita da presença da autoetnografia, pois, quando cito exemplos de situações vivenciadas, como esta de que toda e qualquer ação de trabalho realizado na Terra Mirim passa por um processo de compartilhamento posterior das experiências subjetivas vividas pelas pessoas enquanto trabalham, situação que contribui para que eu me recorde da subjetividade que envolve um trabalho etnográfico, uma vez que, durante os compartilhamentos das subjetividades, eu percebia situações vivenciais completamente diferentes, inclusive as minhas. Para tanto, segue a citação de Fortin:

[...] Os modelos desenvolvidos se inserem em uma tentativa de difusão dos saberes pelas formas de escrita evocativas em que a narração não tem por objetivo relatar os fatos, mas se torna principalmente um ato de comunicação para atingir o outro. O que faz alguns dizerem que a auto-etnografia, em razão de suas exigências literárias, não convém a todo mundo. As novas práticas de escrita preconizam muitas vezes formas mistas de escrita incluindo a narração, o romance e mesmo a poesia. Nós criamos, assim, uma divergência do ponto de vista dos pesquisadores sobre o que deveria ser considerado dados da pesquisa, e qual explicação eles deveriam dar da transformação desta narrativa em outras formas literárias (FORTIN, 2000, p. 84).

A metodologia aqui trabalhada é um misto de etnografia e autoetnografia, ou seja, há uma associação entre as duas metodologias. Segundo James Spradley (1979), a etnografia tem

a função de descrever os sistemas culturais dos grupos com o objetivo de entender os modos de vida de acordo com o ponto de vista de quem informa, por isto, resolvi incorporar a autoetnografia como uma nova proposta para a composição deste trabalho, pois percebi a inevitabilidade do contraste entre a experiência individual e a coletiva, uma vez que tento expor políticas de identidade que influenciam e justificam a tessitura deste trabalho.

Procuro me enquadrar nas exigências do tempo e do calendário que limitam este trabalho e percebo a restrição das descrições das observações realizadas aqui. Saliento que experimentei algumas crises existenciais durante a aproximação com o campo de pesquisa, especialmente no período da construção da confiança. Por muitas vezes, meu corpo sofreu as consequências e somou alguns problemas como fortes crises de enxaqueca, cirurgia hospitalar e dor física. E assim, tal como a flor-de-lótus nasce da lama, assim eu me sinto ao escrever sobre esse processo.

Todo esse processo de doença e cura que passei se enquadra no que podemos chamar de violência simbólica a que nós mulheres somos submetidas, uma vez que o patriarcado visa exterminar os nossos valores, a nossa autoestima, nossa saúde, etc., razão pela qual aproveito para destacar o lamento aqui utilizado, uma vez que esses passos estão historicizados, tal como o mostra Fernanda Carneiro (2006) em *Nossos passos vêm de longe*, demonstrando que os passos dados por nós mulheres negras são passos violentados desde longe, que há um princípio de anterioridade, portanto, aqui também é um espaço de resistência histórica, de enfrentamento, recheado, porém, de muita dor.

Busco a cura através do enfrentamento, pois as lágrimas tecem o meu escrever e a produção de conhecimento está corporificada, passou por um processo de dor dentro de uma matriz acadêmica monástica que se destaca e projeta em uma dinâmica que estabelece relações de poder. Para efeitos de exemplificação, cito Fernanda Carneiro:

O direito de exprimir o corpo – sem culpa – sensual e criativo, fiel à sua herança, sem hesitação, trará – mais cedo ou mais tarde – a justiça por ele pleiteada. Falar, dançar, cantar e realizar obras culturais, artísticas e intelectuais singulares marcam a diferença negra em luta pela igualdade: abram alas para a busca do bem viver! O que vale mesmo é o intenso sentimento amoroso do existir. No singular e no plural (CARNEIRO, F., 2006, p. 41).

O primeiro rito de que eu participei na Comunidade foi o mutirão, já comentado anteriormente, seguido do Rito da Lua, da cabana da Sauna Sagrada¹¹, experiência até então

¹¹ “Também chamado de Tenda do Suor, Sauna Natural Sagrada ou Temaskali, é uma prática xamânica

nunca vivenciada por mim. Este rito foi conduzido pela Xamã Andiará e Minah/Beuh. É uma cerimônia que conta com a participação dos quatro elementos da natureza (terra, água, ar e fogo), além da representação simbólica da gestação e do nascimento. Acende-se uma fogueira do lado de fora com pedras no centro do fogo com o objetivo de aquecê-las e logo após um diálogo entre as participantes e a Xamã, as pessoas vão entrando uma a uma na cabana ou Tenda do Suor (Foto 7) com pedras em uma pá que colocam no centro da cabana. Após a entrada da última pessoa, fecha-se a cabana e inicia-se o rito de purificação com cantigas, palavras e silêncio, juntamente com o calor das pedras e a vaporização da água com ervas que a Xamã coloca em contato com o calor das pedras, após o término do rito as pessoas agradecem e seguem para o banho de água fria e em seguida o banho de ervas. Na primeira vez em que participei, tive que oferecer a contrapartida de ajudar na arrumação dos espaços e nos preparativos para a realização do rito, além da contribuição financeira correspondente a metade do valor cobrado ao público externo.

Foto 7 – Imagem da cabana sagrada nas proximidades do Templo do Fogo – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba, 2016



Foto: Fundação Terra Mirim

muito usada por diversas etnias indígenas, especialmente das regiões meso e sul americanas, onde habitaram os Maias, Astecas, Incas e Toltecas. O Inipi ou tenda tem a forma arredondada e com apenas uma abertura voltada para o leste, e um buraco na terra em seu centro. O ritual faz com que cada participante retorne ao útero da Mãe-Terra e, ao sentir o calor das pedras e o vapor da água, conheça melhor a si próprio, seus sentimentos, suas emoções e seus pensamentos. Assim, ao se purificar, todas suas relações passarão a ser diferentes” (Disponível em: <<http://curasdaterra.blogspot.com.br/p/inipi-ou-temaskal-ou-tenda-do-suor.html>>).

Depois de um tempo, fui convidada por Beuh/Minah para participar da Escola XamAM, realizada todas as quartas, pela manhã, horário em que se discute questões relacionadas ao xamanismo e, também, se trabalha na terra. Com a chegada de viagem da XamAM¹², depois da sua Jornada Xamânica realizada no Peru, percebi uma maior movimentação de pessoas na Mirim e captei a importância do seu carisma no que se refere a agregar pessoas. Iniciou-se a Jornada Xamânica na Terra Mirim e, nos dias em que por lá eu estive, foi-me permitido pela XamAM participar de alguns momentos da jornada. Tal oportunidade proporcionou o aprimoramento do meu processo de autoconhecimento, com o desencadeamento de algumas reações corporais, uma vez que pude perceber que o meu corpo responde de forma rápida aos estímulos externos. Para exemplificação, cito uma vivência da Jornada Xamânica de 2015 realizada na Fonte da Guia, experiência que me provocou situações de desarranjo intestinal.

Quero dedicar este parágrafo à Fonte da Guia, por ser um local cultural sagrado localizado nas proximidades da Terra Mirim e que também tem uma grande representação cultural e religiosa para as comunidades quilombolas locais. Há um vídeo com duração de 2'51'' que me foi cedido pela Comunidade Terra Mirim no qual podemos localizar algumas histórias da Fonte da Guia contadas por anciões e anciãs negros e negras do Vale do Itamboatá, nome que abrange toda a região. Elas(es) falam no vídeo que essa tradição da Fonte da Guia atravessa gerações e que o nome é Fonte da Guia porque lá acharam uma santa cujo nome era Nossa Senhora da Guia.

Contam, ainda, histórias de transporte da água nos burros, que a fonte nunca secou, que a temperatura da água sempre foi fria etc. A Fonte da Guia se localiza nas terras da antiga propriedade da Cerâmica de Três Rios onde aconteciam ritos e mutirões organizados pela Comunidade Terra Mirim como uma tentativa de sua preservação, uma das manifestações culturais que representou destaque e importância. Este lugar atualmente não é mais acessado pela comunidade de Terra Mirim, uma vez que o local passou a ser administrado como propriedade particular de um outro grupo. (Foto 8).

¹² Nome utilizado pelas pessoas da comunidade para se referir à Xamã Alba Maria, é uma contração do nome xamã com as letras iniciais do seu nome.

Foto 8 – Gruta Nossa Senhora da Guia – Simões Filho-Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Há, também, a presença dos marcadores sociais de diferença que se fazem presentes na comunidade. Existe um processo de branquitude em desconstrução, porém, o sagrado feminino ainda está embranquecido no quesito referente às apropriações de diálogo ali desenvolvidas: como exemplo, cito os encontros de Louvação e Devoção a Nossa Senhora Desatadora dos Nós que se enquadra no que poderíamos chamar de branquitude do Sagrado Feminino. A branquitude do sagrado feminino tem se apresentado de forma predominante também nos espaços fora do campo de pesquisa, na sociedade em geral e um reflexo disto é a quantidade de publicações bibliográficas que atendem a este sagrado dentro dos moldes dos arquétipos das deusas brancas. As tradições arquetipais não brancas aparecem no campo com uma presença menor.

A comunidade se apresenta em seus discursos como um espaço que desconstrói o capitalismo. Há a existência de um espaço de privilégio social, existindo um perfil formado por uma maioria de pessoas socialmente brancas e de classe média. Ressalto que algumas pessoas não se afirmam como brancas e sim mestiças.

A Comunidade Terra Mirim é um espaço de privilégio na Bahia, o que não leva a uma desqualificação, mas a uma problematização, sendo também um local de enfrentamento às matrizes de desigualdade de gênero uma vez que há a presença do corpo e da territorialidade que tem procurado se desfazer do estrago realizado pela sociedade capitalista, através das práticas e cuidado com a mulher através do sagrado feminino. Como podemos ver, todos os dias somos bombardeadas(os) por notícias de feminicídio que mostram que estamos morrendo, que nossos corpos estão sendo assassinados, que o corpo feminino é visto como um território a ser violado, então, se, na Comunidade Terra Mirim, existe essa presença do sagrado feminino

que respeita a mulher, dá direito à vida, à saúde e ao bem viver, similar ao bem viver e à saúde das mulheres negras reivindicado pela Marcha das Mulheres Negras, verificamos que a Comunidade Terra Mirim ocupa um lugar de status de enfrentamento às matrizes de desigualdade.

Durante o período da Jornada, houve a realização de dois Saraus, com apresentações artísticas, música, performances, teatro. Para vivenciar o Réveillon e o Carnaval na Terra Mirim, ofereci uma parte do pagamento em mão de obra e a outra parte em contribuição financeira. O rito do Ano Novo foi uma experiência importante para a realização deste trabalho, pois lá eu percebi que os preparativos para o ano de 2016 começavam a partir do dia 28 de dezembro de 2015, com a preparação dos espaços e templos da Terra Mirim, a entrega do presente para as Águas, na Ilha de Maré, a Cabana com a Sauna Sagrada e a festa da virada com música e comida ovo-lacto-vegetariana. Todos estes eventos têm um custo e a cobrança pela participação é uma forma de assegurar a sustentabilidade do local.

No período do Ano Novo, houve um trabalho de Rito com a medicina da Ayahuasca¹³ só para as(os) integrantes da Comunidade e recordo-me que, ao perguntar à XamAM se eu poderia participar e a sua resposta foi de que estava muito cheio, eu me senti muito mal, por sentir naquele momento que ainda não era aceita pela comunidade. Passei o dia em frente à fogueira tentando resolver aquela emoção que foi abalada enquanto dizia para mim mesma que eu era uma pesquisadora, que não poderia confundir as coisas e levar para o lado pessoal, que precisava ter paciência.

A ideia para a realização da Oficina do Objeto surgiu através de uma orientação por telefone com o professor Mário Chagas e da leitura do artigo Oficina do Objeto (1998). Esta é uma dinâmica que reúne memórias e objetos com o objetivo de dialogar e fazer uma exposição das memórias que se expressam através dos objetos. A oficina foi realizada em 15 de janeiro

¹³ “Desde tempos imemoriais, xamãs indígenas e curandeiros mestiços da região do antigo império incaico e da Amazônia ocidental brasileira têm usado, para diversas finalidades, uma bebida conhecida pelos peruanos como ayahuasca ('cipó das almas' em quechua), mas que também recebe muitos outros nomes de origem indígena, em suas regiões de uso, como: 'caapi', 'yajé', 'pildé', 'dapa', 'kamaranpi'. Entre caboclos da região brasileira, é também conhecido como 'cipó', 'vegetal', 'daime' e corruptelas da palavra 'ayahuasca' como: 'aoasca', 'huasca', 'uasca', 'hoasca' e 'oasca'. Em torno das experiências de forte caráter místico que proporciona, desenvolveram-se práticas xamanísticas voltadas para a cura, a adivinhação, a caça, a guerra e outros propósitos em que a bebida serviria como um veículo de comunicação, dando aos homens o acesso ao mundo espiritual” (Paulo MOREIRA, 2011, p. 87).

A Ayahuasca é conhecida como um enteógeno, palavra derivada do grego que significa deus dentro de si, referente à inspiração divina. Os enteógenos não são utilizados para fins recreativos, utiliza-se as suas substâncias única e exclusivamente para o estabelecimento do contato com o sagrado.

de 2016 e esta ação teve um retorno positivo¹⁴. Já em relação à exposição, sua temática foi definida em um jogo de tarô com uma Xamã chamada Ana de Lúcia (ex-integrante da Mirim que hoje reside na Itália), que foi feito para a Comunidade Terra Mirim na Tenda da Lua Vermelha onde dez pessoas se levantaram para escolher suas cartas e a leitura foi feita. Eu fui uma das dez pessoas que tiraram a carta, que foi a do Mago.

A realização da Exposição Temporária Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história foi um desdobramento da Oficina do Objeto, com apresentação de memórias e objetos das pessoas da ecovila Terra Mirim. Foi uma exposição ritualizada do início ao fim. Começou com o Rito da Lua e depois o Rito da Ayahuasca, do qual participei pela primeira vez com a comunidade, sendo que antes eu negocieei com a Xamã que pagaria o rito em duas parcelas. A exposição foi inaugurada em 29 de maio 2016. Seria fechada com o rito e fogueira para São Pedro, ao qual não pude estar presente por motivo de saúde, porém, a comunidade se reuniu fez o rito simples e o fechamento espiritual com conversas e orações, situação que me deixou feliz em perceber o respeito e o compromisso das pessoas com aquele espaço expositivo. O fechamento físico da exposição e a sua desmontagem foram realizados por mim no dia 2 de julho de 2016, dia das(os) Caboclas(os) e de comemoração da Independência da Bahia. Desmontei a exposição pela manhã e à noite, a convite de Água Viva, participei do Rito dos Caboclos, coordenado por um Xamã chamado Marcelo que aluga espaço na Terra Mirim para a realização dos seus ritos. Esse rito com o Xamã Marcelo foi com as(os) caboclas(os) e Orixás, experiência que revelou situações que só uma pesquisa etnográfica pode revelar. Faço uso do pensamento de Bárbara Tedlock (2008) como uma tentativa de descrever o diálogo entre o pensamento lógico e as sensações internas vividas neste rito.

Como podemos descrever o estado xamanístico de mente durante o ritual? Alguns pesquisadores se referem a um ‘estado alterado de consciência’; outros usam a expressão ‘estado xamanístico de consciência’. Prefiro o último conceito, pois os xamãs combinam percepções intuitivas que acontecem durante vários estados alterados – inclusive o êxtase e o transe – com percepções internas, que acontecem enquanto estão cognitivamente cientes ou lúcidos (TEDLOCK, 2008, p. 86).

Ressalto que, ao realizar esse último rito com o Xamã Marcelo, não tive a intenção de relacionar com a Exposição, só refleti sobre essa informação dois dias depois, quando peguei a dissertação para editar e fiz as ligações: pensei em Carl Gustav Jung e percebi a força do inconsciente coletivo atuando na finalização da Exposição Temporária, ou seja, conforme foi

¹⁴ Essas descrições serão melhor detalhadas no Capítulo III.

proposto no jogo do tarô, foi tudo ritualizado do início ao fim, a comunidade ritualizou e eu, como parte do processo, também fechei com um rito, da mesma forma que foi concebida.

1.1 O ENTRELAÇAMENTO DINÂMICO COM A COSMOLOGIA DO MICROPLANETA TERRA MIRIM

Segundo informações oficiais constantes no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a atual cidade de Simões Filho era conhecida como distrito de Água Comprida. A história da cidade é marcada pelo colonialismo português, tendo em vista que houve uma forte presença da exploração da cana-de-açúcar no local, entre os séculos XVI e

XVII. Com a devastação das matas, posteriormente, surgem os engenhos de bois de moenda. O local onde, no passado, se localizava a Usina de Engenho Novo, corresponde ao atual centro da cidade.

Seguindo com as informações do IBGE e da Prefeitura Municipal de Simões Filho, foi possível perceber a informação que constrói a história e a memória oficial da cidade na qual se percebe que o distrito de Água Comprida foi emancipado por um grupo de moradores liderados pelo Sr. Walter José Tolentino Álvares, que visava tratar problemas comunitários. A cidade foi emancipada em 1961, sendo batizada com o nome de Simões Filho, como uma homenagem ao jornalista Ernesto Simões Filho, político, jornalista, empresário, ministro da Educação e fundador do jornal A Tarde.

Segundo José Sampaio (1998), falar dos povos Tupinambás nessa região é algo que nos faz voltar no tempo por quase 500 anos e perceber que a área onde hoje se localiza a atual cidade do Salvador, no momento da invasão praticada pelos portugueses, já era povoado pelos Tupinambás, até então, primeiros residentes conhecidos. Os Tupinambás ocuparam não só a Baía de Todos os Santos como boa parte do litoral brasileiro. Por se tratar de um local privilegiado, os Tupinambás também guerreavam com outros grupos indígenas. Os jesuítas, por sua vez, tentaram desarticular os indígenas através da religião e buscando formas de controlá-los pelo medo e, uma vez que eles eram politeístas, os jesuítas escolheram um deus periférico de nome Tupã, que era ligado à divindade do trovão, para amedrontá-los, de forma que os assustaria ao mesmo tempo em que o associariam ao deus cristão que castiga e amedronta.

O fato de os Tupis ocuparem boa parte da costa brasileira não significa que eles vivessem uma unidade, como pensavam os portugueses, que se surpreenderam ao perceber a ausência de uma unidade governamental, uma vez que não havia um rei tupi, tendo cada aldeia sua independência política. José Sampaio (1998) lembra muito bem o espanto dos escritores

portugueses da época, tais como Gandavo, Gabriel Soares e Fernão Cardim, que repetiram sucessivas vezes que se tratava de uma gente “sem fê, nem lei, nem rei”.

A afirmação sem fé e sem lei faz com que detectemos uma postura etnocêntrica e colonizadora dos portugueses, visto que tomaram como parâmetro os seus referenciais culturais. A Baía de Todos os Santos, local privilegiado devido ao mar tranquilo e à floresta tropical, assegurou boa alimentação e suportes que garantiram a sobrevivência dos Tupinambás o que revela o motivo das guerras com outros indígenas, em disputa territorial. Como a Baía de Todos os Santos integra a Baía de Aratu, que se encontra nas proximidades da localidade da época conhecida na região por Água Comprida, atual Simões Filho pode-se localizar a histórica presença ancestral dos Tupinambás na região.

As teias se entrelaçam e amarram coincidências que, por sua vez, aos poucos, faz montar as peças do quebra-cabeças, desenhando um passado indígena que me une à cidade de Simões Filho e à ecovila Terra Mirim, uma vez que temos um passado comum que se desvela através de uma pesquisa de mestrado. Como veremos logo abaixo, a etimologia da palavra Mirim também está relacionada com o vocabulário tupi.

De acordo com informações encontradas no jornal Xamã (1996), publicação da comunidade, Mirim é uma expressão derivada do vocabulário tupi-guarani cujo significado representa a palavra pequeno na língua portuguesa. A composição das palavras “terra” e “mirim” representa a união entre duas línguas de culturas distintas, a língua portuguesa e a língua tupi-guarani, compondo o arco-íris da diversidade étnica que abrange o referido local. Em uma conversa com a XamAM, perguntei a origem do nome Terra Mirim e ela respondeu que surgiu através do desejo de se autorrepresentar como um microplaneta onde tudo possa se encontrar sem que haja a dependência do fornecimento externo de elementos essenciais e necessários à manutenção da vida, tais como a água, o plantio, a colheita, etc.

Há também a existência do Movimento Terra Mirim que é o movimento composto por algumas/alguns residentes e colaboradoras(es) não-residentes que apresenta correspondência com os movimentos sociais dos anos 1960 e 1970, a exemplo do movimento hippie, existindo uma tentativa de continuidade do colorismo e de ideologias que esses movimentos proporcionaram na época, experiência que conta com a atuação e liderança espiritual da XamAM.

A comunidade é composta por condomínios dos quais três têm ligação com a Fundação Terra Mirim e, inclusive, paga-se uma taxa mensal à Fundação. São eles: O Condomínio das Avós, local onde residem pessoas como a XamAM Alba Maria, Khalyna, Andiará, Dáhvi; o condomínio Ganesha, que tem entre seus residentes o professor Severiano Joseh, Ylle, Guêu; e

o condomínio Vale dos Encantados onde residem Vinanda, Halilah, Tici. O condomínio Colméia é independente da Fundação Terra Mirim e conta com as presenças de Água Viva, Minuska, Minah/Beuh, Albina, Ojuara, Babuca, Juliana, etc. Vale ressaltar que há também uma movimentação constante de mudança de casas de pessoas entre os condomínios, o que geralmente ocorre com aquelas(es) que moram de aluguel.

Existem classificações variadas de pessoas: entre os(as) residentes, há integrantes da Fundação Terra Mirim; outras são ex-integrantes da Fundação e do Movimento, ou seja, só integram a comunidade; outras não integram nem a Fundação nem o Movimento, sendo apenas morador(a); e há também as(os) colaboradoras(es) externos que fazem parte da Fundação e do Movimento ou só do Movimento: todas(os) têm o interesse comum de preservação do meio ambiente.

No Estatuto da Fundação Terra Mirim – Centro de Luz, no Capítulo IV Seção 1, encontra-se a seguinte informação referente ao fratrimônio local:

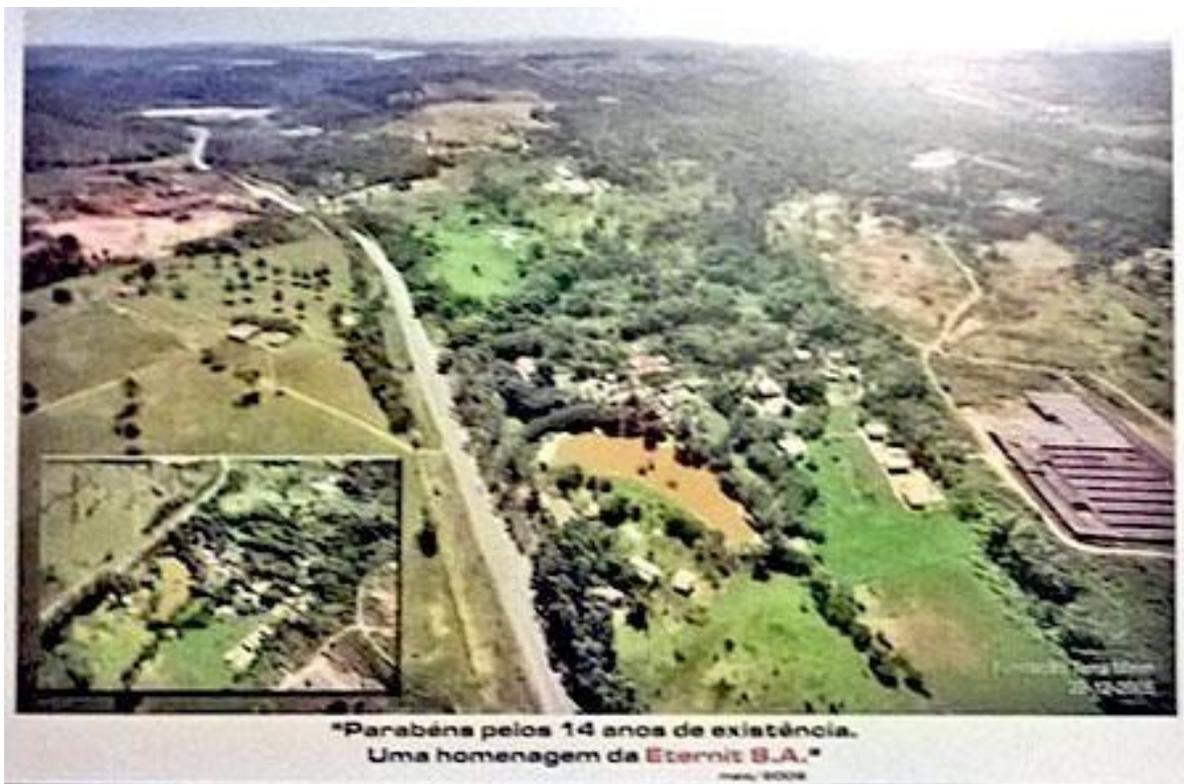
Art. 14 – o patrimônio da FTM-CL é constituído de uma área de terras, doada pela Sra. Alba Maria Nunes de Almeida e o Sr. Kennedy Tavares de Almeida, medindo 2,5 ha (dois e meio hectares), localizada na margem esquerda da BA-093, denominada TERRA MIRIM, desmembrada da propriedade agropastoril FAZENDA MIRIM, situada no município de Simões Filho-BA, conforme escritura pública de compra e venda lavrada nas notas do Tabelião do Primeiro Ofício da Comarca de Simões Filho- BA, cujas características e confrontações constam da escritura mencionada, estendendo dito patrimônio a outros bens que vieram a ser adquiridos sob forma de doação, aquisição, legados, etc.

A Comunidade Terra Mirim precede o surgimento da Fundação Terra Mirim – Centro de Luz (FTM-CL), porém, algumas pessoas residentes do local dizem que se confundem as duas partes, pois uma constitui a outra. A Fundação, que passaremos a citar aqui no texto como FTM, surgiu como um Centro de Luz, no mês de maio de 1992, em uma área rural remanescente da Mata Atlântica, no Vale do Itamboátá, em Simões Filho. Até 1993, ainda em reestruturação, a FTM constituiu um local de realização de atividades pelo grupo fundador e agregados que atuavam como voluntários. Todo esse processo de construção coletiva desencadeia na instituição da FTM enquanto Fundação, em dezembro de 1994, período em que se registra a doação da XamAM Alba Maria. Dezenas de pessoas passaram pelo local em um movimento que se nota mais ou menos nos primeiros nove anos, em que se percebia um objetivo comum entre elas, que era a busca por uma nova forma de vida atrelada às vivências e estudos das tradições sagradas, mais voltadas para o Xamanismo, situação que gerou um novo núcleo comunitário.

Em 1998, a FTM recebeu da prefeitura de Simões Filho, através da Lei nº 553/98, o título municipal de Instituição de Utilidade Pública, devido a sua funcionalidade por trabalhar uma variedade de atividades relacionadas a arte, cultura, educação, hospedagem, editoração, meio ambiente, terapias diversas, agricultura orgânica etc.

A FTM localiza-se na BA 093, tendo como proximidade o Complexo Industrial de Aratu (CIA), o Complexo Petroquímico de Camaçari (COPEC) e a cidade do Salvador. Segundo informações da FTM, a área representa alto índice de riscos ambientais, o que fornece argumentos para que esta se apresente ao público como um local de prática social fundamental, visto que tem recuperado a própria área bem como propiciado a divulgação da consciência atrelada a ações de recuperação e preservação de reverência à natureza. Na atualidade, a Comunidade Terra Mirim conta com mais ou menos trinta residentes que estão voltadas(os) para a questão do zelo e da consciência, cumprindo, assim, o propósito de sustentar os ideais da Comunidade. Para ilustrar, colocamos abaixo a fotografia aérea do local e suas proximidades. (Foto 9).

Foto 9 – Fotografia doada pela Eternit S.A à FTM nos seus 14 anos de existência, a fotografia encontra-se pendurada na parede da Administração da FTM



Fonte: Realização da autora

Seguem abaixo as fotografias do portão da Comunidade Terra Mirim no início e na atualidade (Fotos 10, 11) como uma forma de verificarmos, através das imagens, as constantes mudanças que ocorrem no local, o que tem me feito sentir um forte desejo de fotografar tudo o que vejo, pois como as coisas por lá ocorrem de forma bem cíclica, fico no desejo de guardar a memória visual do que era antes e as transformações sofridas.

Fotos 10, 11 – Terra Mirim no passado e na atualidade, 2016 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Comunidade Terra Mirim

Por lá se desenvolveram vários projetos, dentre eles, o Projeto Águas Puras que surgiu com a finalidade de recuperar e limpar o rio Itamboató, que tem passagem pela FTM e Comunidade Terra Mirim (Foto 12). Este rio possui duas nascentes principais, uma localizada nas proximidades do município de Candeias e a outra na cidade de Simões Filho, próximo ao abatedouro de bovinos Corvel, localizado na periferia da cidade, onde se constata um alto índice de degradação. Um vídeo reproduzido no *youtube* mostra, de forma clara, a forte descarga de sangue no local, o que transforma o rio, em um rio de sangue.

O Itamboató é afluente da margem direita do rio Joanes, importante abastecedor de água das cidades do Salvador e Camaçari, vale ressaltar que a foz do Itamboató se encontra vazante da represa Joanes II e aglomerada da represa Joanes I, fazendo abastecimento das cidades citadas acima, toda essa região pertence à Área de Proteção Ambiental (APA) do rio Joanes.

No passado, a comunidade também teve uma filial na cidade do Salvador, que funcionava no Espaço Lumiar, localizado na Alameda das Seringueiras, quadra 4, lote 44, Caminho das Árvores. Para ilustrar, colocamos a fotografia do antigo espaço (Foto 13).

Foto 12 – A comunidade juntamente com os técnicos da COPENE, realizando a limpeza do rio Itamboatá, em 2001 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Foto 13 – Espaço Lumiar, antiga filial da Comunidade Terra Mirim, Caminho das Árvores, Salvador-Ba



Fonte: Acervo da Fundação Terra Mirim

Como representação da memória viva do Espaço Lumiar, cito um trecho da fala de Albina, moradora do condomínio Colméia, condomínio agregado à ecovila Terra Mirim. Albina conta um trecho da sua história e descreve o seu primeiro contato com o xamanismo que perpassa pela memória do espaço Lumiar.

[...] o grupo lá de Terra Mirim, as pessoas estavam começando, lançaram a Revista Xamã, era um jornal na verdade, foi o primeiro jornal, e o primeiro jornal foi lançado lá no Caminho das Árvores que era um espaço chamado Lumiar que era assim, era de Terra Mirim, né, que representava a Terra Mirim lá. Alba atendia lá, tinha algumas pessoas que atendiam, e lá eu fui para um

lançamento, uma amiga me chamou para um lançamento dessa revista Xamã, jornal. E no jornal a primeira pergunta era: O que é Xamanismo? eu nunca tinha ouvido falar em xamanismo, eu tenho esse jornalzinho até hoje, e aí eu peguei jornal e tal, assisti a palestra, quando eu voltei pra casa que eu fui ler o que é xamanismo, então assim eu me identifiquei, eu disse: poxa é isso o que eu acredito, e que eu quero né? então houve uma identificação.

Continuando com os registros das memórias que revelam aspectos importantes para a vida comunitária da Terra Mirim, também se encontra o livro *A voz dos quatro elementos: histórias de uma Xamã*¹⁵ cujo lançamento ocorreu em 21 de junho de 1995 (Foto 14). Este livro conta a história do processo iniciático da XamAM Alba Maria, quando ela recebe uma iniciação xamânica profunda por essência, que foi o momento em que ela ouviu a voz dos quatro elementos da natureza que a incumbiram de colocar as suas vozes no mundo.

Foto 14 – Lançamento do livro *A voz dos quatro elementos*, realizada em 21 de junho de 1995



Fonte: Fundação Terra Mirim

Nesse intervalo de tempo, as pessoas perceberam a necessidade de ampliação do movimento através da inclusão das comunidades do entorno. Em uma entrevista com Minuska, fundadora da Escola Ecológica, pude perceber, através da sua fala, o seu empenho em se

¹⁵ Este livro foi inicialmente publicado pela editora Deva Publicações e atualmente se encontra reeditado pela Editora Kalango.

deslocar para as comunidades vizinhas em busca de crianças para frequentar a escola. O aconchegar entre as comunidades se deu de forma cuidadosa, a princípio, por intermédio da Escola Ecológica e das ações de zelo pelo Meio Ambiente local. Atualmente, a FTM é conhecida como uma Fundação Comunitária sem fins lucrativos que tem como princípio ser referência em meio ambiente para as comunidades que compõem o Vale do Itamboatá.

Como forma ilustrativa, segue um trecho da entrevista realizada com Minuska:

Quando eu cheguei lá não tinha esse trabalho com o entorno, tinha um trabalho mais para as pessoas que vinham de Salvador e aí eu fui educadora, eu fui sugerir em começar o trabalho com crianças, eu conversei com quatro meninos que moravam perto, filhos de trabalhadores, o meu interesse era comunidades populares. Eu comecei com quatro filhos de trabalhadores, (inaudível) ao redor, depois, eu fui buscar crianças em Dandá, de ônibus, de coletivo, lá eu ia, e aí era a comunidade quilombola naquele tempo ainda não era oficializada como quilombola, não foi fácil chegar lá. A primeira vez eles resistiram muito em deixar as crianças deles irem, e com razão né, foi todo um processo de conquista, e aí o grupo foi crescendo, crescendo... (Informação verbal).

A organização da FTM é composta por: Conselho Curador, Conselho Fiscal e Superintendência, que integra as Gerências e as Assessorias. A FTM é administrada com base nos princípios da hierarquia horizontal, de forma que o poder possa estar descentralizado. Desenvolve ações com as comunidades do entorno através de projetos ambientais, culturais, socioeducativos etc.

Segundo o Estatuto, a FTM constitui receitas com rendas relacionadas a algumas atividades tais como: dotações e subvenções obtidas junto à União, aos Estados e Municípios ou aos órgãos públicos da administração direta e indireta; auxílios e contribuições provenientes de entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras; doações de pessoas físicas e jurídicas, nacionais e internacionais, colaboradores constantes ou eventuais; rendimentos dos imóveis de sua propriedade; doações e legados; rendimentos de aplicações financeiras, rendas constituídas por terceiros em prol da Fundação, etc.

A FTM possui um corpo de voluntários que se constitui por colaboradores residentes e não-residentes. Os colaboradores denominados contribuintes podem ser pessoas jurídicas ou físicas que se identifiquem com a proposta da FTM que, por sua vez, contribuem financeiramente ou por outra modalidade qualquer, podendo ser eventual ou constante, tendo como finalidade o cumprimento do seu objetivo. Há também a categoria de colaboradores beneméritos, que são as pessoas físicas que prestam serviços relevantes à FTM e, como contrapartida, recebem uma especial distinção que depende primeiramente de uma aprovação absoluta no seu Conselho Curador.

A FTM possui uma comunidade residencial nas fronteiras do seu espaço físico com uma maior predominância do sexo feminino entre as/os moradoras(es). As pessoas que ali vivem estão interligadas por um modo de vida que as integre com a mãe natureza e com a espiritualidade baseada nos princípios do xamanismo, com interesses voltados para o movimento comunitário autossustentável que tem por finalidade a concretização e o desenvolvimento da educação, da arte e da ecologia como partes interligadas e integradas.

A comunidade Terra Mirim tem como proposta fundadora a prática do Xamanismo da Deusa Mãe, que engloba o culto e a sacralização dos quatro elementos da natureza, havendo o interesse em preservar a cultura espiritual milenar e instituidora da comunidade e da FTM. Segundo informações obtidas no local e no site oficial da instituição, a FTM possui alguns programas que ali se desenvolvem, tais como o Programa do Acolhimento, que é um programa permanente da FTM e da Comunidade Terra Mirim, em que ambos vivenciam e praticam o Xamanismo da Deusa Mãe que acolhe pessoas, famílias ou grupos do Brasil e do exterior. Este programa facilita o desenvolvimento espiritual e proporciona às pessoas uma experiência de vida comunitária. Existe um convite para que as pessoas que lá estão participem das atividades diárias, cuidando dos jardins, hortas, pomar e, neste ato de doação, segundo a tradição local, elas recebem da Mãe Terra inspiração e revelações, de forma que possam sentir o refletir da luz divina fora e dentro de si mesmo.

Ao assumir o compromisso de residente da Comunidade Residencial, a pessoa se compromete com o exercício da prática de vida integrada com a natureza, desenvolvimento pessoal atrelado à convivência comunitária e, também, a prática do trabalho associada à devoção que se integra com o ser divino de cada uma(um). As pessoas que vivem na comunidade e participam do Movimento Terra Mirim entendem que convivem em um local sagrado e estão sob orientação constante da liderança espiritual do lugar, a XamAM Alba Maria. Para a comunidade, este estilo de vida possibilita um cotidiano que permite a sua reconexão com a natureza, assegurando-lhe, assim, a promoção do crescimento de cada uma(um).

De acordo com um artigo escrito por Khalyna (Xamã e administradora da FTM), na revista Xamã, publicada em 1997 pela Fundação, encontramos a seguinte informação:

1997, período de transformações profundas e de revisão das ações, atitudes e resultados, desde a comunidade residencial que se expandiu rapidamente com a construção de novas casas e chegada de novos residentes, à comunidade profissional (cooperativa de talentos) descobrindo cada vez mais o caminho para a autosustentabilidade, otimizando os recursos que dispõe, profissionalizando

ainda mais os serviços, diversificando os produtos, expandindo-se para o interior, outros estados ou países.

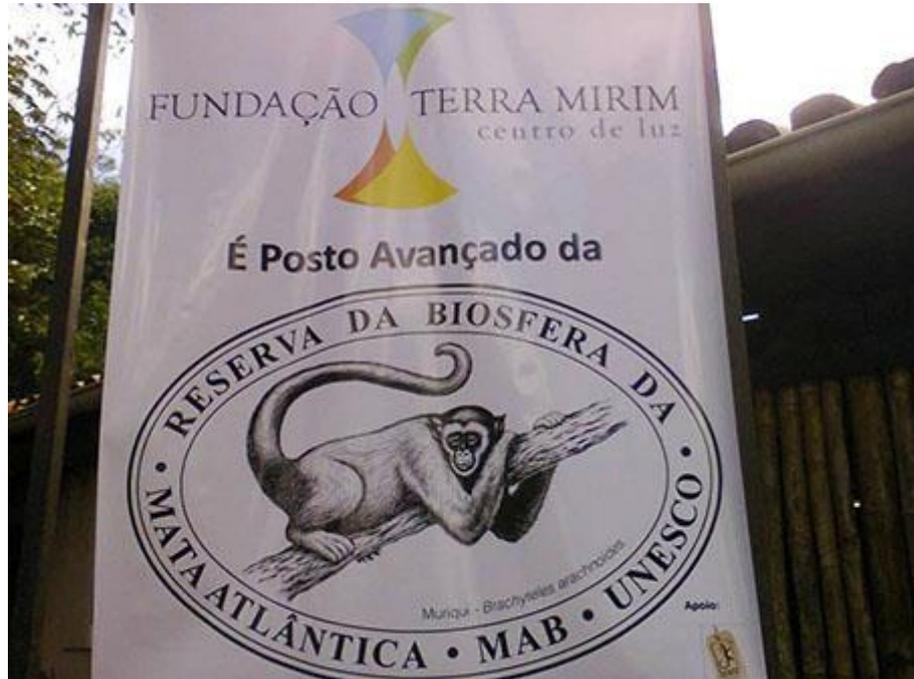
Em relação à organização interna, criou a casa da administração, área de informática e atualizou as áreas contábil e jurídica. Transformou o jornal Xamã em revista, e editou o filme sobre a Fundação Terra Mirim também com versão em inglês. Ampliou seus trabalhos além da clínica e chegou efetivamente à organizações através de palestras e consultoria focada no desenvolvimento humano. Criou o espaço Mirim a fim de acolher trabalhos com crianças, jovens e educadores. Na área ambiental, plantou mais de 300 árvores, limpou rios e lagoas e recuperou áreas verdes, ajudando a respiração desta região já bastante poluída e com alto grau de risco, situada entre Simões Filho e Camaçari (Revista Xamã, p. 20, 1998).

A Comunidade Terra Mirim cuida também de um acervo vivo composto de espécies vegetais que, inclusive, lhe asseguram o título de Polo Avançado de Preservação da Mata Atlântica concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), no ano de 2015 (Foto 15). Vejo que a própria comunidade já é um museu. Como forma complementar da informação, citamos a informação direta constante no site oficial da FTM.

A Fundação Terra Mirim é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, de base comunitária, instituída no ano de 1992, dedicada à promoção de uma Ecologia Integrativa que visa contribuir para o realinhamento, a reconexão e o fortalecimento de alternativas para uma vida de harmonia entre os seres humanos, suas culturas, sociedades e a Natureza. Localizada na BA 093, km 07, em Simões Filho, foi aprovada pelo Bureau da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica para atuar como Posto Avançado da RBMA, por ter comprovado que desenvolve, de forma regular e mensurável, ações significativas nas três funções básicas das Reservas da Biosfera - Conservação, Conhecimento e Desenvolvimento Sustentável - conforme definição do Programa Man and Biosphere da UNESCO – A RBMA foi a primeira unidade da Rede Mundial de Reservas da Biosfera declarada pela Unesco no Brasil. (Fonte: <http://terramirim.org.br/educacao-ambiental-e-cidadania-sustentavel>).

Fotografias testemunham as transformações ecológicas ocorridas no local, uma vez que em um passado de quase 24 anos, o local era um pasto, inclusive, pessoas antigas de lá relatam que o local onde hoje funciona a Casa das Artes era o curral, no passado, quando ali era uma fazenda de pastos. O espaço das plantas viventes da Comunidade de Terra Mirim tem, na sua formação, plantas alimentícias, de cura, ornamentais, de interesse científico etc., o que favorece a ampliação da biodiversidade no planeta. Para que possamos acompanhar o processo de reflorestamento local, colocamos uma foto do Recolhimento (um dos locais em que as(os) hóspedes ficam alojados em seus quartos) no passado e na atualidade. (Fotos 16, 17).

Foto 15 – Fundação Terra Mirim, Posto Avançado da RBMA – Simões Filho-Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Foto 16 – Recolhimento na década de 1990 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Foto 17 – Recolhimento à esquerda e Casa das Artes à direita, em 2016 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Realização da autora

Houve um reflorestamento significativo na região, ao longo dos anos, como podemos ver através das imagens que documentam a identidade da militância ambiental do lugar. Bananeiras, jaqueiras, guiné, água d'alevante, eucalipto, etc. convivem e constroem o fratrimônio da comunidade associados às relações humanas que se constroem no local através do xamanismo dos quatro elementos.

1.1.1 Xamanismo

O xamanismo é uma prática milenar e, para a surpresa de alguns, não é uma prática restrita aos povos indígenas. É certo que os indígenas estão entre os responsáveis pela manutenção e salvaguarda da Medicina da Terra, porém, segundo informações de Alba Maria (2006), o xamanismo representa uma tradição milenar de povos que habitaram as regiões mais inóspitas da Terra. Para a autora, o xamanismo chegou primeiro nos caminhos do Polo Norte, lá pelas regiões da Sibéria, do Alasca e da Ásia, difundindo-se por todo o continente.

Para compreender o significado da palavra Xamã, cita-se Alba Maria (2006), a então XamAM da Terra Mirim:

Xamã é uma palavra que, para os povos Tungus da Sibéria significa ‘aquele que sabe’. Xamã é aquele homem ou mulher que entra em estado alterado de consciência, mergulhando em si, com a finalidade de resgatar sua alma na intenção de elucidar (curar) sintomas (doenças) daqueles que o buscam. Nesta tentativa, o xamã procura esclarecer seja para uma pessoa, comunidade ou organização que o sintoma manifestado representa um desvio, uma ofensa às energias sutis. (Maria, 2008, p. 5).

Para complementar o pensamento sobre a palavra xamã, citamos o pensamento acadêmico de Edward Macrae:

Para entender o conceito antropológico de xama, e preciso lembrar que a palavra teve origem na tribo dos Tungs da Sibéria, mas denota práticas largamente difundidas em todo o planeta. Durante um rito xamanístico, um visionário inspirado, o xamã, entra em transe profundo e, em nome da sociedade a qual serve e com a ajuda de espíritos protetores, estabelece relações com as entidades espirituais. O xamã, então, viaja em direção a uma realidade extraordinária para ajudar os membros de sua comunidade. Isso pode ser feito com a intenção de diagnosticar/tratar certos males ou com o propósito de adivinhação/profecia, ou ainda com o objetivo de conseguir força através do contato com espíritos, animais de poder, aliados tutelares e outras entidades espirituais.

Tal transe, ou viagem, acontece durante o que se costuma chamar de ‘estado alterado de consciência’, rótulo que agrupa experiências em que o sujeito tem a impressão de que o funcionamento habitual de sua consciência se modifica e que ele vive uma outra relação com o mundo, consigo mesmo, com seu corpo, com sua identidade. Estes estados podem ocorrer espontaneamente, ou são induzidos através de técnicas de meditação, exercícios de respiração, jejuns ou pela ingestão de substâncias psicoativas (MACRAE, 1992, p. 18).

A XamAM Alba Maria exerce o papel de cuidadora espiritual da comunidade dentro dos parâmetros acima descritos por Edward Macrae (1992). Esses cuidados se renovam e

reapctuam a cada rito compartilhado com as(os) participantes, cada aconselhamento, mediação de conflito etc.

Seguindo o pensamento de Bárbara Tedlock (2008), o xamanismo tem uma aparência de natureza universal, porém, as diferentes culturas e indivíduos configuram as suas práticas de formas distintas. É importante salientar, também, que, enquanto prática, é muito rara a situação em que ele venha a se apresentar enquanto instituição social formal. Para tanto, cita-se:

Os praticantes do xamanismo compartilham a convicção de que todas as entidades - inanimadas ou não- estão imbuídas de uma força de vida holística, de energia vital, consciência, alma, espírito, ou alguma outra substância etérea ou imaterial que transcende as leis da física clássica. Cada membro desse cosmos extraordinário é participante da energia de vida que mantém o mundo reunido (TEDLOCK, 2008, p. 29).

O xamanismo é uma tradição de origem oral, ou seja, é um aprendizado que se constrói diretamente na fonte, não com a leitura de livros; é algo que se baseia na vivência prática, inserindo o pensamento de que a criatividade da mente é um fator preponderante para o desenvolvimento espiritual e o bom funcionamento do corpo físico. O xamanismo, ao contrário da sociedade normativa que compõe uma maioria que estrutura e projeta as pessoas para o externo, apresenta a característica de facilitador para que os indivíduos despertem para o seu eu superior para, assim, acessar o poder e a capacidade de curar a si próprios, pois, de acordo com a tradição, tudo o que acontece em nossas vidas e em nossos corpos tem origem na nossa consciência, tornando necessário, portanto, o regresso ao estado natural de equilíbrio e integração com a natureza como um todo.

O xamanismo trabalha muito com o que se entende como sagrado – tudo é sagrado, a lua, o sol, a Mãe Terra etc. – e, assim, adentrar nesse campo exige o respeito à essência que ali se manifesta, honrá-la. Estar em contato com um(a) Xamã significa acessar um grande ensinamento que, por sua vez, já está dentro de nós, porque ele(a) faz com que a pessoa regresse e acesse os seus potenciais maiores, ou seja, é um trabalho de conexão interior que ativa a força que, por muitas vezes, pode estar adormecida. Tal como para a física, sua concepção de mundo também se encontra baseada na percepção das energias, ou seja, é preciso trabalhar com as energias que se acessa através das vivências xamânicas as quais se estabelecem nos ritos e no cotidiano das pessoas, de forma que estas possam recuperar suas energias que podem estar sendo roubadas de diversas formas tais como as pessoas, o Sistema¹⁶. Também se utiliza muito a

¹⁶ Palavra muito utilizada pelas pessoas para situar o sistema capitalista vigente.

energia dos animais de poder, ou seja, a associação do arquétipo de determinado animal que se relaciona de forma íntima com o ser interior das pessoas, e essa energia ativada pode ajudar na resolução de problemas cotidianos.

Essa convicção é compartilhada na Comunidade Terra Mirim. Dentre as várias práticas de xamanismo existentes, ressaltamos que a prática realizada aí, é o xamanismo das quatro direções sagradas, com os quatro elementos, que reverencia os quatro elementos da natureza – o fogo, a água, a terra e o ar –, de forma que se possa perceber que toda a vida gira em torno da Unidade. Em termos da física, estamos diante de uma roda com os quatro pontos cardeais demarcados, construindo uma formação geométrica com a capacidade de funcionar na captação, concentração e distribuição de energia, o que representa a simbologia da vida e seus movimentos.

A direção leste representa o elemento fogo, que permite a conexão com o sol e se relaciona ao nível espiritual e ao princípio masculino. A direção sul representa o elemento água, que se relaciona com a limpeza e a purificação da parte emocional e o princípio feminino. A direção oeste representa o elemento terra, que está relacionado ao nível da matéria, ou seja, o nível físico da existência; também é um princípio feminino. Já a direção norte representa o elemento ar, que está relacionado ao nível mental e ao princípio masculino. Vale ressaltar que a sexualidade trabalhada no xamanismo trata-se da sexualidade universal e não da sexualidade genital. Assim como está representado na Figura 3, também se encontram divididos os quatro templos na Comunidade Terra Mirim, obedecendo à ordem lógica das quatro direções sagradas.

Figura 3 – Imagem gráfica representativa das quatro direções e os seus respectivos quatro elementos



Fonte: <http://terramirim.org.br/>

Ao adentrar esse conhecimento, pude fazer uma analogia com a mitologia ioruba e notar a convergência dessas duas culturas que percebem a criação como uma “consciência em movimento”, ambas preocupadas em compreender e codificar esse movimento que nos revela a nossa natureza onde se encontra a nossa real identidade.

É importante ressaltar também que os povos tradicionais do xamanismo consideram o meio ambiente como sagrado, daí a percepção da Terra Mirim como um local de referência de proteção ao meio ambiente. Tudo na natureza se apresenta com uma vitalidade sobrenatural. Dentre as várias aprendizagens no meu dia a dia por lá, pude constatar, na teoria, a mesma percepção que tive da subjetividade das pessoas que por lá vivem:

O conceito nativo da terra (o Fenua dos polinésios) inclui fenômenos meteorológicos como o vento, a chuva, o ciclone, as nuvens, o trovão, a neve, o gelo; particularidades geofísicas como as cordilheiras, os rios, os lagos, as lagoas, as quedas d'água, as fontes, os mares, os oceanos, os *canyons* e as formações rochosas; entidades não humanas como os répteis, os pássaros, os insetos e os mamíferos. O céu, o sol, a terra e certas constelações (especialmente as Plêiades, entre os hopis) são sempre considerados como sagrados (DROUOT, 2001, p. 264).

Tal como Carlos Castañeda (1999), ressalto que este trabalho está imbricado de um intercâmbio natural da minha personalidade, de forma que me vejo passar por um processo de socialização que permite novas racionalizações e que, aos poucos, vou percebendo a derrota de algumas resistências desenvolvidas por mim.

Sinto aqui a necessidade de fazer uma analogia entre o xamanismo e a bruxaria, uma vez que o trabalho exige uma historização e reflexão sobre a identidade das bruxas. As bruxas eram mulheres sexualmente donas do seu próprio corpo, mulheres que viviam em comunidade, as benzedoras, as xamãs, as pajés, entre outras.

A bruxaria aqui discutida se apresenta como um espaço de feminismo histórico, uma vez que o feminismo é uma generosidade. É o fortalecimento das bases da mulher que nos permitirá construir um mundo mais igualitário e mais justo. Como suporte teórico da noção sobre feminismo, cito Julieta Paredes (2008), feminista indígena boliviana, com o seu conceito comunitário a respeito do feminismo.

Parece-nos importante partir de nossa definição de feminismo: feminismo é a luta e a proposta política de vida de qualquer mulher em qualquer lugar do mundo, em qualquer etapa da história que se tenha rebelado ante o patriarcado que a oprime.

Esta definição nos permite reconhecer-nos filhas e netas das nossas avós aymaras, quéchuas e guaranis rebeldes e antipatriarcais. Também nos coloca como irmãs de outras feministas no mundo e nos posiciona politicamente frente ao feminismo hegemônico ocidental.¹⁷ (PAREDES, 2008, p. 7).

Como podemos ver, o feminismo, o xamanismo e a bruxaria se convergem, na medida em que partem de um enfrentamento ao sexismo, lesbofobia, transfobia e todos os marcadores sociais de diferença. Como pudemos identificar com Julieta Paredes (2008) e Fernanda Carneiro (2006), nossos passos vêm de longe, são passos feministas ancestrais...

De acordo com o pensamento de Laila Rosa (2010), percebo a analogia entre a perseguição às bruxas da Idade Média e a marginalização contemporânea para com as atuais mulheres bruxas feministas que buscam a reconexão com a sua força interior como um veículo de empoderamento, visto que estas práticas são geradoras de respeito e capital simbólico. Percebo aqui uma sintonia com a fala da XamAM na Comunidade Terra Mirim sobre a reivindicação ao direito de exercer a espiritualidade.

As mulheres da Comunidade Terra Mirim ocupam um espaço genial de autoria das composições musicais, situação contrária ao processo hegemônico em que a autoria fica por conta dos gênios da masculinidade hegemônica, uma vez que, historicamente, o espaço da composição e da autoria é um espaço de poder masculino. A autoria dessas mulheres vem inspirada pela espiritualidade, ou seja, é um processo de canalização espiritual que vem da tessitura da memória, da imaginação museal, desse enfrentamento epistemológico que diz respeito aos conhecimentos e vivências contra-hegemônicas construídas pelas mulheres. Como ilustração, segue a canção de nome Plantadeira canalizada e composta por Minuska Lima:

Plantadeira
 Eu vim do corpo da minha mãe, Ela me deu semente boa,
 Nutre meu corpo,
 Se espalha em bênçãos,
 Sou plantadeira de semente boa.

¹⁷ “Nos parece importante partir de nuestra definición de fememismo: fememismo es la lucha y la propuesta política de vida de cualquier mujer en cualquier lugar del mundo, en cualquier etapa de la historia que se haya rebelado ante el patriarcado que la oprime. Esta definición nos permite reconocernos hijas y nietas de nuestras propias tatarabuelas aymaras, quechuas y guaraníes rebeldes y antipatriarcales. También nos ubica como hermanas de otras feministas en el mundo y nos posiciona politicamente frente al fememismo hegemónico occidental”.
 Observação: todas as traduções aqui apresentadas são de minha autoria.

Existe uma coletânea dentro da imaginação museal, ou seja, essas memórias são ritualísticas, corpóreas e também repertório. Esse é o campo, a Comunidade Terra Mirim oferece um rico campo espacial e também apresenta uma territorialidade sagrada que traz diferentes repertórios e rituais com diversas experiências.

2 FASE METAMORFOSE: A DINÂMICA QUE TECE A MEMÓRIA, O GÊNERO E O FRATRIMÔNIO

No momento em que fui para a Comunidade Terra Mirim realizar a pesquisa etnográfica, estava preocupada em compreender as relações comunitárias que lá se estabeleciam em um movimento com a espiritualidade baseada no Xamanismo. Conforme as relações foram se estreitando, tive a oportunidade de perceber que o campo oferecia algo a mais: é uma comunidade que tem dentro de si um Movimento e uma Fundação, liderados por uma mulher, a XamAM Alba Maria que, por sua vez, é assessorada por uma maioria de mulheres.

A Comunidade Terra Mirim se situa na classificação do que se conhece por Comunidades Intencionais, tendo ainda uma outra classificação dentro desta que são as Ecovilas. Para maiores esclarecimentos, citamos os conceitos de William James Metcalf:

Comunidades Intencionais definida como Comunidade Intencional: cinco ou mais pessoas, de mais de um grupo familiar ou de parentesco, que voluntariamente se juntam com a finalidade de melhorar problemas ou inadequações sociais conhecidos. Elas buscam viver além das amarras da sociedade convencional ao adotar uma alternativa social e cultural conscientemente construída e geralmente bem pensada. Na busca de seus objetivos, elas compartilham aspectos significativos de suas vidas entre si. Participantes são caracterizados por uma consciência coletiva, vendo a si mesmos como um grupo coeso, separado da sociedade da qual surgiu e, em muitos sentidos, melhor que ela.

Ecovila: uma comunidade intencional cuja meta é a sustentabilidade, assim como a justiça social, igualdade, paz e assim por diante.¹⁸ (METCALF, 2012, p. 21).

A experiência etnográfica me fez compreender o conceito de comunidade intencional e de ecovila, assunto que até então desconhecia. Conhecia apenas as modalidades das comunidades tradicionais, em uma das quais, inclusive, nasci, que são as comunidades tradicionais rurais. No caso específico, a Comunidade Terra Mirim se classifica como uma ecovila que integra o que se conhece como comunidade intencional, tendo como base para a

¹⁸ *“Intentional Communities Defined Intentional community: Five or more people, drawn from more than one family or kinship group, who have voluntarily come together for the purpose of ameliorating perceived social problems and inadequacies. They seek to live beyond the bounds of mainstream society by adopting a consciously devised and usually well thought-out social and cultural alternative. In the pursuit of their goals, they share significant aspects of their lives together. Participants are characterized by a ‘we-consciousness’, seeing themselves as a continuing group, separate from and in many ways better than the society from which they emerged”.*
“Ecovillage: An intentional community where environmental sustainability is sought, along with social justice, equality, peace, and so forth”.

maioria, os processos participativos locais baseados na prática do Xamanismo integrando, assim, bases holísticas que abrangem dimensões sustentáveis, tendo como principal finalidade a recuperação e a manutenção dos ambientes naturais.

2.1 MUSEOLOGIA E FRATRIMÔNIOS

A Museologia aqui trabalhada é uma prática aprendida com o campo de pesquisa onde pude perceber a importância da inserção da poesia do universo xamânico dentro da prática museológica. O xamanismo dos quatro elementos da natureza permitiu a percepção da probabilidade da criação e concretização do sagrado através da poesia, situação que nos permite uma renovação das possibilidades de práticas museológicas que, por sua vez, podem estar atreladas à ancestralidade que se propõe a enfrentar a hegemonia do discurso museológico.

Como forma de exemplificação, faço uma analogia entre o xamanismo e a mitologia grega citada por Mário Chagas (2009) como uma forma de compreender uma das hipóteses da etimologia da palavra “museu” que, por sua vez, está associada a arquétipos que nos possibilitam uma outra forma de expressão baseada em outros termos igualmente apropriados.

A relação entre o museu e a poesia tem âncoras no mundo mitológico. Filha de Zeus e Minemósine, a musa Calíope, dedicada a poesia épica, uniu-se a Apolo e gerou Orfeu. Apolo, Calíope e Orfeu movimentam-se com liberdade no mundo da poesia. Orfeu, por seu turno, unindo-se a Selene (a Lua), gerou Museu, personagem semimitológico, herdeiro de divindades, comprometido com a instituição dos mistérios órficos, autor de poemas sacros e oráculos. Esta tradição mitológica sugere a idéia de que o museu é um canto onde a poesia sobrevive. A sua árvore genealógica não deixa dúvidas: a poesia épica de Calíope unida à lira de Apolo, gera Orfeu, o maior poeta cantor, aquele que com o seu cantar encantava, atraía e curava pedras, plantas, animais e homens. O iluminado Orfeu deu origem ao poeta Museu (CHAGAS, 2009, p. 5-6).

A partir do que pudemos ver na citação acima, recordei-me da fala da XamAM Alba Maria, durante a realização da Oficina do Objeto, quando nos comunicou algo pertinente para colocar aqui, pois nunca havia refletido sobre a possibilidade de se pensar a Museologia através da perspectiva que a sua fala revela:

[...] eu tô falando agora já no memorial do futuro também sabe, porque eu vi também, ele traz isso, sempre, sempre, acho que a gente pode também onde traz esse memorial ele precisa dizer que um dia ele foi presente e um dia foi futuro, ele é o passado que representa o presente né, o tempo né, o memorial não é uma coisa passada, o memorial é quando a gente vê isso aqui, um dia isso foi presente e um dia isso aqui foi futuro, a gente sonhava com isso né, um dia

a gente realizou isso, hoje ele é passado, é presente e é também futuro ao mesmo tempo, porque esse memorial não é coisa do passado pra gente, o museu não é uma coisa do passado, mas ele representou um momento futuro, e passado agora, que será o futuro também. (Informação Verbal da XamAM realizada na Oficina do Objeto).

Cito essa fala da XamAM como forma de exemplificação da visão poética proporcionada pela prática do xamanismo, uma vez que, segundo a oralidade local, a concepção deste espaço de memórias existiu antes na pulsação da natureza, da deusa mãe que, por sua vez, se fez manifestar nas visões da XamAM. Aqui entra a poesia em ação, uma vez que se percebe a concretização na matéria de algo que um dia foi futuro e, no momento presente, se torna presente e futuro ao mesmo tempo, pela forma como ele foi concebido. E, assim, a poesia transmuta, uma vez que, aqui, no caso específico, a poesia se faz através da natureza e da espiritualidade que se materializam. Tal situação nos permite configurar uma nova imaginação museal, uma outra forma de enxergar a Museologia que se apresenta diferente do que conhecemos na Academia.

Também pensei em ousar e criar uma nova imaginação museal a partir de arquétipos afros e indígenas para explicar a origem do termo museu, tal como me instigou Adriana Gabriela Teixeira:

Posso compreender esta manifestação do seguinte modo: as religiões de matriz ocidental, calcadas no cristianismo são monoteístas, patriarcais e dicotômicas (bem (Deus) e mal (Diabo), santa (Virgem Maria) e puta (Maria Madalena) etc.). O sagrado feminino exercido a partir da não identificação religiosa com essas matrizes, em busca da relação com o sagrado, recorre à mitologia grega e romana para dilatar a compreensão e alcance de arquétipos, para reaver mitos e histórias que relacionem a vida humana com aspectos da natureza. Os deuses e deusas greco-romanos são representados enquanto seres brancos. No xamanismo, vemos um direcionamento maior para o culto da grande-mãe através de rituais da cultura indígena. Aqui chegamos à cultura afro-brasileira, que, ao meu ver, sempre manteve, assim como a indígena, aceso o culto a um feminino sagrado expresso através das orixás e das regentes da religiosidade, presentes aí também questões de gênero que influenciam na leitura simbólica de orixás femininas, como viemos discutindo ao logo do trabalho. (TEIXEIRA, 2016, p. 165).

Cito Mário Chagas (2009) para ajudar a compreender o desafio do mistério da imaginação museal no enfrentamento dos problemas:

O surgimento de novos paradigmas não inviabiliza inteiramente o paradigma anterior, abre apenas novos campos de possibilidades e disponibiliza novas (ou velhas) ferramentas para o enfrentamento de novos (ou velhos) problemas. Além disso, é importante ressaltar, a complexidade da dinâmica social não

autoriza a naturalização da crença em marcos rígidos que pretendam fazer tábula rasa dos processos e desenvolvimentos anteriores (CHAGAS, 2009, p. 206).

Assim, reflito sobre a importância do discurso e da constituição da Museologia enquanto ciência em conjunto com as vivências realizadas no trabalho etnográfico, situação que potencializou a oportunidade de aprendizagem prática, a importância do valor de troca, da doação etc. Este contexto me recorda o texto de Mário Chagas (2016) que faz uma relação entre a concepção de patrimônio e a teoria da dádiva discutida pelo sociólogo Marcel Mauss.

Todo e qualquer patrimônio só se constitui quando se estabelecem vínculos entre o transmitir e o receber, sabendo que receber implica o compromisso de uma nova transmissão. Dar, receber e retribuir. A teoria da dádiva de Marcel Mauss é uma importante chave para a compreensão do patrimônio, em perspectiva crítica (CHAGAS 2016, p. 178).

A Museologia enquanto constituição científica se apresenta como contemporânea, embora, para Carlos Alberto Araújo (2012), esta tenha uma longa trajetória enquanto campo de conhecimentos e práticas. Em termos de classificação científica, a Museologia se encontra na área das ciências sociais aplicadas, o que me faz perceber o seu caráter interdisciplinar que se volta para os aspectos sociais da diversidade da realidade humana. No caso específico, a realidade é o entendimento sobre as práticas e consequências do viver na Comunidade Terra Mirim.

Segundo Suely Cerávolo (2004), a Museologia tomou empréstimos de metodologias das ciências humanas que, por sua vez, se atrelou às ciências sociais e à filosofia, segundo a autora, ideia que representa parte do pensamento da francesa Mathilde Bellaigue. Na década de 1980, o Comitê Internacional de Museologia do ICOM (ICOFOM) facilitou a discussão de princípios sistematizados da Museologia, de forma que as pessoas interessadas tiveram a oportunidade de argumentação sistematizada sobre o assunto.

Foi necessária uma pesquisa baseada em experiências anteriores que, inclusive, transitou por outras áreas do conhecimento, até alcançar um certo amadurecimento científico que, no caso específico, resultou na Museologia que, por ser uma ciência nova, ainda se encontra na fase dos paradigmas, que se situa na etapa da preparação das(os) suas(seus) profissionais da área para se tornarem membros da comunidade científica em questão.

As reflexões de Thomas Kuhn (1998), em seu livro *A estrutura das revoluções científicas*, são importantes para um embasamento da discussão realizada acima:

Essas transformações de paradigmas da Óptica Física são revoluções científicas e a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida. No entanto esse não é o padrão usual do período anterior aos trabalhos de Newton. É este contraste que nos interessa aqui. Nenhum período entre a antiguidade remota e o fim do século XVII exibiu uma única concepção da natureza da luz que fosse geralmente aceita. Em vez disso havia um bom número de escolas e subescolas em competição, a maioria das quais esposava uma ou outra variante das teorias de Epicuro, Aristóteles ou Platão (KUHN, 1998, p. 32).

Quando Thomas Kuhn (1998) explica as transições e os eventos retrospectivos para a construção de um novo paradigma, fica mais fácil o entendimento do pensamento de Suely Cerávolo (2004) quando discursa sobre os empréstimos que a Museologia fez com as outras metodologias científicas de outras áreas de conhecimento das ciências humanas.

O Conselho Internacional de Museus (ICOM), através do ICOFOM, tem dado uma importante contribuição para a configuração do paradigma museológico, na medida em que tem possibilitado um intercâmbio da ciência moderna e pós-moderna, situação que evidencia o brotamento da Museologia como área de conhecimento.

Agora, depois de termos discutido e associado a concepção de museu atrelada à poesia, de falar um pouco sobre a Museologia enquanto ciência vamos afunilar a tipologia que nos interessa aqui neste trabalho, que diz respeito às discussões acerca da Nova Museologia ou Museologia Social e suas tipologias museais.

As discussões sobre a Nova Museologia despontaram a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, e se concretizaram nos anos 1980 com a criação do Movimento Internacional da Nova Museologia (MINOM). De acordo com Maria Célia Santos (2008), a Nova Museologia está repleta de contradições, conflitos marcados por uma época de repressão e, ao mesmo tempo, com uma forte presença dos processos criativos. Para uma melhor compreensão, cito Maria Célia Santos:

Enfim, a Nova Museologia pode ser então caracterizada como um movimento, organizado a partir da iniciativa de um grupo de profissionais, em diferentes países, aproveitando as brechas, ou seja, as “fissuras” dentro do sistema de políticas culturais instituídas, organizando museus de forma criativa, interagindo com os grupos sociais, aplicando as ações de pesquisa, preservação e comunicação, com a participação dos membros de uma comunidade, de acordo com as características dos diferentes contextos, tendo como objetivo principal utilizar o patrimônio cultural como um instrumento para o exercício da cidadania e o desenvolvimento social (SANTOS, 2008, p. 88).

Assim como a vida, a Nova Museologia também assume os seus diferentes formatos de acordo com o contexto cultural em que ela se insere. Procuramos aqui trabalhar com a perspectiva da vida que se contamina pela arte e poesia, tal como o orixá Exu, com a sua permissão de abrir novos caminhos para um circuito que esteja fora do tradicional. Aqui não compactuamos com o mundo neoliberal: “somos de outro mundo”, tal como disse o professor e poeta Mário Chagas, no vídeo intitulado “Museologia do Afeto” produzido pelo MINOM 2013 na cidade do Rio de Janeiro. Estamos construindo uma Museologia rizomática com diversas conexões, constituindo os museus biófilos que, por sua vez, estão conectados com a vida que contamina o Universo fazendo com que nos direcionemos à poética e à política.

Esta dissertação surge em momentos sombrios da política brasileira em que estamos a suportar um golpe disfarçado de democracia e os seus respectivos retrocessos sociais. A história se repete com a quebra de braços realizada entre a classe trabalhadora e a elite brasileira. Como integrante da primeira, manifesto o anseio de luta para que esta política sombria seja eliminada e possamos abrir a porta de acesso ao bem viver juntamente com a Museologia Social. Este trabalho não é ingênuo, muito menos parcial: trata-se de uma pesquisa que assume um posicionamento contra o sistema político vigente no país que, por sua vez, sucateia e insiste na tentativa de invisibilizar as vozes das(os) subalternas(os).

Para informação, apresento algumas tipologias museais trazidas pela Nova Museologia, Sociomuseologia ou Museologia Social, que são: ecomuseu, museu-território, museu comunitário, museu escolar. Utilizamos aqui os conceitos sistematizados por Hugues de Varine (2012) para cada uma dessas tipologias:

- Ecomuseu – Enfim, e principalmente, não há modelo, não há regra. Esses museus ou ecomuseus, são todos diferentes uns dos outros, não somente pela natureza de seu patrimônio e de sua comunidade, mas pela história de seu processo (VARINE, 2012, p. 184).
- Museu-território – ... o museu é ao mesmo tempo um olhar sobre o interior do território e uma janela aberta sobre o exterior, inicialmente, sobre os territórios vizinhos; em seguida tudo o que se encontra “de fora” e que pode enriquecer o território e contribuir para o seu desenvolvimento (VARINE, 2012, p. 186).
- Museu Comunitário – o museu comunitário é a expressão de uma comunidade humana, a qual se caracteriza pelo compartilhamento de um território, de uma cultura viva, de modos de vida e de atividades comuns (VARINE, 2012, p. 189).
- Museu escolar – O museu escolar é fruto de um processo realmente museológico (conceito inicial, programação, adaptação de locais, levantamento e coleta de objetos, análise e estudo dos objetos, inventário, conservação, apresentação, animação) ligado à atividade escolar, de modo cooperativo, associando pais, alunos e professores, eventualmente até mesmo pessoas e/ou instituições vizinhas da escola (VARINE, 2012, p. 196).

Como pudemos ver nas tipologias descritas acima, trata-se de uma concepção voltada para uma população composta por integrantes destas modalidades museológicas que, por sua vez, diverge do museu tradicional pelo fato de não ser um museu voltado para o consumo, pois, aqui, a linguagem da população se faz presente em contraposição a um sistema que constrói o discurso nos bastidores com profissionais para o público.

O Ecomuseu Comunitário Terra Mirim, em formação, tem me ensinado a refletir e pensar a integralidade da museologia associada com o equilíbrio entre os quatro elementos propostos no já citado livro da XamAM Alba Maria, uma vez que percebi uma nova possibilidade museal quando adentrei o mundo desconhecido de memórias pessoais e entrei em processo de esvaziamento e preenchimento. Esta foi a visão que elaborei enquanto profissional da Museologia: esvaziar e preencher com vida. Assim, a subjetividade dos quatro elementos me ensinou a sistematizar a Museologia Integral que se forma através da junção da qualidade de cada um desses quatro elementos que, juntos, formam e dão origem à vida.

Com o elemento terra, eu aprendi a necessidade da estratégia, do planejamento e da ação misturados com atitudes de perseverança, persistência e determinação. Com o elemento ar, o aprendizado se deu com a percepção da importância do desapego e da separação para que haja a individuação para, posteriormente, conseguir exercer a comunicação livre dos ruídos. A água traduz toda a minha experiência vivida nesse trabalho que é a percepção da importância do equilíbrio entre as emoções e os sentimentos e a realidade concreta, que pode nos conectar com a Museologia do Afeto. Já com o fogo, o ensinamento foi o da paixão pela vida, fator que nos permite perceber a profundidade do nosso compromisso ético para com o planeta que nutre e dá vida.

A pesquisa referenda o objeto de estudo, daí, podemos refletir sobre a abrangência de objetos de estudo que a Museologia pode oferecer e, no caso específico desta dissertação, buscamos compreender a Museologia sob a ótica da sua relação intrínseca entre a sociedade, o patrimônio e o território. Como o museu representa a idealização da realidade, a construção do paradigma aqui no contexto específico, está associado ao exercício da cidadania, entendendo que tanto os museus tradicionais como os museus comunitários podem exercer a Museologia Social buscando afastar-se da terceira pessoa, de forma que se incluam as sujeitas e os sujeitos dentro dos espaços museais.

A política de preservação e exposição praticada aqui, leva em consideração a Museologia do Afeto que, por sua vez, engloba o fator emoção, que perpassa a vida das(os) suas/seus protagonistas. Entendo que a biografia das pessoas também está impregnada nos

objetos, nos espaços, na natureza, na imaterialidade e tomo emprestado o vocabulário de Walter Benjamin (1994) associando o valor aurático a essas categorias. Essa biografia apresenta potências positivas e negativas que, uma vez que não sejam bem analisadas, podem causar um estrago emocional na vida das pessoas.

Um dos motivos que fazem com que a Museologia necessite da interdisciplinaridade é o fato de ela exercer o diálogo com o território, as pessoas e o fratrimônio. Compreendo o museu como um espaço que comunica os valores e protagonismos de uma população, refletindo as suas diversas formas de poder. É importante que a Museologia Contemporânea tenha conhecimento dos acontecimentos passados para que se possa vivenciar o presente e prever o futuro.

A Museologia Social está comprometida com a valorização da memória, do fratrimônio e da qualidade de vida dos grupos sociais sistematicamente excluídos ou subalternizados. A busca por uma ocupação de espaço da Sociomuseologia significa um ato político. Ao romper com regras e estruturas conservadoras, busca-se um caráter mais inclusivo, pedagógico, libertário etc., daí a importância das práticas e militâncias que resultarão na transgressão dos conceitos e paradigmas científicos.

De acordo com Luís Gerardo Moreno (2006, p. 79), “o artifício museográfico oferece a possibilidade de dialogar com os mortos”¹⁹. Os museus são casas que guardam a memória dos antepassados com vistas a serem tocados pelos vivos do presente, ou seja, é uma forma de tocar o mundo dos mortos. O passado se encontra guardado e preservado com uma visão projetada para o futuro. Precisa-se de construção de experiências democráticas para que haja aproximação de vida igualitária, por isto a visão da participação social como indispensável para a resolução de problemas coletivos, uma vez que o território é um espaço caracterizado de acordo com as relações que se estabelecem através das diferenças culturais e geográficas.

Dando continuidade ao pensamento de Luís Gerardo Moreno, cito:

Em suma, a representação histórica museográfica nos permite observar a condição de reprodutora da hegemonia ideológica. O poderoso efeito da unidade simbólica recria as museografias históricas e segue revelando as ironias e as contradições do mundo contemporâneo. A respeito, vale refletir sobre os espaços de subalternidade da história e sua viabilidade nas representações hegemônicas. Temas como as mulheres, os marginalizados, a homossexualidade, as minorias étnicas, as migrações, etc., resultam cada vez mais de uma reflexão sobre museografias históricas²⁰ (MORENO, 2006, p. 83).

¹⁹ “El artifício museográfico brinda la posibilidad de ‘hablar’ con los muertos”.

²⁰ “En síntesis, la representación museográfica histórica permite observar la condición reproductora de las hegemonías ideológicas. El poderoso efecto de unidad simbólica que recrean las museografías históricas sigue revelando las ironías y las contradicciones del mundo contemporáneo. Al respecto

Diante do exposto pelo autor, concebemos a importância da percepção do museu como agente externo com capacidade de promoção e formação da conscientização cidadã, com a elaboração de projetos educativos comunitários que permitam a organização grupal como forma de desenvolvimento de uma investigação participativa.

Cabem também as discussões sobre *fratrimônio* dentro do âmbito da construção de paradigmas que permeiam a teoria museológica, tendo em vista que tal concepção não pode existir como algo afastado da vida das pessoas, mas levar em consideração que os ditos *fratrimônios* naturais e culturais, que são comuns a todas e todos, são responsáveis por construções de identidade e, inclusive, fazem com que as pessoas sejam protagonistas de suas vidas por conta dessa relação de identidade cultural simbólica.

Tanto os museus quanto as escolas são responsáveis pela revelação da história dos vencedores que, convencionalmente, conhecemos como história oficial, atitude que explica os motivos pelos quais se percebe a resistência que alguns destes espaços têm em aceitar a diversidade cultural como parte constituinte da sociedade brasileira. Graças às lutas dos movimentos sociais e de alguns outros setores da sociedade civil, consegue-se perceber algumas inserções dessas culturas contra-hegemônicas, que passaram a disputar o poder e a “entrar na briga” para assegurar a quebra dos padrões normatizados como oficiais.

Nesta perspectiva, o museu seria um laboratório para o seu estudo, a partir de onde se investiga as relações sociais estabelecidas através da conservação física e simbólica do *fratrimônio*, tendo como partes essenciais do processo a comunicação, a pesquisa e a preservação.

A comunicação anda de mãos dadas com a educação, pois ambas dialogam para que possam atingir o objetivo em comum que é comunicar de forma eficiente a mensagem que o espaço cultural objetiva informar e, ao mesmo tempo, educar o público visitante que ali circula com uma possível capacidade de transformação através da apreensão emocional e intelectual. A preservação do *fratrimônio* cultural tem uma trajetória histórica estabelecida que faz com que a percebamos como algo que ultrapassa o que se possa conceber como recente.

Esta experiência de pesquisa de campo realizada na Comunidade Terra Mirim trouxe reflexões sobre a diversidade da comunicação que se expressa no local, onde, com o passar do

cabe reflexionar sobre los espacios de subalternidad de la historia y su viabilidad en las representaciones hegemónicas. Temas como las mujeres, los marginados, la homosexualidad, las minorías étnicas, las migraciones, etcétera, resultan cada vez más de urgente reflexión en las museografías históricas”.

tempo, com o estreitamento das relações e o conhecimento das histórias individuais e coletivas, percebi que a natureza do local tem uma forma singular de se apresentar através de uma museografia contra-hegemônica que fala pelas entrelinhas de cada trilha ou espaço ali encontrado.

No capítulo seguinte, tratarei de forma mais detalhada os aspectos das realizações práticas, porém, desde já, antecipo que, durante a realização da Oficina do Objeto, percebi a criação coletiva de uma expografia para a elaboração de uma exposição momentânea que buscou a criação de um cenário, com objetos, documentos, fotografias, e encenação teatral, com histórias criadas por elas (o público participante da oficina foi predominantemente feminino), e assim constatei a ação ali gerada como um fator comunicador e educador ao mesmo tempo, em uma sociedade que tem tendência a olvidar ou, até mesmo, a desconhecer o seu passado com muita facilidade, ficando muito clara a pulsação e latência da memória naquele espaço.

2.2 O GÊNERO, AS INTERSECCIONALIDADES E O FRATRIMÔNIO CONSTRUÍDOS NA PESQUISA

As discussões de gênero na Museologia representam a importância e a emergência de suprir uma lacuna. Há uma dívida dos museus para com a diversidade de gênero, uma vez que, por muito tempo, os museus serviram ao discurso hegemônico do patriarcado. Ainda existem museus que cumprem o discurso de dominação que busca homogeneizar a sexualidade através das práticas e discursos heteronormativos.

Os estudos relacionados à interseccionalidade aqui aplicados, baseiam-se nos estudos da teórica, feminista e professora negra, Kimberlé Crenshaw, uma vez que foi esta que criou o termo, em uma pesquisa realizada em 1991, em que se pesquisou sobre o problema da violência vivenciado pelas mulheres enquadradas nas situações de cor e classe social desfavorecidas nos Estados Unidos. Segundo Crenshaw:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Compreender a teoria da interseccionalidade foi essencial para o desenvolvimento da maturidade do trabalho etnográfico, pois, a partir daí, pude amparar melhor as situações em que

percebia a presença dos marcadores sociais de diferença que me aproximavam e me distanciavam do campo de pesquisa, resultando na construção de uma relação de harmonia e respeito pelas diferenças e semelhanças, o que, inclusive, resultou em transformação na minha vida e no campo, também. Atualmente percebo que estamos influenciados de forma mútua, que, mesmo com algumas diferenças, nossos corpos foram influenciados e transformados.

Através das interseccionalidades também incluo aqui as concepções a respeito do ecofeminismo como um fator que ganhou vida durante a pesquisa. Os assuntos chegaram todos de uma só vez e eu não tive mais como separar a ecologia das práticas de gênero. Houve um momento neste trabalho em que o ecofeminismo ganhou muita força sendo este o motivo da inclusão do pensamento das ecofeministas indianas Vandana Shiva e Maria Mies. Como exemplo, citamos o prólogo de Ariel Salleh escrito para o livro *Ecofeminismo: teoria, crítica y perspectivas* das citadas autoras:

Talvez a palavra ‘ecofeminismo’ seja nova, mas sempre tem impulsionado os esforços das mulheres em salvaguardar seu sustento e garantir a segurança das suas comunidades. Desde as habitantes dos bosques de Chipko no norte da Índia há 300 anos até às mães dos mineiros Apalaches da atualidade, segue a luta por criar sociedades a favor da vida. E hoje em dia, a luta se intensifica na medida em que a globalização empresarial se dilata e se contrai, de forma a remover todas as pedras e usar todos os corpos. A associação de Maria Mies e Vandana Shiva representa esta afinidade entre as mulheres: nos fala de uma energia primordial observada em um movimento extendido por todos os continentes. As feministas ecológicas não só lutam nas ruas como também fazem filosofia²¹ (SALLEH, 2013, p. 11).

O ecofeminismo enquanto termo foi criado na década de 1970, através da autora francesa Françoise de Eaubonne, por meio do lançamento do livro *O feminismo ou a morte*, porém sabemos que é só no que se refere ao termo, pois mulheres de saberes tradicionais, a exemplo das indígenas e negras, já desenvolvem práticas bem anteriores. Vandana Shiva, uma das grandes lideranças do movimento, defende o conhecimento holístico de que todas as mulheres apresentam uma conexão com o meio ambiente que, por sua vez, passa por um

²¹ “Quizá la palabra ‘ecofeminismo’ sea nueva, pero siempre ha impulsado los esfuerzos de las mujeres por salvaguardar su sustento y garantizar la seguridad de sus comunidades. Desde las habitantes de los bosques de Chipko en el norte de la India hace 300 años hasta las madres de los mineros de los Apalaches de la actualidad, sigue la lucha por crear sociedades a favor de la vida. Y hoy en día, la lucha se intensifica a medida que la globalización empresarial se dilata y se contrae y no deja una piedra sin remover ni un cuerpo sin utilizar. La asociación de Maria Mies y Vandana Shiva simboliza esta afinidad entre las mujeres: nos habla de una energía primordial observada en un movimiento extendido por todos los continentes. Las feministas ecologistas no solo pelean en la calle; hacen también filosofía”.

processo de ignorância. Tal como os princípios do ecofeminismo, a comunidade Terra Mirim também apresenta as suas questões holísticas do cuidado com o corpo feminino, fator que registra a associação entre a espiritualidade e o ativismo político dessas mulheres que estão espalhadas pelo mundo, na luta e em busca da convivência harmônica com a natureza. Como exemplo, cito uma situação de cuidado com o corpo e integração com a natureza realizada na comunidade Terra Mirim. Esse encontro, realizado em uma quarta feira de outubro de 2015 através da Escola XamAM e batizado como Cerimônia do Chá, foi conduzido pela XamAM Alba Maria e seguindo as diretrizes da cerimônia do chá da cultura japonesa. Como ilustração, segue a fotografia abaixo (Foto 18):

Foto 18 – Cerimônia do Chá – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Quero salientar que as discussões de gênero e o cunho feminista aqui apresentados não se tratam de algo percebido pelo senso comum restrito às mulheres, segundo Alinne Bonetti.

Outro desafio está no risco de se reproduzir o mesmo, ou seja, como a categoria gênero é fortemente consolidada na tradição antropológica brasileira e, lembrando da distinção feita por Henrietta Moore (1988) de que nem todo gênero é feminista, mas todo feminismo usa gênero, há que se cuidar para não deslizar no uso do gênero como constructo simbólico, fenomênico e não levar adiante a profundidade da revolução epistemológica proposta pelos desenvolvimentos recentes da Antropologia feminista ao tomar gênero e poder como intrínsecos à constituição do social. Menciono ainda como um dos maiores desafios para a estabilização do campo da Antropologia feminista no Brasil o próprio sentido do que é comumente entendido por feminismo. Aqui, a tarefa está em se trabalhar para uma ressignificação e alargamento do

substantivo feminismo e do adjetivo feminista, que se prende muito fortemente ao desafio indicado por Ono, acima citado: superar a ideia de o feminismo ter como objeto as mulheres (BONETTI, 2009, p. 120).

A necessidade de se ampliar e discutir as relações de gênero busca uma ampliação do conceito de gênero, para que este não se refira, de forma restrita, às mulheres, como normalmente é disseminado no senso comum. De acordo com Joan Scott, entende-se:

‘Gênero’, como substituto de ‘mulheres’, é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na ideia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma separada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com outro sexo.

Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos (SCOTT, 1995, p. 7).

A disciplina Gênero e Patrimônio ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia é algo que traz uma reflexão importante para o enriquecimento da Museologia Social. Muita coisa tem a se fazer ainda, porém, o seu desenvolvimento já representa uma quebra de paradigmas dos conceitos que, por muito tempo, se fizeram hegemônicos nos discursos museais. A própria palavra patrimônio está atrelada ao patriarcado, ou seja, refere-se a um bem herdado de pai para filho. A primeira vez em que ouvi o neologismo fratrimônio, foi na aula com o professor e “arte-orientador” Mário Chagas, e, naquele momento, pensei como algo muito longe e distante de se alcançar, porém, tal como aprendi na Comunidade Terra Mirim, o futuro pode ser passado, na medida em que ousarmos concretizar uma visão futura no presente, transformando-a em passado. Aqui estamos propondo pensar o uso da palavra “fratrimônio” como uma forma de assegurar uma aproximação da igualdade dos gêneros, até mesmo nos usos de vocabulário técnico.

Sob a perspectiva do equilíbrio entre os gêneros, pretendemos trabalhar a Museologia através da memória e do poder, de forma que os diferentes gêneros possam interagir sem a presença da subalternidade. Citamos Mário Chagas:

Avançando um pouco se pode reconhecer, ao lado de Pierre Nora (1984), que os museus vinculados às musas por via materna são “lugares de memória” (Mnemosine é a mãe das musas); mas por via paterna estão vinculados a Zeus, são estruturas e lugares de poder.

Assim, os museus são a um só tempo: lugares de memória e de poder. Estes dois conceitos estão permanentemente articulados em toda e qualquer instituição museológica. (CHAGAS, 2006, p. 31).

Em diálogo com Cecília Londres (2001 apud BRAYNER, 2007, p. 5), através de uma publicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pode-se pensar o patrimônio como:

O patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comida, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e as fantasias. (LONDRES, 2007, p. 5).

Diante da concepção de patrimônio como uma herança que se transmite e se recebe, na contemporaneidade, através dos afetos, livre do enquadramento de gênero, fica o desafio da reflexão sobre as formas e estratégias de inclusão das sexualidades subalternas nos espaços de memória e preservação, de forma que os seus direitos culturais possam ser assegurados, conforme consta no artigo 216 da Constituição Federal de 1988 citado abaixo:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Em diálogo com o pensamento de Natália Brayner (2007), podemos acrescentar as identidades de gênero aos grupos sociais, tendo em vista que as pessoas, através de uma organização social própria, socializam as suas visões de mundo, histórias e memórias coletivas, situação que faz uma reflexão a respeito da memória e da cultura como elementos de identidade responsáveis pela interconexão entre as pessoas, fazendo com que as mesmas se reconheçam e compartilhem os seus vários traços coletivos.

A preservação do patrimônio cultural das identidades de gênero se apresenta como uma forma de fortalecer e dar visibilidade à noção de pertencimento dos indivíduos dentro de uma coletividade, o que pode contribuir para o exercício da cidadania, da reparação social, o combate à violência e uma melhora na qualidade de vida como um todo.

Para que determinada manifestação cultural seja considerada patrimônio, torna-se necessário o reconhecimento da manifestação cultural como algo que sirva de referência para aquele grupo social específico e é aí que a memória entra em cena, visto que se faz perceber vivida e manifestada no cotidiano das pessoas.

No que se refere à coletividade, podemos pensar, também, as relações de conflitos e negociações que envolvem o processo da seleção da memória a ser preservada. Por isso, a importância do conhecimento e da capacidade de diálogo com a comunidade. Há o desafio do despertar na(o) outra(o) o sentimento de pertencimento àquele determinado grupo, sendo que ela(e) só irá valorizar as referências culturais do grupo se ela(e) se sentir parte integrante do mesmo. Tais referências podem ser entendidas como bens culturais de natureza material e imaterial.

Fazer uso da cultura material como linha de acesso aos dados históricos e patrimoniais da sociedade é algo que há muito é utilizado pelas(os) pesquisadoras(es). Determinados objetos e valores permitem a constatação do processo de construção das relações de gênero, inclusive, percebe-se a presença de elementos da identidade feminina baseada na subalternidade entranhada em um discurso sutil de subserviência ao gênero masculino que se faz apresentar de forma naturalizada e velada na sociedade.

O texto de Vânia Carvalho (2008) apresenta uma classificação dos repertórios de gêneros. A autora divide as individualidades sexuadas entre ações centrípetas e centrífugas, sendo que a primeira está agregada ao gênero masculino, enquanto a segunda, ao feminino, respectivamente. Esta situação denuncia a projeção das ações e atividades ditas masculinas como situações de prestígio projetadas para fora do lar, enquanto as de cunho feminino não obtinham o mesmo patamar por conta de, obrigatoriamente, se encontrarem restritas ao espaço domiciliar, inclusive os exemplos de mulheres que tinham acesso à escrita, demonstram que as suas produções gráficas não conseguiam obter o mesmo valor que as de versão masculina pelo mesmo motivo.

Como os museus representam o reflexo de alguns segmentos dominantes da sociedade, pode-se perceber que vários museus contam com a presença da memória e da identidade que compõem elementos que fomentaram e permanecem atuais nos aspectos que se referem às regras do patriarcado. Então, surge a reflexão: onde entra a Museologia diante dos assuntos que envolvem gênero e patrimônio? Qual a sua função social? Como desmontar os “muros invisíveis”?

A Museologia precisa se comprometer com o diálogo entre os saberes acadêmicos e populares, daí a importância da percepção e da ocupação de espaços como um ato político, o

que se diferencia da invasão, pois, ao se utilizar o verbo ocupar, pensa-se no ato de apropriação de pertencimentos. Portanto, a Museologia pode e deve assumir um caráter inclusivo, pedagógico, amoroso, compreensivo, libertário, transitório, mas não efêmero, porque se torna necessário transgredir para que haja um rompimento com as regras e estruturas conservadoras. A transgressão de conceitos envolve práticas e militância que irão desaguar na ocupação. Como efeito ilustrativo, cita-se o exemplo do primeiro museu feminista do mundo, criado em outubro de 2014, localizado na cidade sueca de Umeå, que recebeu o nome de: Museu da História das Mulheres cuja modalidade não dispõe de acervo permanente. Também citamos um outro exemplo de transgressão associada aos movimentos sociais:

Os novos movimentos sociais, surgidos no Brasil principalmente a partir da década de 1980, têm a característica de reunir-se em torno de identidades. Conforme Gohn (1999), os movimentos sociais identitários podem ser compreendidos como movimento de mulheres, étnicos, ecológicos, LGBT, e possuem uma característica específica por envolverem sujeitos de diferentes classes sociais, diferentemente dos movimentos anteriores, que estavam agrupados quase que exclusivamente por uma questão de classe. Esses novos movimentos lutam por novas culturas, políticas de inclusão, contra a exclusão, atuam pelo reconhecimento da diversidade cultural, sexual, tematizando e redefinindo a esfera pública. (SIERRA; SIGNORELLI, 2014, p. 111).

A citação acima faz pensar sobre a importância do diálogo a ser estabelecido entre os movimentos sociais e os museus, de forma que se possa analisar que estes são casas que guardam o passado com uma visão voltada para o futuro. Portanto, aí está o desafio da percepção do território como forma de se estar atrelado à espacialidade humana, ou seja, o espaço que antes era controlado passa a viver os desafios da participação, da descentralização e da democratização.

A participação social é indispensável para a resolução de problemas coletivos. No caso específico das relações de gênero, pode-se percebê-la como a caracterização dos acordos com as relações estabelecidas pelas diferenças culturais que estabelecem a sexualidade como uma construção. No que tange à construção social das sexualidades, cita-se Robert Connel e James Messeerschmid:

O conceito de masculinidade hegemônica foi originalmente formulado em relação ao conceito de feminilidade hegemônica – prontamente renomeada de “feminilidade enfatizada” para reconhecer a posição assimétrica das masculinidades e das feminilidades em uma ordem patriarcal do gênero. No desenvolvimento de pesquisas sobre homens e masculinidades, essa relação saiu de foco. Isso é lastimável por mais de uma razão. O gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em

oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade. (CONNEL; MESSEERSCHMID, 2013, p. 265).

O pensamento de Robert Connel e James Messeerschmid (2013) nos permite uma reflexão sobre a necessidade da participação social das masculinidades subalternas nos espaços museais, de forma que este grupo social também tenha direito de construir o seu acesso afetivo, desenvolvendo, assim, uma relação de confiança e prazer pelo simples fato de se sentirem inseridos e acolhidos no espaço do museu.

Na Comunidade Terra Mirim, pude constatar a presença de pessoas que vivem o seu dia a dia na tentativa de enfrentamento para que haja uma maior inclusão dos gêneros, abrindo o leque para uma maior horizontalidade entre os gêneros. Para o xamanismo, a sexualidade é universal e há a necessidade do equilíbrio entre as energias femininas e masculinas em cada indivíduo, pois a fusão entre o Sagrado Feminino e o Sagrado Masculino independe da genitalidade. Percebo a presença de Água Viva, um homem trans (transexual), como um representante da construção e afirmação do discurso político da sua individualidade transexual e vegana dentro de um leque de diversidades pessoais que compõe a comunidade. No que se refere à transexualidade, citamos Viviane Vergueiro:

Um pouco além disso, temos também de refletir sobre o estereótipo constante de que pessoas trans* necessariamente se alinham ao binário de gênero – ou seja, que necessariamente almejem serem homens e mulheres à imagem e semelhança das pessoas cis. Isto é uma simplificação grosseira do conceito de gênero como um todo, e um apagamento de diversas identificações fora deste binário (VERGUEIRO, 2015, p. 166).

Pensar o fratrimônio como uma ferramenta para a educação induz ao pensamento de que todas as pessoas que com ele trabalham são educadoras(es). Educar exige atenção e cuidados específicos... A cultura material compreende toda e qualquer alteração realizada na natureza, espaço físico etc., o que faz com que a Museologia se conscientize da necessidade que os objetos têm de serem trabalhados a partir da dinâmica social.

Os objetos possibilitam infinitas perguntas, o que vai definir também as infinitas possibilidades de se expor e, para tanto, torna-se necessário o diálogo com as teorias das ciências sociais como forma de se entender que os objetos funcionam como sinais diacríticos da identidade. Assim, as ciências sociais são essenciais para se estabelecer um diálogo com a cultura material. Para trabalhar as relações de gênero nos espaços museais, faz-se preciso a construção do diálogo conjunto com a cultura material que se faz apresentar através de três dimensões essenciais básicas que são: a espacial, a cronológica e a social.

O fato de reunir objetos no museu representa a síntese da cultura material, que é o fratrimônio e, por sua vez, representa a identidade de grupo discutida um pouco mais acima. Cada museu desenvolve sua singularidade de forma que nenhum museu é igual ao outro. A função dos museus não é dar respostas, mas criar questionamentos e reflexões. Os objetos possuem uma qualidade de sobreviver às pessoas fazendo com que se consiga tocar o mundo dos mortos: quando os seus donos e donas não puderem mais falar, seus objetos falarão. Tal situação consagra o objeto como documento.

Por fim, pode-se refletir e associar as diversas relações de gênero vivenciadas na sociedade como um espaço de fértil contribuição para a criação dos questionamentos que envolvem as problemáticas sociais da sociedade contemporânea. Como foi visto no discorrer do texto, pode-se perceber que um único recorte cultural pode servir de argumento e contexto para uma pluralidade de segmentos sociais como, por exemplo, a memória, o poder, o fratrimônio, o gênero, a cultura material etc. que, no caso específico, se centralizarão nas relações estabelecidas entre a cultura e os grupos humanos. Assim, citamos Viviane Vergueiro (2015), mulher trans, intelectual e ativista transfeminista.

Que nossas memórias trans, que as memórias das sociedades com ‘outras’ perspectivas de gênero e todas as resistências contra branco-supremacismos, sirvam como ferramenta para enfrentarmos todos os abismos racistas e cissexistas que pairam (como espectros de passados que temos de enfrentar) sobre mundos, instituições e espíritos (VERGUEIRO, 2015, p. 220).

A trajetória da ciência das sexualidades demonstra importantes avanços sociais, porém, também deixa o alerta para que as lutas sigam na direção do desbravar das dificuldades atuais e de mais conquistas, como a redução de fobias e violências, direito de ir e vir das mulheres, homossexuais e transexuais, o banimento dos discursos de ódio, dentre outras demandas.

2.3 O PROCESSO DA TESSITURA DAS MEMÓRIAS

O processo da memória dialoga com as negociações necessárias para a constituição das memórias coletivas, de forma que se possa perceber aspectos referentes aos processos das lembranças e esquecimentos, tendo em vista que as memórias coletivas diferem das individuais, na medida em que se percebe, como chama a atenção de Jacques Le Goff (2003), que a memória coletiva integra grandes questões das sociedades nas quais os dominadores e os dominados lutam pelo poder, pela formação, pela sobrevivência ou mesmo pela vida. Assim, a memória se constitui como um elemento essencial para a construção das identidades individuais e coletivas.

De acordo com Jacques Le Goff (2003), a memória pode ser percebida como um instrumento de poder. O autor faz destaque para a memória como um fator que expande a história com o objetivo de salvar o passado e, conseqüentemente, servir ao presente e ao futuro.

Para ele, a memória coletiva deve ter a função de libertar e não oprimir através da servidão das pessoas.

Através do pensamento de Mário Chagas (2000), reflito sobre a necessidade de nos dirigirmos ao passado com alguma perspectiva de mudança, como uma forma de enfrentamento ao sistema social pré-estabelecido, entrar na via da “contramemória” e fazer uma conexão entre a vida e o presente. Percebo, também, que os museus são construtores de valores simbólicos e espirituais que se fazem sob diversos aspectos. Tal como disse Mário Chagas (2000), vários desses “tesouros”, muitas vezes, não estão classificados na categoria da valorização monetária e sim espiritual. Para tanto, gostaria de citar Roland Barthes (1981, p. 140). “Lembrança. Reminiscência feliz e/ou dolorosa de um objeto, de um gasto, de uma cena, ligados ao ser amado, e marcada pela inclusão do imperfeito na gramática do discurso amoroso”.

Sinto aqui um convite de Barthes (1981) a fazermos uma leitura distraída da memória dentro do discurso amoroso. Sinto uma voz corporificada a se entranhar na concepção do fratrimônio e da memória, de forma que se fazem brotar novas linguagens e circunstâncias de intimidade atreladas ao discurso e o valor “aurático” de Benjamin (1994) que constituirão os tesouros propostos por Chagas (2000).

Segundo Jacques Le Goff (2003), pode-se pensar a memória social como:

[...] a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2003, p. 470).

Pensando a Museologia através da perspectiva da sociedade, do fratrimônio e do território como resposta às novas demandas da área e seu contexto fora dos muros do que se conhece como museu tradicional, faz-se uma ligação com o pensamento de Maurice Halbwachs (1990), tendo como objetivo a busca de aspectos conceituais ligados à memória, de forma que estruturam melhor a linha de pensamento.

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites do grupo (HALBWACHS, 1990, p. 81-82).

Dessa forma, estabelecemos uma relação entre a Comunidade Terra Mirim e as teorias dos autores(as) relacionadas à memória, ao perceber que a Comunidade realiza a seletividade das suas memórias como parte do processo dinâmico que envolve as diversas ações e atuações de cada membro que ali vive.

Existe uma ligação entre a teoria e a fala transcrita da XamAM Alba Maria, realizada na Oficina do Objeto, situação mais detalhada no capítulo três.

[...] cada um de nós é um memorial vivo né, se a gente for pegar a nossa história e (inaudível) essas fotos, não sei o que lá, lê, lê, é um museu, e isso tem assim coisas incríveis, chegar até a uma de vocês, tem todo um processo né, então eu acho que, e aqui é um memorial coletivo, uma coisa é um memorial individual, outra coisa é um memorial coletivo, onde todos participam de um movimento e passa para uma grande experiência né, e aí cada um vai lembrando de experiências, sua própria história, sua própria vida, assim, que valor enorme né? que eu coloco disponível para o outro e para os outros, fragmentos da minha história, como eu vivi, como foi, da minha interpretação, eu acho isso uma coisa tão louvável, que merece esse cuidado, porque é tão falando da história é isso, ah mas é a história do Movimento da Fundação Terra Mirim, eu tô falando da minha história, Vinanda tá falando da história dela e cada uma vai lembrando de um pedaço, o pra aí eu nem lembrava esse negócio da formiga, ela lembra né, você lembra da arte é, então a gente tá falando da história da gente né, da morte, do chegar aqui, da lama, é isso, é essa história, ninguém lembra de outra coisa que não seja aquilo que marcou, (inaudível) eu acho louvável por isso né, porque como sempre é um, comunidade é um, é um memorial da comunidade, bem bonito, mais uma vez é o coletivo que se apresenta pra gente, pra mim então é enorme, sem o coletivo a gente não tem nada, sem a comunidade também vixe, nada, viver sem comunidade a vida é vazia, a vida é chata sabe, você fica ali acordando naquela hora, comendo, ah não tem com quem, os seus espelhos, eles ficam ofuscados, não tem, fica tudo ofuscado, a gente vai na rua, aí tem esse vislumbre, mas é uma coisinha né? mas viver numa comunidade não, seus espelhos estão sempre limpos, você tem que limpar o seu espelho o tempo todo, passa um você vai limpando o seu espelho, passa o outro você vai limpando o seu espelho, ele está sempre limpo, no astral né, coisas que eu falo, essa benção né (informação verbal).

Esta fala da XamAM durante a realização da Oficina do Objeto faz uma ponte com os processos seletivos da memória, pois a sequência de fatos e acontecimentos foi uma só, mas cada uma foi falando o que marcou a sua individualidade, construindo ali, ao vivo, um novo repertório de memórias coletivas. Foi gratificante perceber a surpresa e os risos nos rostos de cada uma quando se acessava uma memória esquecida, porém rememorada pela outra.

Faço, neste texto, a utilização do apoio de autores(as) nos aspectos referentes à memória social, visto que toda a documentação utilizada para a realização deste trabalho provém da memória social, seja ela escrita ou oral. A presente pesquisa me possibilitou uma crescente difusão de personagens e a abertura de um leque de possibilidades para os diversos campos que a envolve m,

tais como o conhecimento das diversas fases e faces da Comunidade Terra Mirim. Nesta situação, há a existência de uma disputa de poder, em que grupos com interesses específicos buscam tornar-se senhores da memória e do esquecimento, de forma que se seleciona o que sai e o que entra no processo de constituição da memória e da identidade do local específico.

3 FASE DAS VIOLETAS: O FLORESCER DAS VIOLETAS E O DESENVOLVIMENTO PRÁTICO-MUSEOLÓGICO NA COMUNIDADE TERRA MIRIM

Este capítulo apresenta a Oficina do Objeto realizada na Terra Mirim baseada nas diretrizes do texto “Oficina do Objeto”, de Mário Chagas (1998) pelo qual tive a oportunidade de compreender a forma como os objetos nos descrevem e a forma como nós atribuímos valores e sentidos a esses objetos. Assim como disse o autor, eu também pude perceber a forma como um objeto que se apresenta emaranhado de valor afetivo pode revelar algumas identidades relacionadas a nós mesmas(os). A percepção de que a informação sobre o objeto não é dada de forma direta é algo que cria um certo ar de mistério.

Fiz uma analogia entre a concepção xamânica de mundo e os objetos, na medida em que o xamanismo ensina a nos relacionarmos com a natureza, sendo as pessoas trazidas para o sagrado e tendo a oportunidade de descobrir os seus potenciais maiores, ou seja, há uma energia que passa pelo ser das pessoas, preenche-as, colocando-as em contato com a sua conexão interior e depois as reconecta com o coletivo. Assim também acontece com os objetos que, ao entrarem em contato com o coletivo, podem ganhar características da simplicidade e, ao mesmo tempo, ocupar um lugar de desnudamento e revelação das identidades pessoais e coletivas. Para compreender melhor, citamos Mário Chagas:

De algum modo, nos museus, é isso que acontece. Mesmo nos museus-casas, onde os objetos geralmente vêm todos de um único proprietário, o movimento é do individual para o coletivo. Aqueles objetos que anteriormente tinham apenas uma história individual, circulando no universo do indivíduo, passaram a circular no universo do coletivo, caminhando para o universo do social, que é ainda mais amplo do que o do coletivo (CHAGAS, 1998, p. 64).

A preservação do patrimônio cultural tem uma trajetória histórica estabelecida que faz com que a percebamos como algo que ultrapassa o que se possa conceber como recente. No caso específico, a Comunidade detém um acervo de memórias fotográficas, objetos, noticiários, revistas, entre outras, tudo reservado antes mesmo da minha chegada ao local, uma vez que essas pessoas já vivenciavam o desejo coletivo de criar um museu comunitário que, na linguagem local, foi batizado como memorial.

A Oficina do Objeto foi realizada no dia 15 de janeiro de 2016, na Casa das Artes, no turno da manhã. Cheguei cedo, arrumei a sala com uma esteira de palha ao centro rodeada de

tapetes para que as pessoas pudessem se sentar ao redor. A esteira ficou ao centro com o objetivo de ali colocar todo o material que as pessoas levassem. Ritualizei a oficina colocando, em cada ponta da esteira, seguindo a ordem das quatro direções sagradas, uma vela acesa, para representar o elemento fogo, um copo com água para representar o elemento água, um copo com terra para representar o elemento terra e um incenso para representar o elemento ar. Providenciei um chá de erva cidreira para servir às pessoas, para que elas pudessem realizar a oficina de forma confortável. As pessoas foram chegando com suas lembranças e um objeto, colocando-os ao centro, sobre a esteira. Algumas pessoas esqueceram-se de levar seus objetos, como foi o caso de Alzira que não levou, mas teve a ideia de colocar uma flor que representa e constitui uma memória dela vivida ali.

Como exemplo desse acervo de memórias da comunidade, citamos uma parte da transcrição da voz de Khalyna realizada na oficina:

[...] E é escolhi essa imagem que foi na minha memória agora, foi o primeiro grande exemplo onde tudo o que a gente estava vivendo desde 90 era expresso ao mundo através do livro *A Voz dos Quatro Elementos*, e ele, acho que simboliza, foi significativo para todos e esse, e aí quando eu vi a camisa, eu me lembrei muito a imagem do evento acontecendo, aquela emoção, os templos já, mais equilíbrio né, a construção de cada um, eu tive uma lembrança aqui agora na roda de uma experiência, de uma, as primeiras vivências também, que a gente ia dormindo, não tinha ainda a busca da visão, mas a gente dormia fora, e eu lá pro Templo do Ar, mas o Templo do Ar era muito longe, era como se fosse, era como se fosse o Colméia, e assim tinha um monte, tinha uma coisa alta, parecendo um morro, um morrinho e aí eu fui pra lá, dormir lá, mas eu me senti tão longe, meio desesperada de ter que... E hoje eu olho, meu Deus que que é isso? ali era uma outra contextualização com a da Guia ou Lar da Gruta, era assim, a distância da casa pra lá era muita, e eu dormi lá, nesse lugar. Então assim, foi uma experiência muito forte, marcante e depois a gente conheceu o Templo do Ar né, então, passagens assim muito especiais que vão transformando aqui e transformou a vida de cada um que foi vivendo o processo, é uma coisa que eu fui criando né, mais gente foi chegando, foi, então tem muitas passagens lindas, muitas passagens fortes, muitos encontros como os satsangs, que foram os encontros devocionais, os encontros de partilha né, é, esses mutirões, o partilhando, que foi desde o início e a gente cozinhando pra todo mundo, era a grande iniciação, pra quando chegar, cozinhar, tem gente que quando chegava, não fez, nunca fez um arroz, e tinha que cozinhar pra dez quinze pessoas e entrava em pane logo né, mas era isso, tinha que aprender e era assim, fazia parte né da busca e do autoconhecimento, então esse momento assim, especiais, sagrados. E aí, de cada coisa, cada mutirão, cada telha e ir percebendo essa espiritualidade, né, eu nunca esqueço quando ela falava assim que a grande inspiração que ela teve, a Xamã, foi lavando o banheiro, sei lá, aquilo há vinte anos atrás era muito entender a possibilidade de entender né, mas o partilhando, acho que foi quebrando tudo isso, essa forma né, tão urbana de cada um de nós, que eu também cheguei e pronto, esse encontro com os animais, tudo foi muito, ou está sendo até hoje né, como dizia Mila né, que a escola tem vinte e três anos e eu me sinto uma aluna dela, esse aprendizado é precioso, a gente tem que, como disse Ana

Paula, eu acho que esse Museu existe, quando a gente faz um tour, a gente tá mostrando né, um pouco da história, falando, ele agora vai, eu acho que tomar uma forma diferenciada, mas, aqui tudo fala né, a árvore fala, então eu quero agradecer por esse instante e agradecer a essa publicação, a esse livro né, que até hoje ele se renova, eu acho que, ele foi pro mundo e cada vez ele se revela mais e vai mais e vai mais, vai mais, vai mais... ao quatro elementos e ao xamanismo e eu quero fazer um pedido especial, é hoje faz três anos né que Maria se foi, e aí quando a gente fechar esse encontro, se a gente puder fazer uma oração pra ela, ela também faz parte desse memorial, é dia quinze, e aí ontem eu fiquei, acho que a gente podia fazer uma oração, mas aí a Deusa Mãe organizou. Muito obrigada. (Informação verbal).

A fala de Khalyna representa a sua dedicação, desde o início da comunidade e da Fundação, visto que ela é uma das pessoas que dedicam a vida ao funcionamento da Terra Mirim. Enquanto ela falava, eu ficava a imaginar como podia o Templo do Ar ser tão longe se hoje é tão perto de tudo? São respostas que só quem viveu e atravessou a linha do tempo pode responder. Quando ela fala de dormir é porque, muitas vezes, acontece de a pessoa dormir nos templos e natureza em geral, como resposta a um chamado do Grande Espírito ou por algum processo de iniciação. *A voz dos quatro elementos* é um livro-base para quem deseja compreender os fenômenos xamânicos que direcionam a espiritualidade e subjetividade locais. Como forma de exemplificar, na teoria, o que foi escrito, citamos Maurice Halbwachs:

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nós lembrássemos de tudo aquilo (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Khalyna integra o fratrimônio vivo da comunidade, uma vez que faz parte da Geração Capim Santo, geração fundadora do lugar que recebeu esse nome por conta da quantidade da planta capim-santo que existia no caminho que conduz à Casa do Sol. Como forma ilustrativa, colocamos a fotografia de Khalyna no passado entre os capins santos (Foto 19) e a fotografia do caminho atual, que foi sendo substituído por acácias (Foto 20).

Foto 19 – Khalyna entre os capim-santos – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba

Foto 20 – Caminho atual, sem a presença do capim santo e a floração das acácias



Fonte: Fundação Terra Mirim



Fonte: Fundação Terra Mirim

Para tal, realizamos ações culturais na comunidade dentre as quais a Oficina do Objeto onde tive a oportunidade de perceber a criação coletiva de uma expografia para a elaboração de uma exposição momentânea, durante a realização da oficina, que buscou criar um cenário com objetos, documentos, fotografias e encenação teatral com a história criada por elas (o público participante da oficina foi predominantemente feminino) e, assim, percebi que aquela ação gerou algo que pôde comunicar e educar ao mesmo tempo em uma sociedade que tem tendência a olvidar ou até mesmo a desconhecer o seu passado com muita facilidade. Percebi que a memória ali estava latente e pulsante.-

A oficina dividiu o grupo em duas partes para que cada grupo pudesse elaborar uma história que contasse a sua memória e, logo depois, criar e montar a sua exposição com os objetos e as ideias que tivessem levado para constituir a oficina. O Grupo 1 elaborou uma exposição com objetos, livros, fotografias, camisas, documentos, com um cenário construído voltado para a memória local. O Grupo 2, em que estava presente a XamAM Alba Maria, apresentou a sua exposição com um cenário bastante teatral que também contou suas memórias através do teatro como forma de aproximar os seus trabalhos artísticos das temáticas históricas ali desenvolvidas.

No final da exposição de cada grupo, fizemos o “partilhando”, técnica aprendida com a XamAM Alba Maria, em que todas tiveram a oportunidade de dedicar seus pensamentos e concepções a respeito das ações que ali foram desenvolvidas, ação que me fez perceber a necessidade do desenvolvimento da experiência prática da pesquisa e a busca do empoderamento que se realiza através da memória e a criação de conclusões próprias a respeito das memórias e histórias próprias de cada uma.

Como o passado ali exposto não é muito distante, pude perceber a presença da memória de Maria (*in memoriam*), naquela data, 15 de janeiro de 2016, em que se realizou a oficina. A memória de Maria se fez presente nos relatos, nas aventuras daquelas pessoas vivas que conviveram e tiveram contato com ela, uma vez que havia fotografia sua compondo o cabide de memórias presente nas personagens da exposição produzida por elas. Diante disto, alguns visitantes da exposição tiveram a oportunidade de trocar suas experiências, memórias vivas daquele período específico que a museografia tentava encenar. Foi interessante perceber a diversidade de informações que chegava até ali: eram diversos pontos de vista que surgiam e relembravam o esquecimento de algumas, completando e fazendo-me perceber como acontece o processo de construção da memória coletiva que, por um instante, se fez apresentar através daquela exposição.

A prática museológica se estendia além do espaço da expografia em si, pois, entre as várias ações ali desenvolvidas, percebia-se, por exemplo, as ações educativas permeadas sobre a ótica da autonomia e criatividade das participantes da oficina, uma vez que, por exemplo, o Grupo 1 fez música enquanto nos apresentava a sua exposição e o Grupo 2 fez com que o público interagisse com elas durante a sua apresentação cênica.

No que diz respeito ao conhecimento teórico relacionado à expografia, citamos Marcelo Cunha:

Nessas relações de forças tornaram-se os museus espaços privilegiados de reunião de objetos de cultura material, abordando determinados temas, explicitando ideias e visões sociais sobre os mesmos, buscando também, forjar e transmitir ideias, produzir conhecimentos, sendo as suas exposições ferramentas de grande importância para a formação de um imaginário plausível, ao apresentarem conceitos sobre a sociedade e os grupos que a compõem, suas características e traços históricos, sempre utilizando objetos da cultura material como bases essenciais desse processo de comunicação e de preservação de tradições constituintes das raízes culturais e suas transformações. Nos museus, exercitam-se os jogos de situações e interesses contidos no processo de preservação da Memória e do Patrimônio, exercício ideológico utilizado para a afirmação de ideias relativas à cultura e aos diversos grupos culturais (CUNHA, 2003, p. 276).

Com o suporte teórico de Cunha (2003), constato que a comunidade Terra Mirim apresenta consciência do empoderamento das suas memórias e, inclusive, o interesse na sua preservação e comunicação perpassa pela cultura material, uma vez que, quando eu lá cheguei, já havia uma autonomia no que se refere ao assunto, já existindo muito material separado, por iniciativa própria, com vistas a realizar o sonho da construção do museu, que denominam Memorial, demonstrando que os interesses pela memória surgiram por si só, sem a minha

influência, contrariando a hegemonia do possível protagonismo da academia. Assim, a exposição da Oficina do Objeto e a exposição Temporária Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história, representa a subjetividade das pessoas que compõem o coletivo em questão, com seus conceitos, características e historicidade singulares no que tange a outros grupos. Seguem algumas fotografias realizadas durante a realização da Oficina. (Fotos 21, 22, 23).

Foto 21 – Imagem 1: Oficina do Objeto – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba, 15 de janeiro de 2016



Fonte: Realização da autora

Foto 22 – Imagem 2: Apresentação da exposição realizada pelo Grupo 1 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Realização da autora

Foto 23 – Imagem 3: Apresentação da exposição realizada pelo Grupo 2 – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Realização da autora

Consciente do noviciado da Museologia enquanto ciência, percebo a metamorfose de paradigmas que aponta para uma construção de trilhas criadoras de autonomia científica, uma vez que a mesma apresenta o aumento de produções acadêmicas relacionadas à sua área, seja nos cursos de pós-graduação, no ICOM etc.

Pelo fato de a Comunidade apresentar uma predominância de mulheres e também por eu ser uma pesquisadora de gênero e feminismos, acho pertinente situar os estudos de gênero aqui como uma forma de empoderamento. Para situar o conceito de empoderamento, citamos Rodrigo Horochovski:

Empoderar é fazer com que indivíduos, organizações e comunidades ampliem recursos que lhes permitam ter voz, influência e capacidade de ação e decisão, notadamente nos temas que afetam suas vidas, em diversas esferas, de maneira formal ou informal. É, noutras palavras, ter poder de agenda. Em face das dificuldades já apontadas para acessar esses recursos, sua busca implica ações estratégicas mais ou menos coordenadas (HOROCHOVSKI, 2006, p. 9).

No caso específico da Comunidade, percebo que os seus interesses em dar visibilidade às suas memórias são formas estratégicas de se obter mais ferramentas que lhes possibilite poder e influência. Percebo, também, que o efeito dessa aproximação entre a comunidade e o museu se dá pelo fato de haver uma relação muito próxima entre as pessoas do lugar e a natureza, diferente dos museus tradicionais que se apresentam com suas pretensões arquitetônicas, o que talvez justifique o distanciamento existente entre o público e os museus tradicionais. No caso

específico da Terra Mirim, há uma relação com o sagrado que aproxima muito as pessoas das suas memórias e as fazem perceber a sua relação com a subjetividade e a necessidade de mantê-la viva como forma de resistência e sobrevivência, transformando o museu em um dos seus instrumentos de poder.

O museu comunitário ou memorial comunitário (como chama a comunidade) de Terra Mirim, ainda em construção, é um rito constituído para a exibição do mistério e da cultura material que manifesta e exhibe os seus patrimônios para quem quiser e estiver disposto a observar. Como vários outros museus do mundo, o memorial comunitário Terra Mirim nasce em um ambiente sacro e ritualístico, justificando a aproximação e familiaridade das pessoas com a criação e manutenção deste espaço que já existe, aproximando-os cada vez mais das suas identidades espirituais, situação que apresenta resultados positivos de aproximação do público com as suas memórias e contraria as estatísticas de distanciamento entre o público e os museus. Tal como ensina a vivência dos orixás, o xamanismo também nos ensina a ter uma relação de reverência e respeito para com a natureza. Esta relação entra como uma filosofia de vida que determina a expografia local, uma vez que há ali uma poesia muito presente nas mínimas ações do dia a dia. Existe uma vinculação profunda entre os indivíduos e a natureza, de forma que, para estes, a cura e a saúde vêm da natureza, cuidando de si, de forma holística, levando em consideração o físico, o emocional, a alimentação, o mental etc.

Diante disso, penso na possibilidade associativa entre os ecomuseus e o ecofeminismo, uma vez que ambas as modalidades apresentam através da preocupação com um mundo sustentável e justo, tal como defende a Sociomuseologia ou Museologia Social. De acordo com Varine (2012), os ecomuseus não cabem dentro de regras, uma vez que cada um se apresenta com as suas singularidades, levando em conta a natureza local e os processos vivenciados por cada comunidade, da mesma forma o ecofeminismo também se manifesta como um fator desmistificador da separabilidade entre seres humanos e a natureza, aqui também entram fatores importantes como os marcadores sociais de diferença que irão definir a identidade da prática ecofeminista associada a outros feminismos.

O patrimônio e a expografia natural da Comunidade de Terra Mirim se apresentam de acordo com o ponto de vista das ecovilas, como exemplificação cita-se Severiano Santos Júnior (2006), professor e pesquisador residente do condomínio Ganesha da Terra Mirim:

Do ponto de vista da sustentabilidade ambiental, as ecovilas propõem estruturas físicas e tecnológicas comprometidas com a capacidade de suporte e de resiliência dos ecossistemas, com o uso não excessivo de recursos, dentro de uma permanente visão de reciclagem e respeito à biodiversidade. Dentre

algumas práticas que fortalecem este objetivo estão: produção local e orgânica de alimentos, uso de sistemas de energia renováveis, recuperação ambiental e revegetação, uso de materiais de baixo impacto ambiental nas construções, práticas permaculturais, sistemas de reaproveitamento de dejetos e materiais, entre outras. O respeito à Natureza é um princípio básico demonstrado tanto nas práticas cotidianas da comunidade como em formas constantes de reverência à Vida. Nas ecovilas, a sustentabilidade ambiental deve pressupor tanto mudanças de hábitos e ações de apoio à vida, quanto uma mentalidade aberta à sacralização da Natureza e da Terra e à visão de uma unidade cósmica que permeia todos os seres. (SANTOS JR., 2006, p. 10-11).

O fratrimônio imaterial da comunidade de Terra Mirim se apresenta dentro dos moldes descritos acima por Severiano Santos Júnior, na medida em que as práticas, representações, técnicas e saberes construídos constituem os moldes da sustentabilidade ambiental, demonstrando na prática, o caráter associativo entre ecomuseu e ecofeminismo.

O caráter espiritual da ecovila de Terra Mirim possibilita a percepção da construção de identidades que se apresentam de forma íntima e relacional com as comemorações, os ritos, a arte e a criatividade que se faz presente juntamente com as manifestações espirituais do lugar. Existe aí um sistema de crenças e práticas que se unem, ao mesmo tempo em que há também uma ampliação da realidade, que se volta para a qualidade de vida das pessoas que ali vivem.

A memória desencadeia lembranças felizes e dolorosas. No momento da realização da oficina, surgiram apenas as sensações e emoções positivas. Percebi a intenção da comunidade em perseverar o discurso da positividade, que tem fundamento na espiritualidade local. Como a memória tem o poder de estar sempre presente, houve uma preferência por se recordar boas lembranças, havendo ali uma interlocução entre o xamanismo para a evocação do passado, compreendi a força da revisão da memória em cada lembrança que surgia, havia uma reconfiguração com a dinâmica e associatividade dentro do grupo. Existe um preceito no xamanismo que diz que as negatividades precisam ser inventariadas, com o objetivo de não serem transmitidas às gerações futuras, pois assim se cura a ferida do passado e se reestrutura o presente com esperanças no futuro.

O cotidiano das pessoas é ritualizado. Dentre várias práticas ritualísticas, cito aqui a que se refere a tirar os sapatos antes de entrar nos lugares. A justificativa está na questão da higiene e da reverência que se deve ter para com o lugar onde acontecem ritos e atividades onde as pessoas sentam, deitam, etc. Os templos, por exemplo, se localizam ao ar livre e a prática do tirar os calçados também é aplicada.

Percebi uma relação entre a realização da oficina e o ato de contar histórias. O aprendizado ali constituído resultou em narrações que foram por sua vez, as responsáveis pela composição da exposição dos grupos 1 e 2. Surgiu o interesse pela performance e a estética

juntamente com a forma singular de expressão de cada grupo. Apareceram elementos da beleza, presentes no cotidiano da diversidade das situações vividas por estas mulheres. O grupo 1 realizou uma expografia com elementos que simbolizam o Rio Itamboatá, rio de importância significativa para as suas memórias, inclusive o nome dado pelo grupo à exposição foi Rio do Tempo. Já o grupo 2 apresentou suas memórias através da apresentação teatral, que coincidentemente, as integrantes deste grupo fazem parte do Teatro Xamânico que acontece na comunidade e é coordenado pela XamAM.

Percebi a relação entre o xamanismo, o ato de contar histórias e a exposição. A arte é a interlocutora entre estes três elementos, constituindo um bom ingrediente para a realização da experiência sociomuseológica no grupo. A produção artística e espontânea da memória do grupo, alimentada por percursos pessoais e coletivos e nutridas pela arte e experiência de vida de cada uma resultou na fase primária do que viria a ser a exposição temporária Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história...

A performance poética desenvolvida pelas participantes resultou em um processo de harmonização entre as partes e a sua relação com o todo, não houve ali nenhum tipo de esforço para que os objetos e as memórias fossem apreendidas, tudo aconteceu de forma espontânea, circunstância que permite a percepção da importância da harmonia do grupo para o desenrolar da criatividade e da poesia que se revelou na exposição.

O desfecho das exposições dos grupos um e dois teve uma repercussão positiva, despertando ludicidade e alegria no rosto daquelas mulheres. Foi uma ação de alegria que despertou a curiosidade de algumas hóspedes, como foi o caso de Míriam, que apareceu no final e fez a fotografia de finalização com o grupo (Foto 24). A finalização da oficina ocorreu com a Oração da Grande Mãe, uma homenagem à memória de Maria e uma palavra dita por cada uma sobre o que a Oficina representou.

A realização dessa Oficina me recorda as palavras de Mário Chagas (2009), uma vez que, ao observar e ouvir atentamente as histórias daquelas mulheres, eu senti, por algum momento, transcender as diferenças e amalgamar as nossas histórias. Para exemplificar esta percepção segue a citação abaixo:

A imagem dessa 'porta estreita' abre portas. Por ela sou levado a retomar a noção de que os museus e o patrimônio cultural (material e espiritual) podem ser portas (poéticas) capazes de promover uma erosão de barreiras, de aproximar e separar mundos, tempos, seres e significados diferentes. Por essas outras portas, podem-se estabelecer canais de contato com passados, futuros e, sobretudo, com o presente, no qual elas mesmas estão plantadas como semente de um 'agora'. (CHAGAS, 2009, p. 218).

Foto 24 – Finalização da Oficina do Objeto – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho- Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Essa foto foi realizada no final da realização da oficina. Infelizmente Daniela/Dáhvi, não se encontra presente nessa foto, por conta de surgimento de atividade no meio da oficina. Dáhvi é advogada da Fundação e como está na transcrição dos áudios da oficina vive na comunidade já há quase oito anos, contando com o ano atual. Dáhvi é peça fundamental para o Movimento, uma vez que é uma das pessoas que está sempre na linha de frente, no que se refere a situações de enfrentamento e conflitos. Segue abaixo um trecho da sua fala como forma de contextualizar a sua presença na comunidade.

[...] o pessoal daqui, a gente, tudo é precioso, tudo é sagrado né, e pra mim é uma grande preciosidade mesmo quando eu vejo né, quando a gente pode acessar as revistas, as fotos, as histórias que vocês contam né, é muito bom, é uma coisa tipo, porque é minha e eu não conheço né, entre aspas né, mas eu sinto assim sabe, faz parte da nossa história né, de tribo né, de identidade [...] (Informação verbal).

A Oficina me proporcionou a reflexão sobre a diversidade da imaginação museal. Detectei ali um leque de sensações, emoções, intuições, sentimentos e pensamentos que afloravam entre as participantes proporcionando um contágio de memórias que propiciou a todas ali presentes uma viagem no túnel do tempo fazendo-me perceber a dinamicidade e a peculiaridade que o Memorial Comunitário Terra Mirim representa.

Percebi nesse momento a dimensão da memória e espiritualidade ali retratada, havia uma expressão da cultura material, e ao mesmo tempo, uma expressão facial nas participantes que me fizeram perceber uma interioridade pessoal, um misto de identidades individuais e coletivas, situação não muito comum e que por sua vez se apresenta como um fator de distanciamento dos parâmetros da sociedade hegemônica.

A montagem da exposição temporária Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história, teve uma importante contribuição de Vinanda, farmacêutica e moradora do condomínio Vale dos Encantados. Vinanda gosta de se relacionar com as ervas. Ela, Mhinana e Maria (*in memoriam*), são pessoas importantes para a memória do templo das águas, afinal, foram elas que sentiram e perceberam o chamado, foram elas que conceberam, através da espiritualidade e subjetividade, o local onde hoje se encontra geograficamente o Templo das Águas. Exemplificamos esta informação com a fala de Vinanda realizada durante a Oficina do Objeto:

Então, é, nesse encontro o que eu me lembro claramente, uma das coisas mais importantes foi a descoberta do Templo das Águas. Porque três pessoas aqui, Eu, Mhinana e Maria, nós ficávamos a meditar, estávamos a meditar, perto do rio, e queríamos descobrir onde seria o Templo das Águas e ao mesmo tempo nós três identificamos o lugar, foi assim, aquela festa né, eu olhei e disse é ali, Minana olhou, Maria confirmou e aí foi construído o Templo das Águas. E também o Rio Itamboató foi um dos momentos mais importantes, chaves da comunidade, onde nos reuníamos todos os sábados às 6:00 horas da manhã e onde entrávamos, às vezes a água estava fria, mas a gente entrava na maior festa né, e aí a gente limpava o rio, da cabeceira do Templo das Águas até lá embaixo, perto do Colméia, que hoje é o Colméia, ali no Colméia, enfim, então a gente lembra de vários episódios.

A seguir, a fotografia de Vinanda ajudando a montar a exposição (Foto 25).

Foto 25 – Montagem da exposição – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Realização da autora

A exposição temporária Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história foi inaugurada no dia 29 de junho de 2016 como um fator agregador das comemorações do aniversário de comunidade que, neste dia, completava 24 anos. O processo de seleção das memórias e da montagem foi algo que me proporcionou um rico aprendizado pelo fato de vivenciar na prática o que eu havia construído na teoria. Tive a oportunidade de acompanhar de perto como ocorre o processo de construção da representatividade de um grupo. Como exemplo, citamos Denise Jodelet:

De fato, representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual o sujeito relaciona-se com um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, uma coisa, um evento material, psíquico ou social, um fenômeno

natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas sempre requerer um objeto. Não há representação sem objeto. Quanto ao ato de pensar, que estabelece a relação entre o sujeito e o objeto, este tem características específicas em relação a outras atividades mentais (perceptiva, conceitual, memorial etc.) (JODELET, 1989, p. 5).

Assim, de acordo com a teoria de Denise Jodelet (1989), pude constatar as relações que as pessoas tinham com cada objeto que ali ia para a exposição. Recordo-me do momento em que as roupas já estavam penduradas e que chegou Andiará e começou os seus momentos de recordação daquelas vestes, sentou na esteira, olhou bem para as vestes e disse: “-Tá feio, vamos passar essas roupas, vamos retirar esses pregadores e procurar um cabide...”, e assim o fizemos imediatamente: trocamos a forma como estavam expostas, passamos as roupas, mudamos tudo. Depois, chegou Beuh/Minah com a ideia de arrumar a tela para a projeção de vídeos e assim fomos ouvindo outras sugestões que, em uma dinâmica plural das relações com os objetos me fez perceber sobre a relação intrínseca estabelecida entre as representações e o objeto.

A exposição também contou com uma expografia eco-sustentável. A placa da exposição, representada na foto 26, é um vidro de ônibus que foi pintado por Tina. As paredes da Casa da Lua foram pintadas por tinta de argila, com o objetivo de diminuir os impactos ambientais. Na parte interna da exposição, utilizou-se paletes de madeira e esteira de palha para expor as fotografias e publicações da Fundação Terra Mirim.

No quesito referente à conservação do material exposto, houve problemas com a umidade, uma vez que há a presença da umidade na região. Houve também o problema com as fezes dos morcegos, que nos obrigou a cobrir a exposição com um lençol durante as noites para evitar a deterioração dos objetos.

A segurança do património também é um fator que surge como uma problemática, uma vez que os espaços não ficam trancados com acesso restrito, o que representa uma faca de dois gumes, pois por um lado representa o livre acesso à exposição e por outro representa uma certa insegurança no que se refere à exposição de objetos raros, como foi o caso acontecido com o exemplar da coletânea Xamã, único da comunidade, que está sob os cuidados de Khalyna. Este exemplar foi emprestado para a exposição e um certo dia alguém pegou emprestado sem avisar, causando uma instabilidade para às envolvidas na exposição. Tomei a atitude de pedir informação e ajuda sobre o paradeiro do livro através do grupo do whatsapp, pois sabia a importância afetiva e o zelo que Khalyna tinha pelo mesmo. O problema foi resolvido, alguém pegou emprestado na exposição e o devolveu com a mensagem do whatsapp. Porém esta

situação com um final feliz deixou uma interrogação sobre a segurança da cultura material, para as próximas exposições.

A exposição ficou aberta ao público por um período de 30 dias em que houve, inclusive, visita de alunos de escola pública do município de Simões Filho. O dia de abertura da exposição também teve muitos visitantes participantes da festa de aniversário, conforme pode ser observado nas imagens abaixo. (Fotos 26, 27, 28, 29, 30).

Foto 26 – Entrada da Tenda da Lua Vermelha onde foi realizada a exposição – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Realização da autora

Foto 27 – Pessoas aguardando a entrada na Exposição Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história, uma vez que o espaço não cabia todos – Tenda da Lua Vermelha – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Foto 28 – Espaço interno da Tenda da Lua Vermelha, Exposição Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Realização de uma visitante da exposição

Foto 29 –Exposição Terra Mirim 24 anos: ritualizando a história – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Figura 4 – Fotografia do folheto distribuído durante a exposição – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



FUNDAÇÃO TERRA MIRIM
Centro de Luz

TERRA MIRIM 24 ANOS, RITUALIZANDO A HISTÓRIA

A MEMÓRIA DE TERRA MIRIM, SEUS ESPAÇOS E SUA TRIBO SÃO CELEBRADOS NESTA PRIMEIRA ETAPA DA CONSTRUÇÃO DO NOSSO MUSEU MEMÓRIA COMUNITÁRIA. O PASSO INICIAL É A EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA DE OBJETOS, IMAGENS E HISTÓRIAS. FALAMOS DESSE SONHO DESPERTO, INSPIRADO POR NOSSA XAMAM



TRATA-SE DE UMA EXPOSIÇÃO COLETIVA, FRUTO DA INTERAÇÃO ENTRE AS(OS) INTEGRANTES DO MOVIMENTO TERRA MIRIM. ESTAS(ES) TÊM EM COMUM, A CELEBRAÇÃO DA MEMÓRIA ANCESTRAL DO XAMANISMO DOS QUATRO ELEMENTOS. ALÉM DISSO, A EXPOSIÇÃO COMPÕE UMA MULTIPLICIDADE DA DIVERSIDADE E DA SINGULARIDADE DE CADA UMA (UM). AS MEMÓRIAS SE APRESENTAM ATRAVÉS DA ARTE, OBJETOS, FOTOGRAFIAS, VÍDEOS



O ESPAÇO ESCOLHIDO PARA A EXPOSIÇÃO FOI A TENDA DA LUA VERMELHA - A RENOVADA CASA DA LUA. RITUALIZAR, TRANSPOR, COMUNICAR, TROCAR, PRESERVAR: AÇÕES DE MEMÓRIAS E ARTE QUE OBJETIVAM PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO QUE ENVOLVE UMA DAS FASES PARA A CONSTRUÇÃO DO MUSEU MEMÓRIA COMUNITÁRIA TERRA MIRIM.



SEJA PARTE DA NOSSA HISTÓRIA. SE VOCÊ QUISER CONTAR SEU CONTO COM TERRA MIRIM NO MEMORIAL, APROVEITE A OPORTUNIDADE E CELEBRE CONOSCO. DEIXE ALGUM OBJETO, FOTO OU ESCRITO. JÁ COMEÇAMOS A INCENTIVAR AS DOAÇÕES ESPONTÂNEAS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DA EXPOSIÇÃO PERMANENTE.



CURADORIA: COMUNIDADE TERRA MIRIM / ASSESSORIA MUSEOLÓGICA: ANA PAULA FILIZA

FUNDAÇÃO TERRA MIRIM CENTRO DE LUZ
TERRAMIRIM.ORG.BR / TERRA MIRIM FOUNDATION (FACEBOOK)
COMUNICAR@TERRAMIRIM.ORG.BR / +55 71 3193289.

Fonte: Realização da autora

Todos esses ritos diários e passos dados com a oficina e a exposição me fizeram refletir sobre a voz da XamAM durante a oficina quando afirma que cada história ali contada está falando dela. Segundo ela, não foi fácil manter o lugar: foram muitas brigas para preservar o Movimento dentro e fora da comunidade. O destino da XamAM se afirma com magia e para ela a humanidade deve devolver para a natureza o que dela é. Alba Maria é um fratrimônio responsável pela veiculação e interação entre a natureza e as pessoas que integram o Movimento.

Na Oficina, a XamAM fala da construção do memorial e diz que se o memorial fosse todo detalhado seria insuportável, pois existem os problemas e as maravilhas. Houve experiências difíceis mas o que se quer lembrar são as celebrações para que as coisas deem certo e o processo de dar certo passou por uma anterioridade, é um processo, como ela diz, de reticências, reticências históricas e de visões plurais que irão caber dentro de um memorial.

O silêncio também integra o fratrimônio imaterial da comunidade. Por muitas vezes, vivenciei e senti esse silêncio que, em alguns momentos, fragiliza e em outros, fortalece. Como tentativa de compreender essa herança que marca a singularidade do campo, busco uma reflexão sobre a ótica do diálogo da XamAM com o elemento terra, no livro dos quatro elementos.

As memórias continuavam vivas. Um sentimento imenso de compaixão me possuiu e lágrimas rolaram pela minha face. Continuei escutando e percebendo esse diálogo passado há tantos anos. Via-me a solicitar à Terra: “Por favor, dá-me um pouco mais dos teus ensinamentos.” A Terra bondosamente revelava: “Falarei um pouco dos meus mistérios e das minhas descobertas. Vês o deserto? Lá medito e experimento a doce quietude de estar comigo mesma. No silêncio dos vales, fertilizo e nutro teus irmãos. Na solidão do alto das montanhas exerço minha mais bela dança. As montanhas são instrumentos perfeitos, peças de uma orquestra à espera do maestro ar. (ALBA MARIA, 2008, p. 53).

Nesse mesmo livro, há mais explicações sobre o silêncio: através do elemento ar, eu encontrei outra explicação de que o silêncio e a contemplação juntos apresentam o poder da possibilidade do acesso a memórias soltas no tempo e no espaço. O elemento ar é o responsável pela respiração que constitui o elemento invisível que liga todos os seres do planeta com o Grande Espírito. Assim, aos poucos, eu vou juntando as peças para compreender a subjetividade do silêncio que se apresenta com muita frequência na comunidade. As memórias aqui se revelam nas buscas interiores como um trabalho que se realiza através de fragmentos que desorganizam e encaixam com o propósito de se chegar ao lugar apropriado.

Não tenho a pretensão de esgotar o assunto por aqui, afinal, trata-se de um trabalho inacabado. Stuart Hall (2003) acertou ao afirmar que a história do sujeito moderno é algo muito

difícil de ser mapeado, visto que a mobilidade das identidades fez desmoronar os conceitos antigos de identidades unificadas e coerentes. Para o referido autor, o sujeito passa por um processo de imersão em um dado momento particular que representa o seu “nascimento” e, conseqüentemente, tem uma história que pode passar por momentos de transformação sob determinadas circunstâncias que pode contemplar a sua “morte”, situação que descreve um pouco as transformações identitárias ocorridas entre mim e a Comunidade Terra Mirim, dando continuidade ao seu ciclo de vida e morte.

Este capítulo traz uma paráfrase com as violetas de Clarice Lispector (1998), quando escreveu sua impressão sobre a introspecção profunda que esta flor representa. Tal como as violetas, por muitas vezes, precisei me esconder e isolar na solidão do silêncio, que se fez necessário e estratégico para que eu pudesse me aproximar do segredo das memórias da comunidade Terra Mirim. Todo o trabalho aqui desenvolvido faz reverência à metáfora poética da reflexão sobre as levezas não ditas pelas violetas que reverberam nas memórias e fratrimônios deste lugar.

Foto 30 – Violetas



Fonte: <http://blog.giulianaflores.com.br/arranjos-e-flores/como-cuidar-de-violetas>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação representa uma realização pessoal e profissional. Desenvolvo minhas pesquisas relacionadas à memória e comunidade desde 2011 quando cursava a graduação no Curso de Bacharelado em Museologia na UFBA, depois, em 2014, passei a fazer parte da Feminaria Musical – Grupo de Pesquisa e Experimentos Sonoros ligada à Escola de Música e linha de pesquisa arte e cultura do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), ambos da UFBA. Foi na que Feminaria que iniciei o compartilhamento e construção do conhecimento sobre feminismo juntamente com as companheiras feministas.

Na Feminaria Musical, fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no qual fiz parte do projeto *Feminaria Musical ou epistemologias feministas em música no Brasil: das experiências etnográficas 2*. Foi neste momento que eu passei a associar os conhecimentos a respeito da memória e das identidades de gênero com um recorte comunitário.

Em 2015, entrei no Mestrado com a perspectiva de pesquisar o Ponto de Memória do Beiru, porém, por questões de disponibilidade, não foi possível e eu acabei indo para a Comunidade Terra Mirim totalmente ingênua sobre o universo que me esperava. Não conhecia aquele sistema de vida comunitária, nunca tinha visto antes. Não conhecia o xamanismo e lá adentrei com a proposta de pesquisar a memória da comunidade e contribuir com trabalho voluntário como contrapartida.

A pesquisa cumpriu o seu objetivo geral proposto no projeto inicial da pesquisa, que foi compreender o processo dinâmico entre o gênero, a memória e o patrimônio cultural da comunidade Terra Mirim e a sua relação com a prática museológica. Naquele momento ainda usava a palavra patrimônio, o fratrimônio entrou depois, durante a realização do mestrado. Diferente do esperado, os objetivos específicos também foram compreendidos e atingidos. O projeto coletivo para a criação do museu já ganhou vida, a paisagem natural constata a existência do fratrimônio cultural local e também foi possível perceber o discurso ambiental articulado com as teorias de gênero na medida em que constatei os benefícios das práticas ecológicas no cuidado com o corpo e a subjetividade das mulheres.

O conceito de amefricanização foi buscado em Lélia Gonzalez (1988) com o objetivo de inserir novas epistemologias cunhadas por mulheres negras e indígenas, como uma tentativa de construção de um processo decolonial que buscou demonstrar aqui, nesta dissertação, as suas necessidades individuais e a sua devida incompatibilidade com o padrão acadêmico europeu.

A utilização das epistemologias das mulheres negras e indígenas teve a função de justificar os alinhamentos e desalinhamentos com o campo de pesquisa. Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Julieta Paredes, Glória Anzaldúa, Vandana Shiva, Vilma Reis, Laila Rosa e todas as outras mulheres aqui citadas e não citadas, todas elas são responsáveis pelo meu fortalecimento intelectual e pela força do acreditar na persistência que envia a continuidade dos passos de toda a ancestralidade negra e indígena.

As poesias utilizadas tiveram o objetivo de mostrar o sentido das trilhas percorridas durante o trabalho, uma vez que aqui houve uma construção e reflexão sobre o mundo da memória da Comunidade Terra Mirim. A poesia possibilita um desvio da trajetória linear e, inclusive, permite pensar e perceber que este trabalho não é mais que um vestígio de páginas em aberto, ou seja, um processo inacabado que pode operar em um outro processo de esvaziamento que, por sua vez, pode permitir uma nova leitura com uma intensidade ainda maior.

O lamento se fez presente com o objetivo de demonstrar a leitura corporificada, que se constrói em um processo doloroso, que denuncia a violação do território da nossa corporeidade. Este lamento aqui representado faz parte de uma estratégia de enfrentamento ao sexismo, patriarcado e todos os marcadores sociais de diferença, tudo fundamentado nos passos das nossas antecessoras ancestrais.

No capítulo I, *Do casulo à borboleta: o desconforto que antecede a construção da relação de confiança em um trabalho etnográfico*, foi feita uma descrição de todo o processo etnográfico e autoetnográfico, as dificuldades, erros e acertos que permitiram o encontro da linha tênue entre o processo de corporificação e as exigências acadêmicas. Foi feito um trabalho de inserção de bibliografias acadêmicas juntamente com notícias jornalísticas e materiais gráficos desenvolvidos pela comunidade. Toda a ruína experienciada neste trabalho teve um caráter de lapidação do ofício e da arte de pesquisar. Como disse Georg Simmel (1998), foram muitas as forças naturais que atuaram com o objetivo de desequilibrar e inverter o ordenamento típico do trabalho aqui desenvolvido. A ruína atuou com poesia e violou muitos percursos desta obra, porém, o resultado de toda a atuação poética destas forças contrárias acabou por atuar como um pré-requisito para a performance estética aqui expressa.

No capítulo II, *A metamorfose construída pela dinâmica que tece e entrelaça a memória, o gênero e o fratrimônio*, pude perceber a dinâmica vivida pelo processo constitutivo da memória coletiva, de forma que as lembranças e os esquecimentos se fazem diferentes do processo da memória individual. Segundo Jacques Le Goff (2003), a memória coletiva integra

questões da sociedade cujo denominador comum é a luta entre dominadores e dominados pelo poder, sobrevivência etc.

As discussões de gênero foram utilizadas com o objetivo de enfrentar o discurso hegemônico do patriarcado ainda praticado nos espaços museais. Procurei trabalhar a interseccionalidade do gênero baseada nos estudos de Kimberlé Crenshaw (2002), de forma que pude compreender os problemas aqui apresentados como uma forma de capturar as consequências da interação entre dois ou mais eixos de subordinação.

Com o apoio teórico de Natália Brayner (2007), pude perceber, durante a realização do trabalho, a influência do gênero no processo de construção das identidades dos grupos sociais. Na Comunidade Terra Mirim, pude observar a forma como as pessoas que ali vivem socializam as suas visões de mundo com suas histórias e memórias coletivas baseadas no eixo central do xamanismo da Deusa Mãe, dos quatro elementos. Essas características do sagrado feminino ali muito fortes e presentes fizeram com que eu percebesse e refletisse sobre a questão da mulher. No capítulo III, *O florescer das violetas com o desenvolvimento prático na Comunidade*

Terra Mirim, utilizei as violetas como uma apologia aos escritos de Clarice Lispector (1998), tentando demonstrar as sutilezas indizíveis das violetas como um processo metonímico de compreensão dos acontecimentos desenvolvidos durante a Oficina do Objeto e a Exposição Terra Mirim 24 Anos: ritualizando a história.

A prática da Oficina do Objeto foi realizada seguindo os preceitos do texto “Oficina do Objeto”, de Mário Chagas (1998). O desenrolar da oficina me fez perceber as descrições que os objetos nos fazem e a forma como nós retornamos para eles os nossos valores e sentidos. Os objetos apresentaram os valores afetivos e as identidades que se relacionam conosco, além de construírem uma relação de mistério, uma vez que a informação não é dada de forma direta.

Finalizar esse trabalho não foi nada fácil: foram muitas negociações comigo mesma sobre quais memórias iriam entrar e quais ficariam de fora. Lembrei-me de Roland Barthes (1981), em *Fragmentos de um discurso amoroso*, que me instigou a raciocinar sobre as angústias que tomaram conta de mim e a decisão que precisei tomar neste processo seletivo de memórias, pois senti a liberdade da escolha, uma vez que eu não nunca fui escrava, nem cúmplice, nem testemunha do poder.

Com o apoio da Museologia do Afeto, da poesia, do feminismo e do xamanismo, tenho consciência do caminho de pesquisadora que se encontra na luta por espaço de poder e legitimidade e assumo a ideologia amefricana defendida por Lélia Gonzalez (1988) com o compromisso de honrar a anterioridade das epistemologias das intelectuais negras que

cumpriram o seu papel de resistência contra a colonialidade do poder, o que nos empodera e possibilita criar novas epistemologias que honrem a nossa ancestralidade amefricana.

A maioria das pessoas que compõem a “geração capim-santo”, geração fundadora da Comunidade Terra Mirim, apresenta correspondência com os movimentos sociais dos anos 1960 e 1970, havendo uma certa continuidade de ideologias desses movimentos. Tal como a canção de Raul Seixas “Viva a sociedade alternativa” assim o é a Comunidade Terra Mirim, que se apresenta como um movimento subversivo. Atualmente, as pessoas da Terra Mirim vivem um enfrentamento contra o sistema político local através da mobilização e resistência local contra a implantação de um aterro sanitário ou Centro de Tratamento e Valorização de Resíduos (CTVR), o que popularmente é chamado de lixão. A obra foi licenciada pela prefeitura de Simões Filho em dezembro de 2016. O empreendimento que está com suas obras iniciadas com o objetivo de processar toneladas diárias de lixo no Vale do Itamboátá, área da APA Joanes Ipitanga, o local integra área remanescente de quilombos e de preservação ambiental de parte da Mata Atlântica que ainda resta, o empreendimento ainda aguarda autorização do INEMA (Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia).

O Movimento Terra Mirim participa do movimento de defesa e enfrentamento contra a implantação do aterro e, juntamente com outras comunidades locais tais como a Fazenda do Natal – Pontos Coração, uma obra católica, o Oiteiro, o Quilombo do Dandá, o quilombo Pitanga de Palmares, Palmares, etc., De acordo com informações obtidas na audiência pública realizada na ALBA (Assembleia Legislativa da Bahia) no dia 13 de junho de 2017, a região apresenta mais de 500 hectares de Mata Atlântica preservada, sendo que as microbacias do rio Itamboátá representam uma importância vital para a sobrevivência do rio Joanes, rio responsável por quarenta por cento de abastecimento de água da região metropolitana de Salvador.

Há uma reivindicação, juntamente aos órgãos públicos responsáveis, para que haja o impedimento das obras da empresa, construção que visa um crime ambiental de ordem irreversível, uma vez que o aterro aconteceria em cima do aquífero de São Sebastião, área de grande reserva de águas subterrâneas da Bahia, que apresenta uma importância significativa no fornecimento de água para a Salvador e toda a região metropolitana. Inclusive há, a presença de obras da EMBASA (Empresa Baiana de Águas e Saneamentos S.A), com perfurações de poços artesianos em cima desse aquífero, visando contornar o problema da crise hídrica que se apresenta na região, colocando em risco o sistema de águas que sustenta a vida em Salvador e região metropolitana.

Segundo informações obtidas na audiência pública, há na região cerca de quinze mil pessoas distribuídas entre as Comunidades Santa Rosa, Oiteiro, Convel, Jardim Renatão, Terra Mirim, Pontos Coração, Quilombo do Dandá, Palmares e Quilombo Pitanga de Palmares, com uma rica diversidade de fauna e flora que podem estar ameaçadas com a precarização da qualidade de vida das pessoas, por conta de uma provável propagação de doenças, poluição dos solos e águas, podendo inclusive apresentar como consequência a migração das comunidades do entorno.

Existe uma petição pública na internet com mais de duas mil e quinhentas assinaturas, disponíveis através do site Change, com o objetivo de pressionar o poder público para barrar o andamento das obras. No dia 19 de abril de 2017, houve uma reunião entre o Conselho Gestor da Área de Proteção Ambiental APA Joanes/Ipitanga, a empresa Naturalle (empresa responsável pela implantação do aterro), pessoas do Movimento Terra Mirim, quilombolas do Dandá e Palmares, residentes da Fazenda Natal, representantes e ex-representantes do poder público de Simões Filho etc. A reunião aconteceu no auditório da União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura (UNIME), instituição de ensino superior privada localizada na cidade de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador. A reunião aconteceu em Lauro de Freitas, por ser rotina da APA se reunir no local. Os representantes da Naturalle apresentaram o projeto ao público, porém sem sucesso de convencimento diante das comunidades representadas.

Existe alguma incompatibilidade entre o tempo da academia, com as suas exigências e prazos estipulados pelo Programa de Pós-graduação, e os prazos da comunidade. Não consegui implantar o museu, como achei que seria possível, no início, porém, o museu continua em processo. Este ano, em 29 de maio de 2017, a comunidade Terra Mirim inaugurou a primeira parte do que se denominou Memorial Comunitário Terra Mirim. As comemorações iniciaram às sete da manhã para o público interno com o hasteamento da bandeira da Terra Mirim e o toque dos tambores; depois, às nove foi aberto ao público.

Foi inaugurada a Fonte XamAM, fonte de água localizada ao lado da escola ecológica, com a presença de apresentação teatral do grupo do teatro xamânico coordenado pela XamAM, cantigas do lugar e, logo após, uma lavagem do lugar. Esta fonte foi adotada como uma tentativa de substituir a Fonte da Guia e de forma mais segura, visto que a Fonte XamAM se localiza em território da Fundação Terra Mirim. Os espaços expositivos foram apresentados ao público pela dramatização do arauto Severiano Joseh, que contava a história do lugar dramatizada no teatro. A memória me preparou uma surpresa, pois Severiano falou ao público que o ambiental fora o galinheiro e eu fiquei atônita, pois havia ouvido de Mhinana que aquele lugar, antes de ser o

Ambiental, fora a Casa de Ferramentas: alguns achavam que era de Ferramentas, outros que era o galinheiro, depois chegou-se ao denominador comum que foi um galinheiro, depois Casa de Ferramentas e depois o Ambiental. A parte da manhã se encerrou no Templo dos Ancestrais.

Dois espaços foram inaugurados: a casa em que se localiza a parte gerenciadora dos assuntos relacionados ao meio ambiente, conhecida como Ambiental, que ficou com as paredes coloridas e contou com a exposição de variados assuntos relacionados a questões do meio ambiente. Fizeram criações originais para a expografia, com plantas fazendo parte do cenário, a exposição de uma imagem de São Sebastião, como forma de reverenciar o aquífero de São Sebastião, fotografias de ações e projetos ambientais, exposição de obra de arte de artistas colaboradores etc.

Já o Refeitório inovou com a pintura dos templos nas paredes, exposição de depoimentos, fotografias e uma linha do tempo contando o histórico do lugar desde o início, quando ainda era a Fazenda Vila Kennedy da família da XamAM. Ficou exposto em fotografias a família, representando o início do rio do tempo, o início da Fundação, até a atualidade. As formas de expor foram interessantes, contando com a criatividade artística de Zete, Alzira e Dânia. Também ficaram expostos livros, publicações da revista Xamã e camisetas antigas dos eventos realizados durante os 25 anos do lugar. Segue abaixo, uma fotografia da exposição no ambiental e no refeitório. (Fotos 30, 31).

Foto 31 – Parte do cenário expositivo do Ambiental – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Fundação Terra Mirim

Foto 32 – Pessoas visitando a exposição no refeitório – Comunidade Terra Mirim, Simões Filho-Ba



Fonte: Realização da autora

No intervalo do almoço foram vendidas comidas e produtos locais para as/os visitantes. Por volta das 14 horas, iniciou-se a exibição do documentário sobre os 25 anos da Terra Mirim seguido da louvação da Nossa Senhora Desatadora dos Nós e os parabéns com o bolo.

Figura 5 – Imagem do convite para aniversário da Fundação Terra Mirim – Simões Filho-Ba
 Fonte: Fundação Terra Mirim

FUNDAÇÃO TERRA MIRIM
centro de luz

25 anos
ritualizando a história

Nossas Águas, nossa Terra, nossa Gente!

O Movimento Terra Mirim completa 25 anos dedicados ao xamanismo da **Deusa Mãe** com muito serviço, devoção e cura.

Venha celebrar conosco e sentir como o tempo transformou esse centro de luz numa comunidade entre todos os seres e a natureza.

Ao final da programação teremos a **louvação a Nossa Senhora dos Desata Nós**.

A programação vem cheia de amor e despertar...

Vamos dar um voo nos espaços de Terra Mirim, inauguração da **Fonte Água Xamã** e da primeira parte do **Memorial Comunitário Terra Mirim**, tambores, louvação, comidas saudáveis, arte e mobilização.

28.05.17, a partir das 9h

Aqui a Natureza é mestra! O convite está feito, apareça!

terramirim.org.br
(Confira a lista de presentes no nosso site)

71 31992897 . comunicar@terramirim.org.br . Terra Mirim Foundation/Fundação

A comunidade Terra Mirim traz uma contribuição singular para a museologia, no sentido de pensarmos uma museologia poética preocupada com questões ecológicas e do bem viver. É também importante que mais estudos da museologia estejam atentos para temas que envolvam a memória e a espiritualidade, subjetividades que têm relação intrínseca com a memória, pois toda relação arquetípica aqui estudada apresentou uma relação com o passado e as memórias. Há na comunidade a valorização da memória e o desejo de reconhecimento da

identidade cultural que se enviesa e embasa através das práticas do xamanismo dos quatro elementos, o xamanismo da Deusa Mãe. O exercício de aprendizado e paciência foi constante quando, por muitas vezes, ouvi por lá expressões do tipo: “as coisas acontecem no tempo da Deusa Mãe”: esse tempo é também um fratimônio da comunidade.

A memória e a espiritualidade se fazem presentes com exemplos como a fala de Alzira durante a realização da Oficina do Objeto que informa que determinada flor marcou a sua percepção do contato com a terra: uma simples e pequena flor teve o poder de desencadear diversas memórias vividas naquele lugar. Ela fez uma viagem no tempo através da sua fala, recordando de todo o processo do contato com a terra veiculado através da Terra Mirim, falou como aprendeu plantar, a reconhecer as plantas, dentre outras experiências como a ludicidade do bolo de lama e do banho de lama. Este exemplo serve como um demonstrativo dentre vários outros vividos por outras pessoas no mesmo lugar, exemplos de recordações que servem de contribuição para a Museologia, uma vez que podemos praticar uma ciência museológica da ludicidade, da ecologia e do afeto, tendo a memória e a espiritualidade como um bem precioso, um fratimônio a ser compartilhado com a academia.

Coloquei-me nesta dissertação como metonímia, com o objetivo de compreender o campo. Foi a estratégia que encontrei para que a pesquisa ocorresse de forma fluida. Toda doação a este trabalho se resume a um processo de ruínas e metamorfoses que agora apresenta como produto final a concretização de um sonho que foi investido e imantado pela subversividade museológica, resultando em um jardim de violetas.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução Édna de Marco. **Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, 1 sem. 2000. Disponível em: <<https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/anzaldua.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2015.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Museologia: correntes teóricas e consolidação científica. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio, MAST**, v. 5, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/159/199>>. Acesso em: 8 set. 2015.

ARAÚJO, Samuel. Musicultura. Sound praxis: music, politics, and violence in Brazil. In: O'CONNELL, John Morgan; CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan. (Ed.). **Music and conflict**. Chicago: University of Illinois Press, 2010. p. 217-231.

ARRUDA, José Pedro. Tese e antítese: a autoetnografia como proposta metodológica. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, VII. **Anais...** Universidade do Porto, Porto, 2012. v. 1. Disponível em: <http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0270_ed.pdf>. Acesso em: 8 set. 2015.

AUROBINDO, Sri. **A Mãe**. Disponível em: <http://www.shri-yoga.devi.org/textos/Aurobindo-A_Mae.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2016.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos feministas**, n. 2, v. 3, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio a edição francesa Tzetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. Tradução Hortênsia dos Santos. 2. ed. Rio de Janeiro. F. Alves, 1981.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política: obras escolhidas I**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONETTI, Alinne de Lima. Etnografia, gênero e poder: antropologia feminista em ação. **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 105-122, jul./dez. 2009.

BONETTI, Alinne de Lima. **“Não basta ser mulher, tem que ter coragem”**: uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo feminino popular e o campo político feminista do Recife – PE. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2007.

BORGES, Jorge Luís. Funes, o memorioso. In:_____. **Ficções**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975. p. 109-118.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural**. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 2007.

CARNEIRO, Fernanda. Nossos passos vêm de longe... In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn C. (Org.). **O livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.

CARNEIRO, Sueli. Raça e etnia no contexto de Beijing. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn C. (Org.). **O livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006.

CARVALHO, Cíntia de Sousa. **A escuta de memórias nos labirintos da favela: reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC, Rio de Janeiro, 2015.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=aw9z-yVqrokC&pg=PA181&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false>. Acesso em:

CASTAÑEDA, Carlos. **A erva do diabo: as experiências indígenas com plantas alucinógenas reveladas por Don Juan**. Tradução Luzia Maria da Costa. 27. ed. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 1999.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. **Anais do Museu Paulista**, v. 12, n. 1, São Paulo, jan./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v12n1/19.pdf>>. Acesso em:

CHAGAS, Mário. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

CHAGAS, Mário. Museu, literatura e a emoção de lidar. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 19, Lisboa, 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusoфона.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/366>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. II In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS. **Anais...** Rio de Janeiro: s/e, 2000. Disponível em: <<http://www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2015.

CHAGAS, Mário. Patrimônio é o caminho das formigas... **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 47, p. 175-196, 2015. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MHN&PagFis=62783&Pesq=formigas>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

CHAGAS, Mário. Workshop conduzido por Mário Chagas – Oficina do Objeto. In: SEMINÁRIO SOBRE OS MUSEUS CASAS – COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, II. **Anais...** 13-16 ago. 1996. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=BibObPub&pasta=Anais&pesq>>. Acesso em: 4 jan. 2017.

CONNEL, Robert W.; MESSEERSCHMID, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 241-282, jan./abr. 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

CUNHA, Marcelo Nascimento B. da. Memórias Institucionalizadas de Culturas Afro-Brasileiras: tentando ler exposições de museus e periódicos institucionais. **Projeto História** (PUCSP), São Paulo, v. 26, p. 273-283, 2003.

DROUOT, Patrick. **O físico, o xamã e o místico**. Tradução Luca Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 2001.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Florianópolis: Mulheres, 2013.

FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. Tradução Helena Maria Mello. **Revista Cena 7**, Porto Alegre, UFRGS, 2000. Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. S. Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-42, 1995.

HOROCHOVSKI, Rodrigo R. Empoderamento: definições e aplicações. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30. **Anais...** 24 a 28 out. 2006.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: _____ (Ed.). **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989. p. 31-61. Tradução Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica Alda Judith AlvesMazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993. Uso escolar, proibida a reprodução.

JONES, S. H. et al. **Handbook of autoethnography**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2013 736p. (Coleção Queer).

KUHN, Thomas S. Prefácio; 1 – A Rota para a Ciência Normal; 2 – A Natureza da Ciência Normal; 3 – A Ciência Normal como Resolução de Quebra Cabeças; 4 – A Prioridade dos Paradigmas; A Anomalia e a Emergência das Descobertas Científicas; As Crises e a Emergência das Teorias Científicas. In: _____. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LANDES, Ruth. **A Cidade das Mulheres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEMINSKI, Paulo. **1944-1989 – Caprichos e relaxos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80246.pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

LISPECTOR, Clarice. **A cidade sitiada**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACRAE, Edward. **Guiado pela lua**: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/!!!temp_09_07/12.pdf>. Acesso em: 21 maio 2017.

MARIA, Alba. **A voz dos quatro elementos**: história de uma xamã e outros escritos xamânicos. 4. ed. rev. e ampl. Salvador: Kalango, 2008.

METCALF, William James. Utopian struggle: preconceptions and realities of intentional communities. In: RCC PERSPECTIVES. **Realizing Utopia**: Ecovillage Endeavors and Academic Approaches, n. 8, p. 21-29, 2012. Disponível em: <http://www.environmentandsociety.org/sites/default/files/seiten_aus_layout_issue8_new-3_0.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2016.

MOREIRA, Paulo. Eu venho de longe : Mestre Irineu e seus companheiros. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16415/3/Eu%20venho%20de%20Longe_1%C2%A%A%20reimpress%C3%A3o_versao%20repositorio.pdf>. Acesso em: 21 maio 2017.

MORENO, Luís Gerardo Morales. La Crisis de los museos de historia. In: ICOM/ICOFOM. *Museologia e História. ICOFOM Study Series* – ISS 35. 2006. Disponível em: <http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2035%202006%20History.pdf>. Acesso em: 4 maio 2015.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo comunitario**. La Paz: LIFS, 2008. Disponível em: <<http://mujeresdelmundobabel.org/files/2013/11/Julieta-Paredes-Hilando-Fino-desde-el-Fem-Comunitario.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

REIS, Vilma. **Atucaidos pelo Estado**: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991-2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ROSA, Laila. **As juremeiras da Nação Xambá (Olinda, PE)**: músicas, performance, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada. Tese (Doutorado em Etnomusicologia) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, UFBA, 2009.

ROSA, Laila. Pode performance ser no feminino? **ICTUS**, v. 11, p. 83-99, 2010.

SALLEH, Ariel. Prólogo. In: SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo**: teoria, crítica y perspectivas. Icaria Antrazyt – Mujeres, vocês y propuestas, 2013.p. 11-15. Disponível em: <http://www.icariaeditorial.com/pdf_libros/ecofeminismo.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

SAMPAIO, José Laranjeira. A presença indígena na Baía de Todos os Santos e na área do Parque São Bartolomeu. **Parque Metropolitano de Pirajá**: história, natureza e cultura. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998. p. 29-36.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Encontros museológicos**: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008.

SANTOS JR, Severiano José dos. Ecovilas e comunidades intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo. In: III ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE – ANPPAS. **Anais...** Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/arquivos/TA481-07032006-235557.DOC>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1999.

SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio. **Diversidade e educação**: interseções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Paraná: UFPR Litoral, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/242525529/Livro-Diversidade-e-Educac-a-o-Jamil-Sierra-e-Marcos-Signorelli-pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

SIMMEL, Georg. A ruína. In: SOUZA, J.; OELZE, B. (Org.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 137-144.

SPRADLEY, James. **The ethnographic interview**. Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich College, 1979. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KZ3ICwAAQBAJ&oi=fnd&p=PP1&ots=4nr2iYjbmJ&sig=wX0OzG8Q8_0ck5EVvMpvvNYS18So&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 10 jan. 2017.

TEIXEIRA, Adriana Gabriela Santos. **Mulher no palco**: ritos poéticos teatrais de iniciação ao feminino sagrado. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

TEDLOCK, Barbara. **A mulher no corpo de xamã**: o feminino na religião e na medicina. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução Maria de Lourdes Pereira Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação de Mestrado –, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia Salvador, 2015.

XAMÃ. Simões Filho, Publicação da Fundação Terra Mirim, ano 4, n. 4, jan./mar. 1998.

XAMÃ – Informativo da Fundação Terra Mirim. Edição dedicada ao masculino. ano 2, ago. 1996. Distribuição gratuita.

Web-sites

<<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 22 maio 2015.

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=293070&search=simo-es-filho>>. Acesso em: 22 maio 2015.

<<http://www.simoefilho.ba.gov.br/historia>>. Acesso em: 22 maio 2015.

<<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

<<http://terramirim.org.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

<<http://simoefilhoempauta.com.br/2016/11/08/noemia-meireles-ramos-emancipadora-e-fundadora-de-simoefilho-uma-grande-lider/>>. Acesso em: 8 set. 2016.

<<http://curasdaterra.blogspot.com.br/p/inipi-ou-temaskal-ou-tenda-do-suor.html>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

<<https://www.youtube.com/watch?v=6PZIOtM0KtM>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

<https://www.change.org/p/sos-itamboata-valley-no-landfill-santu%C3%A1rio-da-mata-atl%C3%A2ntica-vale-do-itamboata%C3%A1-amea%C3%A7ado-por-lix%C3%A3o?recruiter=100744280&utm_source=share_petition&utm_medium=facebook&utm_campaign=autopublish&utm_term=mob-xs-no_src-reason_msg>, Acesso em: 6 abr. 2017.

<<https://www.google.com.br/maps/place/Sim%C3%B5es+Filho+-+BA/@-12.7664243,-38.5385832,11z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7166b631ed02d93:0xe6f88478d48979ea!8m2!3d-12.7700716!4d-38.4218849>>. Acesso em: 19 maio 2017.

<<https://www.google.com.br/maps/place/Funda%C3%A7%C3%A3o+Terra+Mirim/@-12.771933,-38.405066,15z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0x64ce05ce0a847b69!8m2!3d-12.771933!4d-38.405066>>. Acesso em: 19 maio 2017.

<http://blog.giulianaflores.com.br/arranjos-e-flores/como-cuidar-de-violetas/>. Acesso em: 3 jun. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS COLHIDOS DURANTE A REALIZAÇÃO DA OFICINA DO OBJETO	115
APÊNDICE B TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS DAS ENTREVISTAS COLHIDOS DURANTE A REALIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO	128

APÊNDICE A

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO COLHIDO DURANTE A REALIZAÇÃO DA OFICINA DO OBJETO

Beuh: Oficina do Objeto dia 15 de janeiro, manhã, verão de 2016.

Vinanda: Então, é nesse encontro, o que eu me lembro claramente, uma das coisas mais importantes foi a descoberta do Templo das Águas. Porque três pessoas daqui, Eu, Minana e Maria, nós ficávamos a meditar, estávamos a meditar, perto do rio, e queríamos descobrir onde seria o Templo das Águas e ao mesmo tempo nós três identificamos o lugar, foi assim, aquela festa né, eu olhei e disse é ali, Minana olhou, Maria confirmou e aí foi construído o Templo das Águas. E também o Rio Itamboatá foi um dos momentos mais importantes, chave da comunidade, onde nos reuníamos todos os sábados às 6:00 horas da manhã e onde entrávamos, às vezes, a água estava fria, mas a gente entrava na maior festa né, e aí a gente limpava o rio, da cabeceira do Templo das Águas até lá embaixo, perto do Colméia, que hoje é o Colméia, ali no Colméia, enfim, então a gente lembra de vários episódios. Da Casa das Artes, onde aqui era um estábulo, onde a gente tirava, tiramos cada dessa pra lavar, se reunia toda a comunidade, a gente fazia uma limpeza do telhado, nós fomos pelo telhado né, que hoje é o Templo das águas. É, há uma lembrança muito forte da Casa do Sol, que não existia a Casa do Sol. Ali onde é o Templo do Fogo hoje, era ali que Alba fazia a fogueira, mas tinha mato, assim, só tinha um caminhozinho que a gente passava pra se reunir, e a gente ia cantar, bater tambor e ficar lá e aí tinha muitos formigueiros, e aí a gente passava pulando das formigas, então assim, são momentos, são vários momentos, então essa é a parte que eu escolhi pra falar. Minha gratidão.

Beuh: você quer que leve direto ou quer que...? leva direto.

Minana: É que também, a história da fundação da Terra Mirim, que foram sete anos de trabalho, interno, né, de autoconhecimento. Então era um trabalho que bem a gente se encontrava pra fazer certos trabalhos, e um dos trabalhos coletivos que eu acho que fica na história dessa comunidade foi realmente a relação com o rio, né, é com esse diálogo com as águas né, tanto no nível do nosso autoconhecimento, das nossas emoções né, o rio né, que fazia as enchentes né, nasceu com as nossas enchentes, as emoções que retornava e esse diálogo que ele nos trouxe as águas, trouxeram muitas mensagens, e esse rio como uma liga

líquida que unia e que compunha também a identidade desse lugar, dessa região, desse vale, não é. Então as águas é muito, né, fazendo parte da identidade, né de que, tanto da, de nós que trabalhamos quanto também dos (não entendível). É, e essa imagem que é dentro desse tempo, que nós trabalhávamos muito o nosso processo de consciência é a presença da arte-natureza, que é marcada aquela ação, né, que é marcada toda a relação né, nossa (não entendível). Então aqui tem a figura, né, do, das pessoas né, (não entendível) essa expressão, aqui é (não entendível), aqui é Wayra, nós sentadas na margem, né, na margem, vendo, participando né, partícipes né, desse momento de arte. E, então é isso, então dentro, de todo trabalho, né, aqui como vocês podem ver, é com cuidado né, o zelo com a natureza ele começa também, a se expressar, se expressou né. Vocês podem ver aqui toda a margem ciliar aberta, toda aberta, que você vai ver agora, ela está toda, toda, toda revegetada. Aqui estão nossas memórias. Nossas águas. Eu agradeço a esse, essa avó, né, por essas memórias.

Zuca: Eu dou continuidade, é, falando dos momentos que marca, falando dos trabalhos, dos momentos... quando eu cheguei, eu também cheguei através do autoconhecimento. Eu comecei com Alba lá em Salvador e depois eu continuei aqui com Maria e, aquilo que me toca nesse momento, é que eu cheguei, que chegava, e Alba me encaminhava pra a parte de preservação da biodiversidade e cuidar do viveiro com, esse espaço sagrado do Viveiro e, claro que parte dele me deixou com (inaudível), com o rio também, mas a minha dedicação, o meu amor e cuidado com a biodiversidade no viveiro, o jardim, ali perto do Templo das Águas, junto com Minana, é um grande aprendizado. Minana, Alba Maria, as outras pessoas daqui da Terra Mirim. Então pra mim, é, desde o momento em que eu cheguei aqui, é uma escola da vida, que eu aprendo a cada dia, como a Xamã nos, com o cotidiano da natureza, ela é nossa médica, é ela que nos, me ensina a todo dia, e me tocou muito esses momentos de mutirão com a comunidade, revegetando, né, aqui nós estamos revegetando o (inaudível) da Fonte da Guia, né, então, esses mutirões com orientação, orientação de Minana, Zuca e uma equipe né, que cuida da biodiversidade, assim, me marca, me toca muito, eu só tenho a agradecer. É uma história longa gente, mas a gente pega alguns pontos. Então eu fico muito agradecida porque hoje tem uma conexão muito forte com a Mãe Natureza. É uma conexão muito forte com a Terra, com a Mãe Natureza, então é ela que ensina, que me cura, que me revitaliza todos os dias. Eu só tenho a agradecer.

Alzira: vou continuar a memória de Zuca, lembrando que quando a Comunidade abriu os trabalhos pra, as pessoas de fora, né, e abriu grupos de autoconhecimento, de iniciação luzes e aprendizes, e essa florzinha daqui, ela, marcou muito essa minha percepção do contato com a Terra, primeiro porque eu só tinha visto essa flor aqui, eu falei, aqui tem uma coisa diferente,

não tem essa florzinha em lugar nenhum do mundo, e eu não conhecia ela, né. E aí eu tenho muitas memórias daquele tempo, dos mutirões também, que a gente participou né, da limpeza do rio, das sanguessugas que eu peguei na perna, dos plantios né, o partilhando, incluindo desde aquela época, ele era muito focado no plantio né, tinha a coisa do fazer o alimento, e o plantio de árvores por aqui e eu, assim, sentia uma grande responsabilidade, de tá plantando uma árvore, e ela tinha que crescer e dar certo ali naquele lugar né, eu que não tinha contato nenhum com a terra, não sabia nada, nem uma folha eu sabia reconhecer, e aí lembro também de uma, um momento numa vivência que choveu muito, e a gente estava fazendo um partilhando, um trabalho na horta, choveu muito, logo no final do trabalho, e assim, me veio uma intuição assim de pegar um bolo de lama e jogar em alguém que tava com a gente, eu não lembro, e daquilo desencadeou uma guerra de lama e no final foi uma catarse, tava todo mundo deitado na lama quase enterrado, e foi assim, uma coisa tão marcante, foi inesquecível aquele momento. E meu Deus sabe, todo um jardim se abriu em mim naquele dia.

Beuh: A gente fazia isso lá na (inaudível) da cerâmica, (inaudível). Teve um momento que a gente ficou preso, assim (inaudível)... chama o bombeiro, chama o bombeiro, e eu falava fique calado, joga água, e (inaudível) falou assim: não diga nada pra ninguém viu, (inaudível), e eram vivências, esses momentos de plantio e de colheita, (inaudível).

Dania: eu cheguei pra cá logo depois dos grupos, e aí eu vim pra cá, vim também na busca de alguma coisa, né... eu nem sabia nessa época que era o espiritual, eu achava que o, na época eu tava com um quadro depressivo e eu precisava fazer alguma coisa, e eu não queria né, agir na área médica, eu queria fazer alguma coisa e Alba me propôs a experiência, né e aí eu vim pra cá, pra experimentar e nessa época já tinha, ia acabando os grupos né, ainda existiam os satsangs, os encontros com Alba, pra falar da gente né, e foi uma época que eu tenho mil lembranças, eu posso sentar e contar cada satsang, basta me dizer alguma coisa que eu me lembre do satsang, de alguma coisa que eu aprendi no satsang, e nessa época, havia uma resistência de um último grupo, tinha um último grupo, então eu pude provar um pouquinho, né, dessa coisa, essa coisa que mexeu tanto com a gente né, que era essas experiências xamânicas, né. Tipo entrar no rio, ficar no rio, eu me lembro, ficar no rio, não sei quanto tempo, e eu Ricardo (inaudível) e Alba: pegue seu fogo, e eu: não tem fogo, pelo amor de Deus eu vou morrer, morra, então morra, você quer morrer, então morra logo, pra não dar trabalho né, e eu ainda peguei essas coisas, que, onde a Comunidade se, aí foi exatamente acontecendo isso né, essa mudança também da coisa da, de entrar por uma porta e depois deparar com um mundo que tinha aqui dentro né, as comunidades, e aí eu não quero isso, eu quero, eu quero isso, eu não quero isso, não, eu não sou da comunidade, eu não sou da Fundação, eu não sou

um aprendiz, aí depois era tudo misturado, Fundação, Comunidade, aprendiz, e a gente não se, e era uma loucura. Então eu me lembro de várias coisas. Aí depois disso, veio, começou, logo depois disso começou as viagens, e aí eu fui uma fiel escudeira em todas as viagens, fiz todas as viagens, né, praticamente todas as viagens com Alba, fora algumas, a maioria delas, que também era uma continuidade, porque também as viagens faziam parte desse contexto todo fora daqui, então Terra Mirim não é um espaço só que está aqui, é um espaço do mundo, então vamos para o mundo. E aí vamos viajar. E aí a caravana saía e a gente ia pro Peru, pra Espanha, pra Itália, pra Alemanha, pra Inglaterra, Índia, pra Chapada, né, e tome-lhe fazer trilha, e tome-lhe, e é isso. São muitas, muitas lembranças né, e lembranças engraçadas sempre né, sempre muito engraçadas, mesmo quando a gente estava passando o maior perrengue, eu e (inaudível) outro dia a gente tava sentado lembrando os perrengues da busca da visão, caiu uma jaca na cabeça de (inaudível), caiu uma jaca na cabeça de Alzira, aí o encontro com a cobra, e aí a gente se lembrando, e hoje eu ando por aqui, ontem eu andando pelos arredores, Fonte da Guia, eu disse gente, a gente já ficou aqui, ó, três noites, e aí essas terras vão falando pra gente né, olha o que que você já viveu aqui, as águas vão falando pra gente, olha, a gente já limpou esse rio, a gente já limpou essa terra, a gente já limpou essa trilha, a gente já conhece essa árvore, a gente já plantou essa árvore, então tá tudo muito ligado, a natureza tá ligada na gente né, porque a gente conhece ela, ela conhece a gente. E a noite aqui né, viver a noite, a magia da fogueira, então tem momento onde isso se transforma em um mundo mágico, que a gente vê tudo diferente quando a gente tá num rito, numa cabana, né, então assim, tudo muda, né, e aí aquilo que a gente não conhecia se torna desconhecido, é uma interação louca né, e aí eu peguei essa foto e me lembrei e disse: a primeira coisa que eu pensei quando eu vi Alba eu disse: quem é essa louca? E essa louca mudou a minha vida, me apresentou assim a coisas fantásticas, meu mundo mágico, né. Várias vezes ela me mandou morrer. É, e é assim, é essa loucura que hoje é a minha loucura. Aí eu adoro ver essa coisa assim que é tipo é, tá tudo, tudo é sério, ela aí pinta o dente, ontem, ontem ela pintou o dente de vermelho, e eu ficava, porra, olha essa louca, essa louca que está em mim, que é capaz de fazer loucuras, e aí ela tava num momento superincrível, ela pegava o cabelo, amarrava o cabelo e botava um nó aqui, e eu: que mulher é essa? É, e é essa louca que vai me ensinando a ser livre, a ser livre de conceito, de qualquer coisa né, e esse amor que ela tem por essa natureza e vai ensinando a gente né, a amar. Ela, Minana, né, os antigos, Maria, Khalyna, né, Vinanda, né, vai ensinando a gente a respeitar as ervas, a respeitar os lugares, a entrar numa mata, isso é (inaudível), isso é uma escola eterna, quem tiver uma oportunidade

de viver aqui, é uma escola eterna, né, não é uma escola de três meses só, três meses é o que a gente pode doar, o que a gente pode viver, é uma eternidade.

Beuh: É interessante ouvindo essa foto aí de, da Xamã, que a gente tava fazendo o mapeamento cultural, não sei se Wayra tava, eu não sei e aí tinha uma figurinha chamada Dandinha, e aí quando eu Dona Dandinha, ela estava exatamente com um penteado assim, sabe? e eu pensei: gente olha pra isso. Dona Dandinha era a mulher do violeiro, né, da comunidade de lá de Pitanga de Palmares, tinha um altar enorme, onde tinha toda uma história em volta de Dona Dandinha, ela teve até aqui algumas vezes né, pequeninha, magrinha também, cabelão assim (inaudível).

Khalyna: Aí eu me lembrei de uma experiência, uma das primeiras vivências, não tinha nem... Ainda tinha búfalo aqui, e aí. Búfalo, quando a gente chegou tinha búfalo. Aí numa vivência ela falou que a gente vestisse a roupa mais linda que a gente tivesse trazido né, e eu tinha uma roupa que eu nem tinha usado ainda e aí pá, vesti minha roupinha amarelinho claro, e aí pá a vivência e aí daqui a pouco, vamos. E ela começou a entrar no rio, entrar no rio. Entrou, entrou, entrou até... Todos estavam assim com a roupa mais linda né, e aí ela foi andando, andando e a gente se olhava assim e ia andando mas achava que ia parar perto, a água até aqui, até que a gente encontrou os búfalos, e a gente ali, eu olhava pra eles, na lama, a roupa linda, e eu não sabia como ia sair dali, a roupa já era o mínimo, mas foi uma experiência marcante (inaudível) e água fria, e os olhos assim e o búfalo de lá, e aquela lama, e eu ali completamente lama pura, a gente e o búfalo era uma coisa só né, não tinha mais diferença, essa foi uma das primeiras vivências de que eu tenho elas tão vivas, na minha memória, porque eu acho que foi a primeira vez assim que eu me vi na lama e diante de, nós todos né, a gente se olhava assim, mas em silêncio, e assim, totalmente uma situação mágica, na época assustava, mas era mágica e aí pronto. A partir daí foram muitas outras. Então aqui são memórias assim, eu hoje eu entendo quando as pessoas dizem assim quando passou do portão, tem algo diferente. E é verdade né, entendendo mais, que é uma realidade, e muitas memórias, muitas, dos tempos primeiros assim, tem aquela moleira, que era o centro de encontro e a Xamã dizia que ali era o, assim aonde a gente conversava todas as coisas, a gente falava da vida né, das coisas, então era muito... é até hoje né, pode dizer a ela que ela vai escutar e dar a resposta, mas é entre vocês, então são muitas memórias desde o início. Essa parte daqui praticamente não existia e, assim, memórias marcantes. Primeiro Ano Novo, que a gente passou aqui dentro né, telhado de palha de dendê, que choveu, e a gente aqui, meditando na maior chuva, e a gente aqui celebrando, todo mundo de branco. Então são muitos momentos mágicos na construção dessa história.

Ana Paula: Foi quando?

Khalyna: aqui a gente estava, a gente chegou em 92, apesar de a Xamã já trabalhava em 90 né, em 90. Acho que foi em 92 não foi? foi em 92 mais ou menos, eu não me lembro a data não, mas foi por aí, que a gente ainda fazia o acolhimento lá né, naquelas salas, na casa onde vocês moravam, ainda era os quartos, não tinha quase nada. Aí foi uma invasão. E aí era assim: a gente chegando e o pessoal saindo. Então foram momentos muito fortes, muito mágicos, até nessa transição, né, da família sair e a gente entrar, foram momentos muito fortes e aí toda essa construção, é, os templos... E é escolhi essa imagem que foi na minha memória agora, foi o primeiro grande exemplo onde tudo o que a gente estava vivendo desde 90 era expresso ao mundo através do livro *A Voz dos Quatro Elementos*, e ele, acho que simboliza, foi significativo para todos e esse, e aí quando eu vi a camisa, eu me lembrei muito a imagem do evento acontecendo, aquela emoção, os templos já, mais equilíbrio né, a construção de cada um, eu tive uma lembrança aqui agora na roda de uma experiência, de uma, as primeiras vivências também, que a gente ia dormindo, não tinha ainda a busca da visão, mas a gente dormia fora, e eu lá pro Templo do Ar, mas o Templo do Ar era muito longe, era como se fosse, era como se fosse o Colméia, e assim tinha um monte, tinha uma coisa alta, parecendo um morro, um morrinho e aí eu fui pra lá, dormir lá, mas eu me senti tão longe, meio desesperada de ter que... E hoje eu olho, meu Deus que que é isso? ali era um outro contextuação com a da Guia ou Lar da Gruta, era assim, a distância da casa pra lá era muita, e eu dormi lá, nesse lugar. Então assim, foi uma experiência muito forte, marcante e depois a gente conheceu o Templo do Ar né, então, passagens assim muito especiais que vão transformando aqui e transformou a vida de cada um que foi vivendo o processo, é uma coisa que eu fui criando né, mais gente foi chegando, foi, então tem muitas passagens lindas, muitas passagens fortes, muitos encontros como os satsangs, que foram os encontros devocionais, os encontros de partilha né, é, esses mutirões, o partilhando, que foi desde o início e a gente cozinhando pra todo mundo, era a grande iniciação, pra quando chegar, cozinhar, tem gente que quando chegava, não fez, nunca fez um arroz, e tinha que cozinhar pra dez quinze pessoas e entrava em pane logo né, mas era isso, tinha que aprender e era assim, fazia parte né da busca e do autoconhecimento, então esse momento assim, especiais, sagrados. E aí de cada coisa, cada mutirão, cada telha, e ir percebendo essa espiritualidade né, eu nunca esqueço quando ela falava assim que a grande inspiração que ela teve, a Xamã, foi lavando o banheiro, sei lá, aquilo há vinte anos atrás era muito entender a possibilidade de entender né, mas o partilhando, acho que foi quebrando tudo isso, essa forma né, tão urbana de cada um de nós, que eu também cheguei e pronto, esse encontro com os animais, tudo foi muito, ou está sendo até hoje né, como dizia Mila né, que a escola tem vinte e três anos e eu me sinto uma aluna

dela, esse aprendizado é precioso, a gente tem que, como disse Ana Paula, eu acho que esse Museu existe, quando a gente faz um tour, a gente tá mostrando né, um pouco da história, falando, ele agora vai, eu acho que tomar uma forma diferenciada, mas, aqui tudo fala né, a árvore fala, então eu quero agradecer por esse instante e agradecer a essa publicação, a esse livro né, que até hoje ele se renova, eu acho que, ele foi pro mundo e cada vez ele se revela mais e vai mais e vai mais, vai mais, vai mais... ao quatro elementos e ao xamanismo e eu quero fazer um pedido especial, é hoje faz três anos né que Maria se foi, e aí quando a gente fechar esse encontro, se a gente puder fazer uma oração pra ela, ela também faz parte desse memorial, é dia quinze, e aí ontem eu fiquei, acho que a gente podia fazer uma oração, mas aí a Deusa Mãe organizou. Muito obrigada.

Beuh: Rapaz, pra eu falar pra mim é bem.. eu peguei a camisa do ECOART, porque eu, em minha memória né, como é que fica a Terra Mirim fica sempre por arte né? o movimento de minha mãe é muito artístico pra mim, e também minha própria vida né, com arte também, então ECOART era esse momento de juntar ecologia, arte e espiritualidade e que eu fui muito entrando na parte institucional através da arte também né, que foi o Ponto de Cultura, que era os ECOARTS, que era os aniversários da Mirim, essa parte essa parte mais, é, esse espírito mais artístico né, que formou né esse movimento e, por isso que eu peguei esse, mas tem vários momentos, porque eu vivi praticamente as fases de Terra Mirim na minha vida né, as fases do trabalho da Xamã na minha vida né, quando ela começa a viajar também, porque de fato houve também a mudança na, dentro da família né, aqui que era o lugar que a gente vinha sempre, todo fim de semana, aqui que eu fui criada, com nove anos de idade, aqui que eu vivi experiências incríveis, minha infância eu não tenho o que dizer nada, inclusive a gente conversava que filha você tem trauma porque você não tem trauma né? porque todo mundo é tão cheio de trauma né, aí fiquei poxa será que eu preciso ter um trauma tal, esse momento que é interessante dessa caminhada junto com a Xamã que chegou a hora que eu falei olha pelo amor de Deus não me dê tanta liberdade não, me dê um pouco menos de liberdade, que eu não tava sabendo lidar com a minha própria liberdade né, de fazer o que a minha consciência me dizia, ou não me dizia, sei lá. Mas enfim, vivi essa regeneração cíclica da Terra né, os plantios, eu vivi muito esses grupos nas partes comemorativas que vinha todo mundo pra cá, e sempre tinha teatro, tinha música, sempre tinha arte, dança, tudo era pura arte, todas as finalizações era sempre muito o espírito né, que a arte dá de manter o limite né, você se expressa do jeito que você é, se expressa né, aí eu vivi muito isso aí e, vivi as viagens também, da reverberação dos trabalhos né, que é o xamanismo lá fora durante quatro anos, foi uma grande iniciação pra mim, de ampliar... E, vivendo agora a parte mais institucional né,

entendendo o tesouro que é isso aqui e de como é um Movimento que ele vai se renovando, eu tava lendo aqui, e eu falei meu Deus, tipo assim, o que a gente acha que é novidade, já não é novidade né, a gente pensa coisa assim: Ai gente, vamos sair do lugar, vumbora, vamos pra frente e, mas o que eu vejo é essa, essa conexão que é o que os humanos tem com a liberdade né, com a, com o que tem de bom na vida, com a celebração da vida, com a natureza né, com o sentir ela no nosso corpo, e sentir que a gente é ela, é muito, eu me senti muito privilegiada de viver isso tudo o que eu vivo e me construir enquanto mulher mesmo né, enquanto humana, é, minhas bases né, elas são muito... minhas raízes, mesmo quando eu não queira elas me... me trazem né, eu me sinto muito próxima do que eu sou, do que eu sou mesmo, claro que é aquela coisa do caminho né, mas é o que esse Movimento traz pra cada um, nos aspectos que chegando perto, chegar perto da natureza né, que é através da arte, através de ritos, através de atuações né, de sociais, de tá aqui em comunidade, daqui do entorno, não se fechar pra nada, então acho que é isso por enquanto.

XamAM: Então, pra mim é Xamã né, é pra mim é memórias elas se remetem a mim mesma, eu vejo as falas de cada pessoa, a própria terra, a natureza, as artes, remete a mim mesma, elas estão falando de mim, de cada passo que eu der, de cada decisão, de cada briga que eu tive pra constituir esse estímulo né, comunidade, o Movimento, o Movimento fora daqui, dentro daqui, então, eu tenho essa certeza né, na verdade a minha luta, é a luta né, era querer o mundo, mostrar o mundo, a certeza de um destino, eu sei que o que eu estava mostrando era a certeza do meu destino né, que era eu também fazer essa magia da vida né, retornar essa magia, retornar nossa liberdade, retornar com a nossa natureza, dar a natureza o que é dela né, devolver através de mim e através de cada pessoa que chegava. Essa memória eu tenho muito bem, eu peguei o livro, eu já passei muito, já escrevi muito, muita coisa escrita minha nessa revista, e naquela época era algo assim tão, era tão sim ter, hoje eu tenho, hoje eu sinto que eu tenho a maturidade, eu não tinha maturidade, mas a maturidade era pra saber um pouco pro o cuidado com o que se fala, cuidado com o que se escreve, o cuidado, assim, ela traz isso na coisa mais cuidadosa, zelosa também, porque eu falava se eu, eu não falava, eu explodia na fala né, eu não tinha limites de termos, de nada né, julgar, então eu acho que (inaudível) falava as coisas, eu então eu achava que eu, eu me vi muito em Izabel, Izabel tem uma coisa assim que é muito parecida comigo quando eu era jovem, que eu sempre digo a ela assim: não dê seu pescoço de uma coisa que não vale nem uma unha, e eu assim, eu dava meu pescoço por coisas que não valiam nem uma unha minha, já ia me entregando mesmo e ia pra força sem problema nenhum, mas porque que você está fazendo isso na sua? mas isso foi depois, aí eu vejo nela né, hoje melhor né, (inaudível) esse traço que ela traz meu né, aquilo não vale

uma unha, você se mete em uma briga por que? deixa lá, não vale, não vale, então eu vi assim, que eu gastei muita energia também com coisas que nem precisava né, talvez por essa experiência eu precisei fazer isso pra poder repassar a experiência da minha carne né, e coisas que valem a pena assim eu acho que é pra morrer, não tem problema nenhum, mas as coisas passam tão, tudo passa, as coisas passam né, as pessoas passam, as coisas passam, as escolas passam, acho que talvez a, no estágio da memória, do memorial ou do museu seja colocar em pauta né, a existência, a essência, aquilo que realmente assim é a construção, foi a construção. E eu tenho assim essa coisa assim do memorial, porque se a gente for pegar o memorial mesmo, assim detalhado, seria insuportável, seria tudo muito difícil né, que tem o seu lado que é maravilhoso, mas tem um lado também que a gente, eu acho que até a nossa memória assim, eu acho que tem a sua importância também né, são experiências difíceis, eu acho que na vida a gente tem que trazer celebração, aquilo que é, aquilo que é, pra que der certo sabe? é preciso compreender que se deu certo é porque teve um processo anterior, é um processo até reticências, na foto né, reticências de ver, porque tem uma história né, que, como é que se diz, isso aqui foi construído né, uma história anterior, até chegar aqui é muita história anterior pra caber num memorial né, eu acho uma iniciativa maravilhosa, porque eu fiquei pensando assim, meu Deus, cada um de nós é um memorial vivo né, se a gente for pegar a nossa história e (inaudível) essas fotos, não sei o que lá, lê, lê, é um museu, e isso tem assim coisas incríveis, chegar até a uma de vocês, tem todo um processo né, então eu acho que, e aqui é um memorial coletivo, uma coisa é um memorial individual, outra coisa é um memorial coletivo, onde todos participam de um movimento e passa para uma grande experiência né, e aí cada um vai lembrando de experiências, sua própria história, sua própria vida, assim, que valor enorme né? que eu coloco disponível para o outro e para os outros, fragmentos da minha história, como eu vivi, como foi, da minha interpretação, eu acho isso uma coisa tão louvável, que merece esse cuidado, porque é tão falando da história é isso, ah, mas é a história do Movimento da Fundação Terra Mirim, eu tô falando da minha história, Vinanda tá falando da história dela e cada uma vai lembrando de um pedaço, o pra aí eu nem lembrava esse negócio da formiga, ela lembra né, você lembra da arte é, então a gente tá falando da história da gente né, da morte, do chegar aqui, da lama, é isso, é essa história, ninguém lembra de outra coisa que não seja aquilo que marcou, (inaudível) eu acho louvável por isso né, porque como sempre é um, comunidade é um, é um memorial da comunidade, bem bonito, mais uma vez é o coletivo que se apresenta pra gente, pra mim então é enorme, sem o coletivo a gente não tem nada, sem a comunidade também vixe, nada, viver sem comunidade a vida é vazia, a vida é chata sabe, você fica ali acordando naquela hora, comendo, ah não tem com quem,

os seus espelhos, eles ficam ofuscados, não tem, fica tudo ofuscado, a gente vai na rua, aí tem esse vislumbre, mas é uma coisinha né? mas viver numa comunidade não, seus espelhos estão sempre limpos, você tem que limpar o seu espelho o tempo todo, passa um você vai limpando o seu espelho, passa o outro você vai limpando o seu espelho, ele está sempre limpo, no astral né, coisas que eu falo, essa benção né? e é por isso que esse, e é, pra mim é, assim, eu tô falando agora já no memorial do futuro também sabe, porque eu vi também, ele traz isso, sempre, sempre, acho que a gente pode também onde traz esse memorial ele precisa dizer que um dia ele foi presente e um dia foi futuro, ele é o passado que representa o presente né, o tempo né, o memorial não é uma coisa passada, o memorial é quando a gente vê isso aqui, um dia isso foi presente e um dia isso aqui foi futuro, a gente sonhava com isso né, um dia a gente realizou isso, hoje ele é passado, é presente e é também futuro ao mesmo tempo, porque esse memorial não é coisa do passado pra gente, o museu não é uma coisa do passado, mas ele representou um momento futuro, e passado agora, que será o futuro também, todos os (inaudível) já é futuro né, o que eu falei há dez minutos já não é mais, agora já é futuro né, então é uma coisa fantástica né, trabalhar com este estímulo aí né, por isso que ele é vivo, (inaudível) pô passou parou, e é, a festa que eu sou hoje, que eu serei amanhã, é lindo isso, é memorável, (inaudível). É uma profundidade fantástico né, tudo aqui tem poética né (inaudível).

Daniela: então eu sou Dáhvi, Daniela. Eu acho incrível esse negócio do Memorial assim né, porque eu não tava aqui né, no início né, e isso tudo tá hoje aqui né, então tipo, faz parte, então quando a gente acessa, a gente vê né, as coisas vão tomando mais sentido ainda né, fazendo mais sentido dentro de mim né, de entender de entender né, é que nem, ver uma aroeira, essa aroeira aqui né, eu tava mostrando pra Dania ontem, essa aroeira grande né, que eu nunca tinha visto uma aroeira deste tamanho, eu não sabia que uma aroeira ficava deste tamanho né, então não sei, se é há algum tempo né, eu acho que a gente tava falando, é, como Beuh tava falando, essa coisa da moda né, que vai e volta, é, também de mistério né, que eu tipo assim, no momento presente pra tudo né, o pessoal daqui, a gente, tudo é precioso, tudo é sagrado né, e pra mim é uma grande preciosidade mesmo quando eu vejo né, quando a gente pode acessar as revistas, as fotos, as histórias que vocês contam né, é muito bom, é uma coisa tipo, porque é minha e eu não conheço né, entre aspas né, mas eu sinto assim sabe, faz parte da nossa história né, de tribo né, de identidade. E eu acho que é linda né, a história de Terra Mirim né, ver uma foto como essa né, que dona Mhinana tava falando né, no início, esse campo super aberto assim né, ferido né, e a roda e saber que é essa energia que mobilizou tudo né, transformou tanta coisa, e tá construindo tanta coisa bonita né, que é o que a gente

acredita que a gente quer expandir pelo planeta, enfim, é como se tudo já estivesse sido dito, vivido né, e na verdade a gente vai é revivendo, reconstruindo, mas na verdade é, eu acho bonito (inaudível).

A XamAM pede pra Dáhvi falar a parte da faculdade

Dáhvi: Ah é, eu achei ótimo também, porque eu, quando eu terminei a faculdade, eu acabei a faculdade em 2006 né, eu entreguei em dezembro e aí eu fui colar grau em março de 2007 e aí depois eu fui ver o que é que ia fazer né, eu tinha certeza que eu não queria entrar no mesmo, seguir esse caminho do Sistema, então tipo eu sei lá, eu nem vou tirar a carteira de advogada né, não quero isso, aí eu fui lá, aí aconteceu aquela coisa tipo assim, eu encontrei o vídeo de (inaudível) Suzuki, aí depois eu recebi o e-mail sobre esse primeiro Seminário de Educação Integral no Canadá, nos Estados Unidos, na fronteira de Vancouver, aí fui, aí tava tendo também um momento de busca espiritual muito grande né, eu tinha entrado no Grupo Ômega, conhecido a Teosofia e tal, e aí eu fui pra lá, aí também, nesse momento como eu tava querendo descobrir pra onde é que eu ia, o que é que ia fazer né, eu ficava tirando retratos no meu dia a dia né, o que é que está ao redor de mim né, o que é que faz parte de mim, e aí ficou muito clara essa questão né, dessa parte de educação, educação mais profunda, educação verdadeira que eu senti, eu falei nossa, eu preciso me desconstruir né, eu sentia isso, então eu não posso fazer nada que eu vim fazer aqui se eu não passar por esse processo antes, só que eu não tinha perspectiva onde é que eu ia fazer nem nada né, então isso me deixava angustiada, me deixava um pouco angustiada, um pouco não, bastante né. E aí a outra era isso de parte de educação, a parte da espiritualidade, que vinha (...) porque Kryon chega agora né, Rosângela, Zé, com essas mensagens né, que foram mensagens que me ajudaram bastante assim a reconectar com esse momento presente. E a parte do ativismo político né, que foi na (inaudível) que aconteceu várias sincronicidades nessa viagem que eu fiz né, foi uma viagem muito linda que eu fiz assim, aí passei três meses lá e quando eu voltei, pronto vai fazer o que agora né? Aí eu desenhei né, além de ter feito a minha monografia né, que era muito essa parte de ecologia integrativa e cidadania, quando eu cheguei aqui na Mirim eu vi vocês realizando já o projeto de Direito Ambiental Comunitário e eu falei pô, como assim, risos. Tipo assim, se eu fosse trabalhar, se eu quisesse iniciar o projeto, não seria nem tão bom, eu já tava né, já tinha experiência, e eu falei porra... é o melhor possível e é, aí eu desenhei, aí eu desenhei, uma comunidade, eu vi como uma comunidade da luz véi, e o engraçado é que quando eu tava visualizando o que eu queria desenhar, era como se eu estivesse visto essa parte assim, eu via as árvores, umas casinhas, as pessoas em círculo né, um centro e aí logo

depois eu fui para um show de Carla e Ila, aí Ila sentou do meu lado e falou, ah o que você tá fazendo e tal? aí ela falou: você precisa conhecer um lugar, me deu o livro dos Quatro Elementos, aí fui passar o Réveillon e levei o livro dos Quatro Elementos, e aí pô, nem acreditei quando a gente abriu pra falar como é que é a 26 km de Salvador né, e eu rodaria o mundo todo, eu ia pra qualquer lugar, e não, tá aqui perto, não é possível. Aí logo depois Beuh apareceu na casa de Ila, eu nem conhecia Beuh ainda né, (inaudível) achou que eu era amiga de Beuh quando eu cheguei né, foi assim né, a gente se conheceu (inaudível) na casa de Ila e logo depois teve alguma coisa na casa dela, tipo um churrasco, um feijão, e eu vim e aí pronto, e aí foi esse processo.

Beuh fala: foi o Ecoart também né?

Dáhvi: é teve o primeiro encontro, e depois a gente começou a fazer ali na Casa da Lua, os encontros do Ecoart, e aí teve a Semana do Meio Ambiente, que foi em 2008, aí foi o projeto né. Dona Mhinana no dia de São Miguel, a gente conversou no ambiental com a proposta de participar do projeto. Aí pronto, aí é, e aí eu vou fazer sete anos agora em janeiro que eu tô morando aqui, quer dizer esse ano todo, foram quase sete anos, quase sete anos, aí agora eu tô fechando sete anos. E é isso né, é uma realidade realmente paralela né, e ainda bem que meu nome tá mudando entendeu, porque né é tipo, melhor, assim, mais fácil, porque Dáhvi, Daniela, Daniela fica um negócio meio que deslocado assim, e é isso, aí pronto, aí eu achei incrível né, esse encontro aqui, porque eu tava procurando muito né, tinha escrito né isso né, então... e é essa benção que tá aqui.

Beuh fala: mas o que eu acho que foi a maior curiosidade...

Dáhvi fala: o que?

Beuh fala: cura, risos, é que ela chegou aqui e ela não dançava, ficava encostada num canto e agente vumbora Dáhvi, vem dançar e nada.

Khalyna: e ela brigava, (inaudível)...

Beuh fala: tirou as fezes todas né? de óculos né, e esse hoje, e esse ano, aqui nas nossas celebrações, (inaudível) e falei nossa velho, mãe olha ali, alha ali, Dáhvi dançando mesmo, não importava quem estava do lado dela sabe, se curtindo no seu estado relaxado.

Dania: sabe o que foi que ela me disse ontem? ontem a gente fez uma apresentação eu e ela né, que a gente curtiu pra caramba e ela disse: fazer teatro assim é até legal né? risos.

XamAM Alba Maria: Nosso grupo de teatro tá voltando né, ele tá chegando, com esse primeiro início né, a gente foi vendo (inaudível)...

Ana Paula: então a gente vai se dividir em dois grupos, um número ímpar e outro número par, só que um grupo não pode saber o que o outro vai fazer. É o seguinte: cada grupo vai criar uma história coletiva de acordo com o que vocês falaram aqui e montar uma exposição.

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS DAS ENTREVISTAS

Entrevista realizada com Minuska em 5 de março de 2016

Ana Paula: Então você autoriza a gravação?

Minuska: Sim autorizo.

Ana Paula: Então, eu queria saber assim, Minuska, como é sua, seus registros de memória da Mirim, como foi? uma conversa.

Minuska: Na verdade, minha grande experiência em Terra Mirim foi a criação da Escola Ecológica, né.

Ana Paula: foi quando?

Minuska: Vai fazer 18 anos em janeiro que eu me mudei pra lá, mas eu já tinha conectado o trabalho antes, eu sei que a, o início do meu trabalho na Escola Ecológica foi em 98, eu comecei a colaborar, ser colaboradora de Terra Mirim em 95, eu tava fazendo um grupo de autoconhecimento com Alba, e aí eu comecei a ajudar. E aí quando eu cheguei lá eu tinha trabalho mais para adulto, e eu vinha também de um história muito forte com o Movimento Social lá no interior de Valente, eu fiquei dez anos e me tornei coordenadora estadual desse (inaudível), então tinha muito, é (inaudível) de trabalhar com comunidade. Quando eu cheguei lá não tinha esse trabalho com o entorno, tinha um trabalho mais para as pessoas que vinham de Salvador e aí eu fui educadora, eu fui sugeri em começar o trabalho com crianças, eu conversei com quatro meninos que moravam perto, filhos de trabalhadores, o meu interesse era comunidades populares. Eu comecei com quatro filhos de trabalhadores, (inaudível) ao redor, depois, eu fui buscar crianças em Dandá, de ônibus, de coletivo, lá eu ia, e aí era a comunidade quilombola naquele tempo ainda não era oficializada como quilombola, não foi fácil chegar lá. A primeira vez eles resistiram muito em deixar as crianças deles irem, e com razão né, foi todo um processo de conquista, e aí o grupo foi crescendo, crescendo, e eu fui conseguindo, convencendo algumas pessoas a dar todo mês tipo R\$ 30,00 para pagar o transporte e o lanche, era duas vezes na semana, depois três vezes, e aí eu consegui no ano de 2001 uma parceria com o Programa Capacitação Solidária, foi a primeira parceria externa de Terra Mirim.

Ana Paula: Esse Programa era do Governo?

Minuska: era vinculado ao governo e, era Ruth, a mulher de Fernando Henrique né, era uma das mentoras do Programa, e aí a gente, primeira parceria externa, a nível de trabalho social, foi essa, aí a gente trabalhou com curso, junto com Mhinana, eu e ela, na verdade eu convidei ela e ela ficou super feliz, a gente fez o Curso Aprendiz das Plantas Mediciniais com os jovens da redondeza, aí foram seis meses, aí já foi mais pra jovens, a Escola, continuando...

Ana Paula: Foi em 98 também?

Minuska: 2001, me parece que foi 2000 e 2001, foram duas edições, eu acho que foi 2000 e 2001. A Escola foi crescendo, crescendo, eu consegui, não me lembro o ano, mas logo depois eu consegui fazer uma parceria com, na época chamava Agata Smeralda, hoje chama Conexão Vida, que eles apadrinham meninos, um projeto da Itália, (inaudível), eles mandavam dinheiro para alimentos, para os educadores, e nos inscrevemos nos Conselhos de Assistência Social, (inaudível), a gente começou com uma atuação muito forte, eu representei a Terra Mirim no Conselho dos Direitos da Criança aqui de Simões Filho, e assim foi, muito (inaudível) era eu era a menina essa (inaudível) que trabalha lá na Irmã Dulce, meio que puxava, dos debates, das discussões, foi uma época muito forte de atuações no Conselho, pronto e a gente ficou com uma força enorme em nossa região, de Ipitanga até (inaudível), a gente tinha uma penetração, um respeito, foram anos áureos, de atendimento à criança e ao adolescente por lá.

Ana Paula: E o custo da construção da Escola foi como?

Minuska: foi de um grupo da Itália.

Ana Paula: foi em 2001 também?

Minuska: Não, foi depois, eu não me lembro bem, eu tenho uma dificuldade de identificar a data, mas eu acho que a construção foi em 2005. E a gente foi crescendo, crescendo, teve uma época que tinha 160 crianças, conseguimos ônibus da prefeitura, conseguimos estagiários da prefeitura, merenda da prefeitura, foi uma coisa extraordinária, com uma metodologia muito diferenciada, e aí foi isso, minha marca maior. Participei de outras coisas de educação, apoiei a Revista Xamã, ajudei corrigir texto, mas assim, a minha grande contribuição, eu acho que foi ajudar a implantar a área social de lá.

Ana Paula: Eu acho que nesse sentido a gente é bem próxima.

Minuska: É, eu tenho esse veio né, da, e depois as próprias pessoas que se assustavam com isso foram acolhendo e aprendendo. E daí, depois veio o Projeto Águas Puras, que Mhinana também tem essa perspectiva do social muito forte e aí, na verdade o social, ele tem várias faces

né, todo trabalho que é feito ele é social, eu tô usando a palavra social me referindo à comunidade popular, mas sei que não se refere a só isso, no meu entendimento.

Ana Paula: Essa discussão também tem na Museologia.

Minuska: é, o social é tudo né, porque o trabalho que se desenvolve lá, que pra mim é o grande eixo, de Terra Mirim, que é a formação xamânica, tem um cunho social também extraordinário, né? só que a gente não acha outra palavra pra falar, mas essa atuação com as comunidades populares, enfim, é que eu fui uma das colaboradoras pra essa linha se implantar, e Mhinana também, e depois os outros foram chegando e aí pronto, pegou, a instituição assumiu isso como dela né. As crianças que chegaram, elas chegaram como alunas e depois se transformaram em assistentes de classe, e depois em educadoras, então hoje... Eu acho que o grande resultado da ação de Terra Mirim no entorno, muito também, da Escola Ecológica, é a Comunidade Quilombola do Dandá, que também foram meus primeiros alunos, foi lá que eu fui convencer os pais a deixarem, então era, as famílias que mais me ajudaram era eles, a interação escola-família com o Dandá foi muito marcante, então hoje eles conseguiram construir a Associação deles, eles têm um trabalho muito interessante, então quando eu chego lá é uma alegria pra mim e pra eles, eles falam: Minuska, Dona Minuska, ficaram tudo rapazes e moças né, alguns casados com filhos, eu digo meu Deus eram desse tamanho, é uma alegria pra mim e, me sinto em casa quando eu vou lá.

Ana Paula: Eu fiz amizade com algumas pessoas de lá.

Minuska: É, eles são muito legais. Agora mesmo, eles me pediram pra eu ajudar a elaborar o Regimento da Associação e sempre (inaudível) aí eu vou lá rapidinho e digo: falem tudo o que vocês querem, aí falam tudo, eu transformo em texto, leio, uma alegria pra mim sabe de ver Sílvia se formando em Letras, de ver Camila, é, vai ser advogada, não só isso, porque também não é a faculdade o único jeito de realizar sonho. Por exemplo, a Lôra, ela não precisa de faculdade, ela é uma grande liderança no trabalho contínuo na (inaudível), Paula é uma grande liderança, não tem caminho acadêmico, Paula passou pelo Aprendiz das Ervas Medicinais, depois que a área da educação começou implantar mesmo essa coisa voltada para as comunidades aí a área de arte e cultura também consegue, a área de meio ambiental também, aí meio que fez um tripé: educação, arte e cultural e ambiente, meio ambiente, fazendo esse trabalho no entorno, através do Ministério da Cultura também, foi um trabalho muito forte de arte, como se chama, de arte e cultura muito forte, então eu acho que foram três grandes colunas, a educação através da Escola Ecológica, a área de Arte e Cultura e a área de Meio Ambiente, que deu uma revirada nesse entorno, sabe? que fez a parceria com o entorno, que trouxe as

pessoas do entorno pra dentro da instituição. A Escola foi pioneira, mas logo depois, as outras apareceram também e elaboraram projetos muito importantes.

Ana Paula: E você participou do Ponto de Cultura também?

Minuska: eu participei, no início eu atuava como responsável pela coordenação pedagógica, na primeira, nos primeiros anos, depois não deu mais, assim como também no Meio Ambiente, a área de formação no Projeto Águas Puras na primeira edição eu assumi, mas depois o meu trabalho em Camaçari a nível de profissão foi crescendo muito.

Ana Paula: você dá aula lá?

Minuska: na verdade eu tô há doze anos dentro da Secretaria de Educação e eu (inaudível) a área de educação infantil.

Ana Paula: do município?

Minuska: então são 58 escolas sob minha responsabilidade. E eu cheguei em 2005 e eu disse a eles: eu só fico se vocês me permitirem, na verdade eu cheguei antes, mas, eu acabei coordenando um Programa, em 2005 que eles me entregaram a educação infantil, e aí eu falei que eu só aceitaria se eles me permitissem fazer do jeito que eu acredito, eu criei um Programa de formação de educadores junto com, eu convidei algumas pessoas para estarem comigo, e aí essa equipe meio que implantou a educação infantil de Camaçari, foi uma proposta muito, uma identidade muito forte, e aí pronto, eu não dava conta de tudo, (inaudível) também eu senti que chegou a hora de passar a escola para outras pessoas, (inaudível) aí você acaba que cristaliza em um lugar, aí as meninas já estavam em condições de.

Ana Paula: Mas agora tá sem funcionar né?

Minuska: é foi uma coisa, porque assim, quando eu saí, eu deixei a Escola toda estruturada, tinha dinheiro da prefeitura, tinha merenda, tinha ônibus, tinha quatro estagiários, Maria tava assumindo, só que Maria faleceu, foi uma fatalidade, dois anos depois que ela tava coordenando, aí ela faleceu, e ela tava super bem, e ela tinha esse tino sabe?

Ana Paula: tem quantos anos que ela faleceu?

Minuska: Acho que tem quatro, (inaudível), ela ficou dois anos coordenando a Escola, tava super bem na Escola, eu tava mais de longe né, mas tava funcionando, ela tava bem, então aconteceu esse imprevisto, é isso né, eu acho que o trabalho continua agora, mas de outra forma né, não mais naquele formato. Tudo se transforma, tudo muda, todo ciclo se conclui né, se renova.

Ana Paula: E a vida é assim.

Minuska: é e eu tenho uma tranquilidade muito grande dentro de mim, que eu fui três anos preparando o grupo, sabe? preparando como ia ficar, Maria já atuava na Escola, a diretoria

era reconhecida pela prefeitura, então ficou tudo em ponto de continuar funcionando bem, depois as coisas foram mudando, e também uma coisa: eu sempre fui muito apaixonada por educação, então eu jogava toda minha energia entre Camaçari e lá, Camaçari e lá, eram minha paixão, aí as coisas mudam.

Ana Paula: E como foi sua chegada aqui na Mirim?

Minuska: Através do grupo de autoconhecimento de Alba, eu fazia autoconhecimento com ela em Salvador, no Espaço Lumiar, aí (inaudível), na verdade ela começou fazer vivência sabe? (inaudível)

Ana Paula: Ah, então foi uma coisa que já tinha muito tempo foi?

Minuska: Não, não tinha muito tempo não, eu acho que, acho que foi em 93 se eu não me engano, que eu comecei com o grupo terapêutico, 94 o grupo de iniciação, 95 o grupo de luz, 96 o grupo de Aprendiz, foi.

Ana Paula: Aí você decidiu vir morar aqui?

Minuska: Eu morava em Camaçari.

Ana Paula: Ah, você morava em Camaçari. Aí você veio pra aqui em 2000 e?

Minuska: vai fazer 18 anos em janeiro que eu vim, porque a minha coisa é assim, Dani nasceu, o filho da minha amiga nasceu em junho e eu vim em janeiro, então ele faz 18 anos em junho e eu faço 18 anos (inaudível) de janeiro, isso aí, (inaudível) e aí eu fiquei um tempo morando lá, depois eu entrei no mestrado e fui pra Camaçari, (inaudível).

Mas assim a formação que eu vivi em Terra Mirim foi extraordinária, muito boa, é, a formação xamânica, foram mais de dez anos né, estudando com Alba, fazendo grupo, eu gosto muito dessa síntese, que eu participei de um Movimento Revolucionário durante dez anos, então com 16 anos eu já tava coordenando grupos, e a gente era final da Ditadura e a gente tinha certeza que ia ter guerrilha, e a gente até brincava quem ia pra guerrilha, quem ia pra trincheira, quem não ia.

Ana Paula: Que coisa boa!

Minuska: É, a gente trocava nomes, quando a gente ia para os eventos em São Paulo, minha mente sempre tem uma facilidade de entendimento (inaudível), então rapidinho eu me tornei coordenadora do Movimento no município, logo depois me elegeram coordenadora do Movimento (inaudível) sisal, depois coordenadora do Movimento na Bahia, eu fiquei dois anos e meio correndo essa Bahia toda, toda, toda, fazendo, foi muito, muito bom, aí eu vim pra Camaçari pra implantar o Movimento Revolucionário em Camaçari, e eu vim pra isso. Trabalhei no Polo dois anos, teve duas greves, não, uma greve, que a outra foi depois, eu já tava saindo, aí, tendo essa experiência magnífica de estudos da, as histórias das revoluções em

todos os países, as histórias da Rússia, as histórias da Nicarágua, as histórias... era nossa, era nosso estudo permanente. Depois, aí encontrei Terra Mirim, que foi esse tempo, e fiz uma boa pedagogia.

Entrevista realizada com Albina, moradora do condomínio Colméia – 4 de março de 2016

Ana Paula: Também tem que sair na gravação se você autoriza a gravar?

Albina: Certo, já tá gravando aí? pronto eu autorizo sim.

Ana Paula: Então aí, é, como foi o seu processo de conhecer a Mirim?

Albina: Sim, primeiro eu fiz uma viagem iniciática com Alba para o Peru, foi assim que eu conheci.

Ana Paula: Foi em que ano?

Albina: olha, ano foi... o ano sempre me pega, eu acho que essa viagem que eu fiz, se eu não me engano foi em 2005, dez anos? 15 anos? eu acho que foi antes, eu acho que a viagem foi antes. Eu não lembro exatamente o ano, é que eu acho que eu tenho mais tempo, e aí foi a primeira viagem que Alba fez aberta a grupos abertos. Ela sempre fazia com grupos fechados, essa foi a primeira viagem com grupo aberto, tanto que eu não conhecia nada né, ninguém e aí eu fui.

Ana Paula: E foi pra onde?

Albina: pro Peru. Então nessa viagem eu fiquei sabendo que Alba fazia. na verdade foi assim, na verdade Alba é... o grupo lá de Terra Mirim, as pessoas estavam começando, lançaram a Revista Xamã, era um jornal na verdade, foi o primeiro jornal, e o primeiro jornal foi lançado lá no Caminho das Árvores que era um espaço chamado Lumiar que era assim, era de Terra Mirim, né, que representava a Terra Mirim lá. Alba atendia lá, tinha algumas pessoas que atendiam, e lá eu fui para um lançamento, uma amiga me chamou para um lançamento dessa revista Xamã, jornal. E no jornal a primeira pergunta era: O que é Xamanismo? eu nunca tinha ouvido falar em xamanismo, eu tenho esse jornalzinho até hoje, e aí eu peguei jornal e tal, assisti a palestra, quando eu voltei pra casa que eu fui ler o que é xamanismo, então assim eu me identifiquei, eu disse: poxa é isso o que eu acredito, e que eu quero né? então houve uma identificação. Aí pronto, também nunca mais eu me interessei em procurar nada. Depois eu vi uma faixa lá em Villas, que eu morava em Villas, é... viagem para o Peru, com Alba Maria, aí eu disse: ah é aquela pessoa do Xamanismo, da Revista Xamã, aí

eu fui para a palestra e resolvi fazer a viagem, e depois, na viagem eu fiquei sabendo que tinha um grupo, que Alba ia fazer o último grupo também, tudo meu foi assim... Na verdade foi o primeiro grupo aberto para o Peru e o último grupo de iniciação xamânica. Ela fazia grupo de iniciação xamânica de três anos. Não sabia não? É, ela fazia esse grupo de iniciação xamânica, cada ano a gente estudava o físico, emocional, é... num ano o físico, no outro o emocional e depois o espiritual. E aí ela fazia esses grupos que foi bem interessante, então eu fiquei sabendo na viagem que tinha esse grupo e tal, e aí eu fiquei sabendo, mas... conheci esse grupo dela, depois ela vai fechar essa coisa e quem vai ficar vai fazer é outra pessoa, daqui, Maria que deu continuidade.

E aí nessa história, quando eu voltei da viagem, (inaudível) porque era grupo, eu era muito tímida, pra falar em grupo, é porque a terapia era em grupo né, e aí como é que eu vou falar e tal, mas nessa história, eu acabei fazendo. Tudo se abriu, diante de todas as minhas dificuldades, foi assim, que eu fui fazendo. Aí foi assim que eu vim conhecer, porque o grupo era lá no Caminho das Árvores, e aí tinha as vivências, duas vivências por ano, nas vivências, uma era em Terra Mirim e a outra a gente viajava. Aí pronto, nessa história de Terra Mirim, viajar, eu fiquei conhecendo Terra Mirim. E aos poucos eu fiquei vindo, eu fiquei três anos né, dá pra gente ir, já vendo um monte de coisas, aí, de Villas em vim morar em Terra Mirim, nessas descobertas todas, que teve uma iniciação xamânica né, e (inaudível) começa a descobrir um monte de coisas né. (inaudível) trabalhar, aí eu tinha uma relação, me separei, aí de Villas eu vim pra cá e fiquei morando aqui, na época eu tinha Monique, ela já tava adolescente já, já com 16-17 anos, e aí ela ficou em Salvador porque ela fazia cursinho né, ela ficou em Salvador e eu vim morar, depois ela veio também. E aí quando eu vim morar, todo mundo morava no Recolhimento, todos aqueles quartos do Recolhimento eram de moradores da Terra Mirim, eram todos preenchidos, não tinha vaga.

Ana Paula: Então o recolhimento não era para receber as pessoas de fora, era para os moradores da Mirim?

Albina: É, no início, na verdade, é, era mais assim para, assim, tinha os Chalés para receber os grupos que tinham vivências, porque tinha as pessoas do grupo e tinha as pessoas de fora também, mas nessa da gente não, era só a gente. Essa da iniciação xamânica era só o grupo, agora também Alba fazia vivências, (inaudível) ela fazia vivências e também vinha gente de fora. (inaudível) e aí todo mundo morava lá e depois surgiu a ideia dos condomínios, ter a casa e aí eu acho que no condomínio de Alba, ela foi a primeira moradora. E surgiram depois outros e foi indo e foi indo, e aí depois surgiu a ideia de outro condomínio, teve o primeiro,

eu acho que o primeiro é o Ganesha, foi o Ganesha, onde Gheu mora, que tinha Runa e (inaudível) que construíram a primeira casa e depois foi Alba.

Ana Paula: Até Alba morou no Recolhimento?

Albina: Alba morava no Recolhimento. Ela morava em Salvador né, mas ficava muito aqui né, mas depois da separação dela né, do ex-marido né, (inaudível) da separação, eu acho que foi logo depois que ela veio morar também. Quando eu assisti a palestra, que foi do Jornal Xamânico, na época as pessoas não moravam aqui, vinham pra cá pra fazer vivências, fazer os trabalhos, rituais né, mas não moravam, ficavam lá e cá. E aí foi assim, e aí, eu fiquei, e depois nessa história de construir, eu acabei indo morar no, eu comprei também um terreno e construí lá no condomínio Vale dos Encantados, o de Vinanda.

Ana Paula: Ah, lá tem dois nomes né? Vale dos Encantados e...

Albina: É, mudou o nome eu acho.

Ana Paula: o outro é Veneza, são dois nomes, a não ser que tenha outro.

Albina: não, é, exatamente. Aí eu acho que mudou. Aí pronto, a minha casa era lá, aquela que, eu acho que Ojuara morava, você conhece?

Ana Paula: Sim

Albina: Pois é, aquela casa quem construiu foi o pai de Lila, o pai de Lila eu conheci aqui em Terra Mirim.

Ana Paula: Ah, Lila é a sua filha?

Albina: É minha é, é minha filha. Eu conheci em Terra Mirim o pai dela, aí a gente construiu a casa, fomos morar, eu tava grávida, e aí eu fiquei grávida, e aí foi assim né, as vivências, foi assim, e aí hoje em dia, quando a gente tá na rotina, a gente vai vivendo, a gente claro, a gente vai vivendo e percebe muita coisa, mas depois a gente percebe assim como era intenso tudo, aí a gente assim, como o xamanismo realmente é vivencial né, é o dia a dia, e no início era muito mais intenso. Porque? Porque assim, todo domingo tinha reunião com todos os moradores de Terra Mirim, todo mundo, então a gente vivia 24 horas, todos os dias de manhã, eu sei que todo... depois começou o satsang, todo dia tinha o satsang.

Ana Paula: satsang era o que mesmo?

Albina: satsang era, é que nem o satsang mesmo, perguntas para o mestre, porque a gente tinha o círculo e aí, Alba ficava esperando as pessoas perguntarem o que queriam, para tirar as suas dúvidas né, alguma questão. E aí ia né, todo dia tinha satsang e isso, era intenso, entendeu, era muito intenso, então, a gente vivia mesmo, mas isso a gente vê o resultado hoje de muitas coisas que a gente aprendeu mesmo, (inaudível) porque a gente se resgata né?

Ana Paula: E é uma construção também né?

Albina: É, é uma construção. E a gente vai resgatando a gente mesmo né, a gente vai vendo, é se reencontrando com a gente mesmo, vai mudando muita coisa.

Ana Paula: Eu que não fiz nenhum processo iniciático (inaudível).

Albina: É é forte. E a gente ainda tinha duas vivências que era a vivência no início do ano e no final. Essas vivências eram geralmente sete dias. Mesmo a gente morando aqui, a gente não ia pra casa, a gente dormia, todo mundo pegava suas mochilas, ia para a Casa do Sol e ficava ali o dia todo.

Ana Paula: Ah, já tinha todos os templos?

Albina: Já, já tinha. Quando eu cheguei aqui já tinha todos os templos. Teve um grupo mais antes né, que foi Andíara, Maria, eu não sei se Khalya, mas as... e teve outras pessoas que saíram que foram de um grupo inicial, eu não peguei esse grupo, e eu peguei, eu peguei mais depois do grupo de iniciação xamânica, e aí foi.

Ana Paula: e você é Xamã?

Albina: Olha eu não me intitulo xamã não, mas assim, eu vejo que eu aprendi muita coisa com relação aos ritos, com relação a lidar com a natureza né, é, a reconhecer a natureza como mestra, sabe? a saber do poder dela né, a reverenciar, então eu aprendi isso tudo, não estou lhe dizendo que isso é ser xamã ou não, mas a minha visão com relação à natureza hoje em dia é outra né?

Ana Paula: Eu sempre vi as plantas diferente, mas a cada dia que passa, vai ficando mais (inaudível).

Albina: É, o nosso olhar vai mudando né? é, como assim, o que Alba tentou muito ensinar foi pra você escutar mesmo né, escutar os elementos, escutar a natureza, eu sinto que depois desse tempo todo, e também porque você vai trabalhando, é muito..., vai limpando pra você chegar nesse processo né, que a gente tem uma bagagem enorme de ego, de várias coisas, questões que a gente traz, familiar, de outras vidas, tantas questões e aí isso vai limpando, tem gente que tem menos e tem gente que tem mais. Aí você vai limpando, limpando essas questões pra poder escutar mais o corpo né, e aí não é um tempinho, é um tempão né.

Ana Paula: e cada ser tem um tempo diferente.

Albina: É, e saber também que não vai acabar nunca. Vivem essa ilusão assim de que vai acabar assim né, acham que vai acabar, não sei, eu acho que faz parte da própria prepotência humana sabe? que acha que um dia você: Ah, eu... não, você passa e aí você vai passando, vai ficando mais leve.

Ana Paula: Igual a pesquisa pra gente, quanto mais faz, mais está incompleta.

Albina: É. nunca acaba, nunca.

Ana Paula: a gente vai morrer (inaudível).

Albina: é, é porque faz parte da evolução né, os mestres é Jesus Cristo, Buda, eles estão no processo de evolução, muito mais evoluídos do que a gente, mas estão num processo de evolução também. Isso é bom quando a gente internaliza isso, porque eu acho que isso faz parte e justifica mais até sabe? não é se acomodar, mas eu acho que um buscador de verdade ele nunca se acomoda né, mas...

Ana Paula: de ter paciência consigo.

Albina: Isso, e aí fica mais leve né, então são muitas curas né, tenho muita gratidão à Alba, a gente tem um amor imenso, amor imenso mesmo.

Ana Paula: Você também escrevia para a Revista?

Albina: ah, sim, olha o meu trabalho na Mirim né. A Revista, depois eu comecei a fazer parte da Revista, aí, eu comecei a ser, é, trabalhei com os anúncios da Revista, eu trabalhei com os anúncios da Revista.

Ana Paula: Vocês anunciavam aonde?

Albina: É porque assim, pra Revista se manter, a gente precisava conseguir anúncios, como a Revista é gratuita, então ninguém pagava pra ter a Revista, então a gente precisava de pessoas pra anunciar, que pagasse esses anúncios pra ela se manter, entendeu?

Ana Paula: Ah, eu entendi, pensei que tivesse patrocínio.

Albina: é, então as pessoas anunciavam, intervia em loja (inaudível), é profissionais, é afins, né, tinha um interesse, porque a Revista era bem distribuída em Salvador sabe? tinha uma distribuição ótima, tinha um conteúdo bem legal, interessante né? Eu tenho um monte aqui, porque eu trabalhei com elas, então tento até... é ótima a Revista, eu mesmo tinha muito amor pela Revista, por isso que eu acho muito ruim ter acabado. Parou né, parou de ser, foi-se o movimento né, e aí acabou, pronto, parou, eu nem me lembro mais exatamente porque foi, mas aí parou. E, aí eu trabalhei com a Revista, trabalhei com o Sharimar, que era Alba, né, Alzira, com os óleos e (inaudível) e foi representando né, fazer representação, eu e Ilzinha trabalhando com, e com a hospedagem também, eu trabalhei na hospedagem. E aí a gente viajava, a gente ia para Maceió, Aracaju, Maceió, Recife, Rio. Foi muito legal, e era muito bom. A gente ia mais trabalhando assim, na divulgação dos produtos né, daqui da Fundação, tratamento holístico, em lojas, né, tinha várias, várias pessoas que tinham interesse em pegar a Revista. Porque tinha artigos bem interessantes.

Ana Paula: é, eu li alguns artigos.

Albina: Já conhecia?

Ana Paula: não, conheci no material do Memorial, tem algumas revistas e aí eu li alguns artigos.

Albina: É, agora eu perguntei pra Lila, a minha filha né, quando ela estava para ficar menstruada, eu dei uma falando da menstruação, que Ana Paula: Ah, eu ouvi na Mirim que essa foi bem procurada.

Albina: É, é bem linda e tal, tenho muita, eu tenho mais de uma, entendeu, e algumas até repetida, e aí são as revistas, os (inaudível), então, essa é a minha parte né, do nosso Movimento, também procurando se manter né, ter uma sustentabilidade, então meu trabalho foi esse, né, (inaudível), com a hospedagem, porque aqui como antigamente mesmo, na época que a gente começou a morar, eu me lembro, não tinha cozinheira, era a gente, aí tinha plantões né, uma fazia o almoço, outra o café, outra o jantar, era assim.

Ana Paula: Mas quando você veio já era Fundação?

Albina: Já era Fundação, mas Fundação, nesse ritmo de comunidade, entendeu? e não tinha praticamente funcionários, era só Domingos, era um funcionário muito antigo que tinha aqui, funcionário mais pra terra né, não tinha quantidade de funcionário como tem hoje não.

Ana Paula: E o Sr. Amaro é dessa época?

Albina: É, quando eu cheguei aqui Amaro já tava, Amaro veio adolescente, adolescente, não sei se foi 17 ou 18 anos.

Ana Paula: Ah, então eu vou conversar com ele, porque eu adoro ele.

Albina: Ah, minha filha ele vai contar é coisa, é, ele tem é coisa, né, e... era muito bom, era assim, são momentos né, aí muita gente depois cada um foi buscando outras coisas, aí outras pessoas foram chegando.

Ana Paula: E já tinha a Jornada aqui, em questões de (inaudível).

Albina: Já, já tinha, sempre nas vivências vinha pessoas de fora, tinha gente de São Paulo, do Rio e do exterior também, porque desde essa época que Alba já ia para a Alemanha.

Ana Paula: Mas assim essa Jornada que tem de outubro até janeiro?

Albina: Essa Jornada ela é nova, ela não tinha esses meses todos, entendeu? não tinha não. Eu acho que com esse tempo todo começou agora, com a Escola Xamânica, tinha, era assim, eram duas vivências por ano, de sete dias. Aí nessas vivências as pessoas aproveitavam e vinham, porque era final de ano, aí ficava mais tempo e fazia a vivência, vinha muita gente de Aracaju, muita gente de Aracaju.

Ana Paula: é, eu vi, nos documentos, porque eu gosto de ler.

Albina: é, muita gente de Aracaju, e as vivências, essas vivências, tinha 20-30 pessoas. (inaudível)

Albina: Por exemplo, Alzira mesmo, nós chegamos juntas, nesse grupo de iniciação xamânica, esse grupo de 25 pessoas ou mais, tinha, é, três pessoas que ficaram na Mirim, é: foi eu, Alzira, desse grupo mesmo de iniciação xamânica que ficaram, é, como residente eu, Xanda também, eu e Xanda como residentes, Xanda já saiu e Alzira, só que Alzira nunca residiu né, mas é colaboradora até hoje. Então desse grupão, só a gente, mas outras pessoas também frequentavam, vinham, mas não pra ficar, né, residir. Se quiser perguntar mais alguma coisa fique a vontade.

Ana Paula: Se e essa vivência de sete dias, você participava também?

Albina: Sempre. Todos os residentes participavam.

Ana Paula: E era dividido por elementos, esse tipo de coisa? porque na Jornada é assim.

Albina: Não, não era assim não dividido, eram sete dias, a gente ficava direto, era assim como Alba (inaudível) eram rituais que ela fazia né, então por exemplo, é, não tinha horário também, os horários eram muito (inaudível), a gente era assim, era de madrugada, ia fazer alguma coisa, sempre ela trazendo exercícios práticos, tudo isso pra os sentimentos, rituais, muitos rituais, passava duas noites, três noites na mata, a gente escolhia um lugar e ia sempre duas noites estar na mata, nesses sete dias, geralmente acontecia também, nem sempre, mas talvez tivesse algum rito de ayahuasca, São Pedro, porque ayahuasca e São Pedro naquela época era só no início e no final do ano.

Ana Paula: Uma dúvida: São Pedro e Watchuma é a mesma coisa?

Albina: É. No início do ano eu acho que ela trazia ayahuasca e no final ela trazia São Pedro, era assim. Sua acontecia duas... nesse período do ano.

Ana Paula: E, aí você só vai responder se você quiser, mas, como foi que você descobriu o seu elemento mestre?

Albina: Foi nessas coisas, a gente descobre muita coisa, porque aí Alba vai fazer em cada vivência, o animal, vai trazendo os elementos, vai aprofundando, é porque eu não lembro mais os temas, mas era tudo muito junto, não tinha assim dizendo, ah, a gente vai trabalhar isso, né? tinha fogueira, tinha cabana, tinha tudo o que ela faz, todos esses ritos que você já conhece aí, acontecia.

Ana Paula: mas você descobriu por si só?

Albina: eu descobri por mim só. Mas na verdade é a gente, agora é claro que tipo, Alba pode confirmar, outra pessoa pode confirmar, mas normalmente acontece do outro ver também, mas muitas vezes, na maioria das vezes é a gente mesmo que descobre.

Ana Paula: é porque eu descobri que o meu não tem relação com o meu signo.

Albina: É, não tem relação. o meu coincidentemente é o mesmo elemento, mas não significa que tem que ser.

(inaudível)

Albina: E aí a gente vai descobrindo. O livro dela, A Voz dos Quatro Elementos, é lindo né, pra você identificar, você ver o que é, o que não é, é lindo.

Ana Paula: Eu li a primeira versão.

Albina: A primeira...

Ana Paula: Aquela editora, era da Mirim, a editora Madras?

Albina: Não, sempre foi a Kalango. Madras né, acho que tinha uma Madras mesmo, eu não me lembro.

Ana Paula: A primeira versão, eu acho que foi Madras.

Albina: É, depois que Dhan trouxe a Kalango e ficou a Kalango, é isto. (inaudível)

Ana Paula: e você também ajudou a limpar o rio?

Albina: sim, eu também ajudei a limpar o rio, era sábado, não sei era de 15 em 15 ou toda semana...

Ana Paula: Antes era Splendor, né, mas agora, depois, passou a ser Itamboatá.

Albina: É, e a lagoa também né, a gente entrava para limpar.

Ana Paula: Ah, aquela do Ganesha.

Albina: É. Aquela lagoa a gente entrava para limpar também, o rio era mais né, e a Lagoa era de vez em quando.

Ana Paula: (inaudível), era coisa orgânica?

Albina: É, era uma planta que dava na lagoa, elas são compridas, e ela quando fica muita, ela sufoca né? e a gente tirava essa planta (inaudível).

Ana Paula: (inaudível) porque houve um reflorestamento né? porque eu vi as fotos de antes, parecia um pasto.

Albina: é, é verdade.

Ana Paula: é uma coisa assim, extraordinária.

Albina: é, é mesmo, e a Mirim foi transformada né. Você sabia que a Casa das Artes era um curral né?

Ana Paula: Não.

Albina: Não? porque era residência particular né, Terra Mirim, era de Alba e da família dela né? que moravam. E aí depois as coisas foram chegando na busca dela né, as coisas foram chegando e aí aquela Casa das Artes era o curral.

Ana Paula: Ah, eu não sabia, eu sabia que era um lugar com (inaudível), mas que era um curral eu não sabia.

Albina: É, porque quando eles compraram, não sei já tinha, ou se eles botaram, era um curral, era muito diferente. Ali na Casa do Sol, eu não vi, né, o pessoal é que fala, eu já escutei falar muito. A Casa do Sol ali, você mal chegava, era algo distante, cheio de água. Então aquelas plantas todas que tem ali naquele caminho para a Casa do Sol, ali foi tudo Alba, que plantou, que teve a ideia, que foi chegando as visões né e a intuição de que ali seria uma comunidade, então as coisas foram chegando gradativamente né?

(Inaudível)

Albina: Eu quando iniciei o meu movimento em Terra Mirim foi com as minhas viagens iniciáticas com Alba, é muito bom, fui ao Peru. Lembrando da idade, né, eu comecei a frequentar, a primeira viagem que foi para o Peru eu tinha 28 anos, estou com 52. É 28 anos ou 29 por aí, eu fui para o Peru. Aí depois eu fiz novas viagens iniciáticas com ela, fui para Santiago de Compostela, que ela fazia, aquela caminhada né, de Santiago. Fui para o São Francisco de Assis.

Ana Paula: Onde é isso?

Albina: Na Itália. O Caminho de São Francisco de Assis tem também.

Ana Paula: Não conhecia.

Albina: Não? Mas já ouviu falar, São Francisco de Assis você conhece né?

Ana Paula: O santo sim, mas o local na Itália não.

Albina: é, é chama, é na cidade de Assis mesmo, que é onde, foi onde ele viveu, onde ele nasceu, onde ele viveu, onde ele morreu. Ele e Santa Clara. A gente vai lá, faz uma peregrinação até chegar.

Ana Paula: E esse São Francisco tem gruta ou é igreja mesmo?

Albina: não, tem igreja, né, ele era apaixonado (inaudível). E ele era considerado um Xamã né? também e tem a catedral, a catedral né que era um lugar que tem a roupa dele, os sapatos, as vestimentas, mas eu acredito que, ele era muito livre né?

Ana Paula: mas, assim as visitas que vocês faz com Alba era na igreja?

Albina: Ah, não. A gente ficava num local mais afastado, na natureza, uma hospedagem mais afastada e a gente fazia as nossas vivências, os rituais lá, e depois fazia uma peregrinação. Quando eu fui, foi assim, mas vai mudando sempre né, e aí de lá a gente fazia, tem um caminho de São Francisco mesmo, e a gente vai andando até chegar na catedral em Assis. Aí tem a catedral, depois da catedral a gente conhece também onde era o convento de Santa Clara, a gente conhece onde ela morou, onde ela viveu (inaudível) a gente passa por

um caminho de vários, era um caminho de natureza também, um caminho que ele fez na peregrinação, fazia entendeu? e aí a gente faz também, é um caminho mais curto.

(inaudível)

Albina: mesmo nas viagens, Alba mantém o ritmo do xamanismo, que é o ritmo 24 horas né, de acordar, de fazer ioga, de depois ter um partilhando, o desjejum, aí depois tem, dá um tempinho pra fazer um encontro, partilhar, fazer satsang, caminhar, tudo isso.

(inaudível)

Albina: a última viagem que eu fiz foi para a Índia. (Inaudível) eu quero ainda ir para o Peru, é porque assim, chega um momento, vai chegando outras coisas também, grana, (inaudível). Mas as viagens, eu tenho vontade de retomar as viagens, Peru mesmo eu quero, porque o Peru foi pra mim assim, abriu.

Ana Paula: (inaudível)

Albina: foi a minha primeira viagem com Alba.

Ana Paula: Foi em Lima?

Albina: Machu Pichu. A gente só ia em Lima do aeroporto e de lá ia para Machu Pichu e depois fazia trilha, chegava em, ô, Machu Pichu não, chegava em, como é o nome? é, Cuzco e de Cuzco a gente fazia trilha, para chegar em Machu Pichu pelo fundo, a gente não chegava pela entrada principal, a gente ia com um Xamã, com Alba, e a gente entrava pelo fundo, pra ver o fim de Cuzco.

Albina: Então o Peru foi uma viagem que abriu pra mim assim o meu caminho, eu sempre buscava, mas assim mesmo né de poder, do caminho mesmo do xamanismo, foi Machu Pichu.

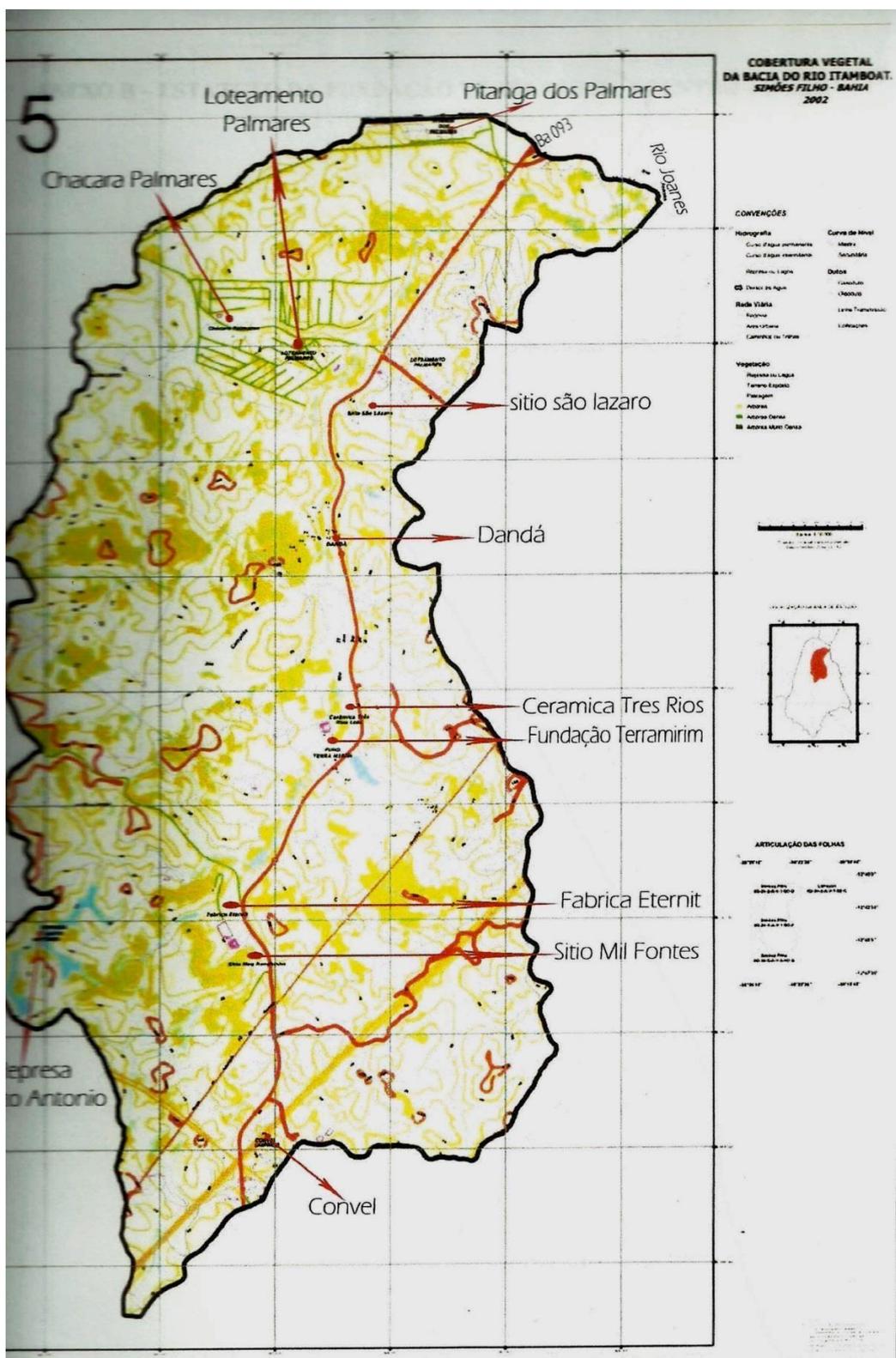
ANEXOS

DOCUMENTOS PRODUZIDOS PELA COMUNIDADE

ANEXO A	COBERTURA VEGETAL DA BACIA DO RIO ITAMBOATÁ – SIMÕES FILHO – BAHIA, 2002	144
ANEXO B	ORAÇÃO DA GRANDE MÃE	145
ANEXO C	LISTA DE PRESENÇA NA EXPOSIÇÃO	146
ANEXO D	JORNAL XAMÃ	147
ANEXO E	REVISTA XAMÃ	148
ANEXO F	CERTIFICAÇÃO DA UNESCO	149
ANEXO G	LIVRO A VOZ DOS QUATRO ELEMENTOS – PRIMEIRA EDIÇÃO	150
ANEXO H	ELEMENTO ÁGUA	151
ANEXO I	VIAGEM INICIÁTICA	152

ANEXO A

COBERTURA VEGETAL DA BACIA DO RIO ITAMBOATÁ –
SIMÕES FILHO – BAHIA, 2002



ANEXO B

ORAÇÃO DA GRANDE MÃE



FUNDAÇÃO TERRA MIRIM
em parceria com a Unicef

ORAÇÃO À GRANDE MÃE

MÃE NOSSA QUE ESTAIS NO CÉU, NA TERRA E EM TODA PARTE
 BENDITA SEJA A TUA BELEZA E A TUA ABUNDÂNCIA
 TRAZ AOS NOSSOS CORAÇÕES A CHAVE QUE ABRE O PORTAL DO AMOR
 QUE CADA UM DE NÓS POSSA RESPEITAR O CAMINHO DE TODOS OS SERES
 E O EXERCÍCIO DO PERDÃO FAÇA PARTE DA NOSSA EXISTÊNCIA
 QUE POSSAMOS ADOLER EM NOSSA MESA AQUELES QUE QUEREM
 PARTILHAR CONOSCO O ALIMENTO SAGRADO

MÃE NOSSA QUE ESTAIS NO CÉU, NA TERRA E EM TODA PARTE
 QUE O PROPÓSITO MAIOR GUIE OS NOSSOS PASSOS
 E QUE A BATIDA DOS NOSSOS CORAÇÕES
 POSSA SE UNIR AO TOQUE DO CORAÇÃO DA TERRA
 E ASSIM POSSAMOS PULSAR EM SÓ RITMO
 QUE AS ESTRELAS NOS GUIEM NAS NOITES ESCURAS
 E QUE O SOL BRILHE INTENSAMENTE EM NOSSOS CORPOS

ORAÇÃO INSPIRADA PELA XAMAM ALBA MARIA

ANEXO C

LISTA DE PRESENÇA NA EXPOSIÇÃO

1

Lista de Presença da Exposição Temporária
Terra Níxim 24 anos: Ritualizando a História...
Data de Abertura 29/05/2016

Data		Nome	Cidade/Estado País	E-mail
29/05/16	1	Luciana	SALVADOR	LUABOAGMAIL.COM
29/05/16	2	Clara	Salvador	claudrasattaw20@gmail.com
29/05/16	3	Sílvio Filho	Camacari	SilvioFilho@live.com
29/05/16	4	Neuma Leung	Camacari	Neuma_px@hotmail.com
29/05/16	5	Márcia	Camacari	mzgullo@hotmail.com
29/05/16	6	Aranta	Salvador	
29/05/16	7	Andréia Almeida	SSA	dra.ana@gmail.com
29/05/16	8	Edmarcelino	Município de Ita	edmarcelino@gmail.com
29/05/16	9	Maria Eduarda	Salvador	mariaeduarda.guimaraes@gmail.com
29/05/16	10	Patrícia Gonçalves	Camacari	otyraina@hotmail.com
29/05/16	11	Bayen Argemir	Camacari	TAGUER2002@YAHOO.COM
29/05/16	12	André Luis Ochoa	Camacari	afolreia43@hotmail.com
29/05/16	13	Elizete Ribeiro	Salvador	lizete.ribeiro@hotma
29/05/16	14	Artem	Salvador	artemandrade@gmail.com
29/05/16	15	ANNE BRITO	SALVADOR	ANNEBRITO70@gmail.com
29/05/16	16	Anna Paula Rêbe	Salvador	anapaula.rebe2@gmail.com
29/05/16	17	Dumy Duvini	Camacari	Dumyduvini7@gmail.com
29/05/2016	18	Silvia Costa	Salvador	manita.silvia23@gmail.com
29/05/16	19	Alize Dias	Salvador/SSA	alize.dias2012@gmail.com
29/05/16	20	Rosângela	Ilheus - S	rosangela@serviçodentistaibabz
29/05/16	21	Claudina	Santiago Chile	claudinaramireza@hotmail.com
29/05/16	22	Luiz Augusto	Aracaju - SE	ecbefer22@oi.com.br
29/05/16	23	Luiz Ege	S. Filhos	luiz@va.com.br
29/05/16	24	André Alves	SSA	ANDREALVES7011@gmail.com
29/05/16	25	Albina Tencas	SSA	
29/05/16	26	Carla Pinola	ouro de Fretes	carlapinola@gmail.com
29/05/16	27	Roberta Luca	Salvador	ROBERTALUCA1984@gmail.com
29/05/16	28	Isac Leidi de Jesus	S Filhos	

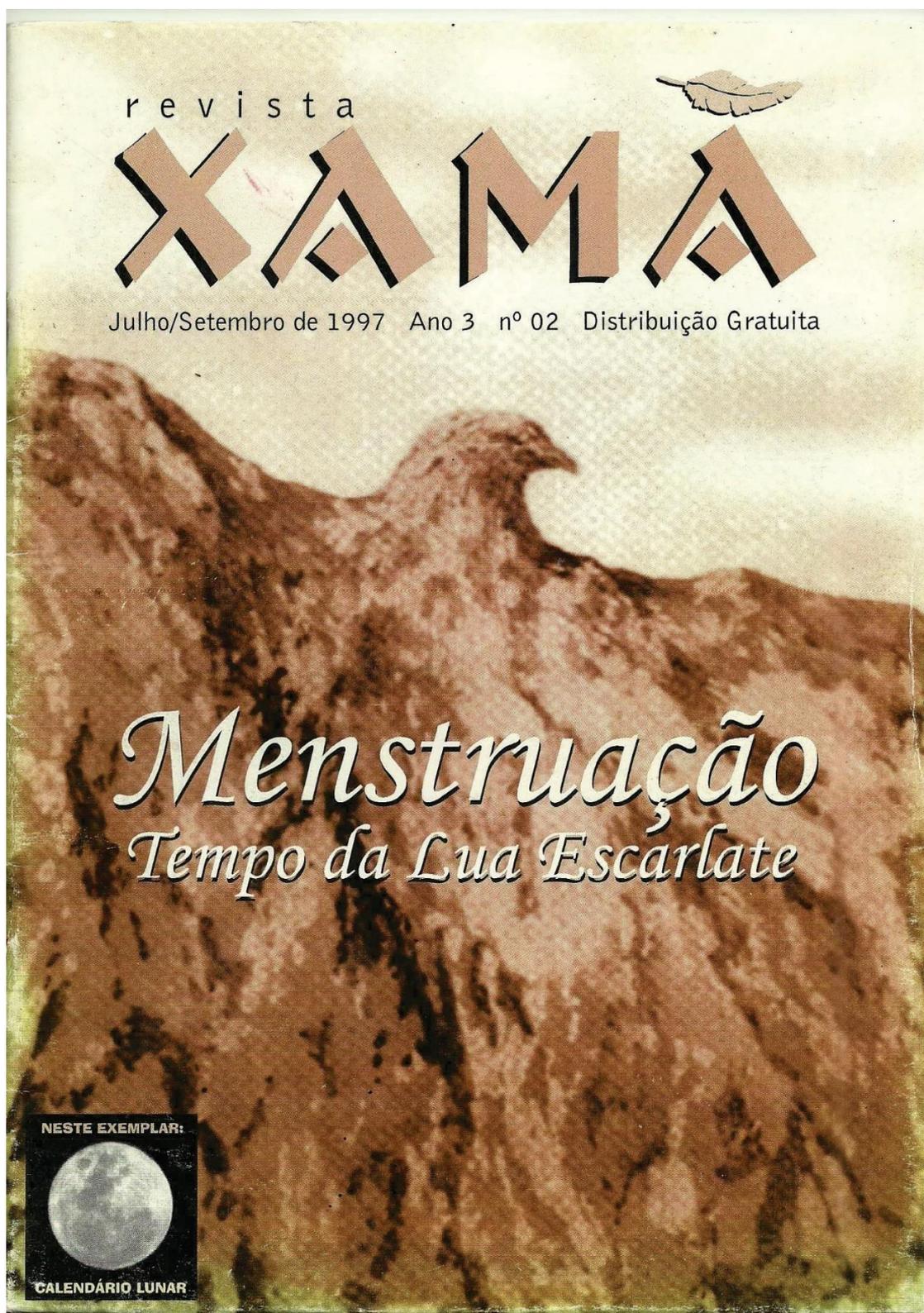
ANEXO D

JORNAL XAMÃ



ANEXO E

REVISTA XAMÃ



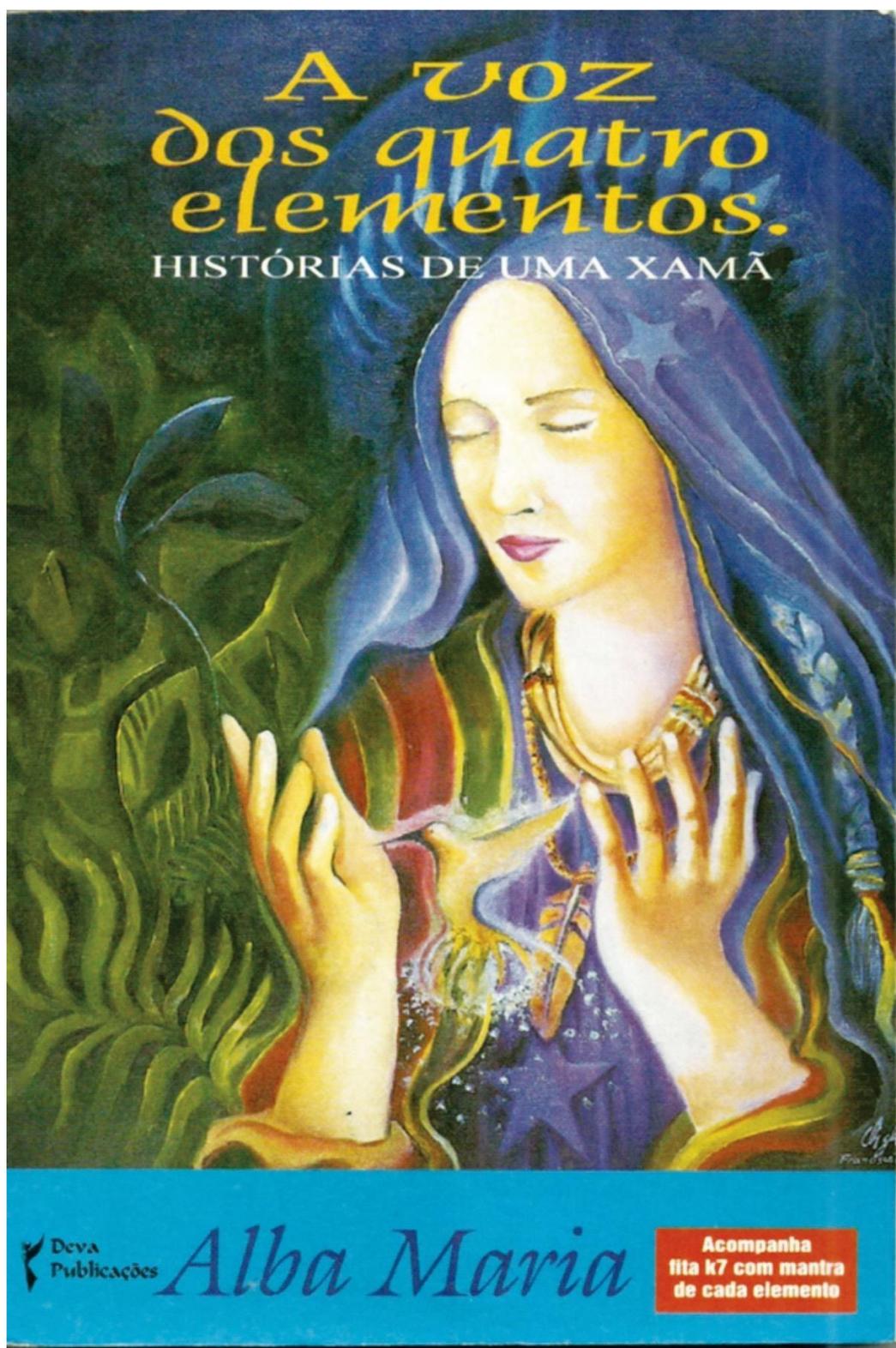
ANEXO F

CERTIFICAÇÃO DA UNESCO



ANEXO G

LIVRO A VOZ DOS QUATRO ELEMENTOS – PRIMEIRA EDIÇÃO



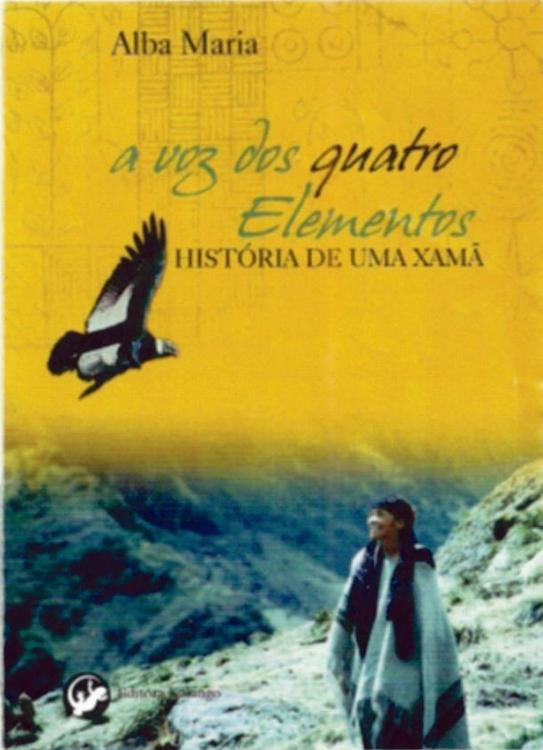
ANEXO H

FOLDER DO LIVRO A VOZ DOS QUATRO ELEMENTOS COM NOTA SOBRE O ELEMENTO ÁGUA

tra agora e se torna Senhora de um Mistério ou permanece como está e morre em vida". Oh, Grande Espírito, pedi, ajuda-me, faz meu corpo caminhar e entrar nas águas, não quero viver povoada de pânico.

Olhei para aquele elemento temido. Vi pingos fortes de uma luz dourada se mesclarem ao líquido precioso da vida e escutei uma voz doce como a melodia de um amado dizer-me: "Sou o espírito das águas. Para compreenderes meus Mistérios, te convido a penetrar em mim e deixar-me penetrar em teu ser. Vem, entrega teu corpo suavemente e assim experimentarás os dois lados de mim: minha solidez e minha flexibilidade. Eu sou a circulação da terra e represento o sangue terreno. Fluo por entre as pedras e nada detém minha caminhada. Venho, minha querida, do Muito Alto, em forma de chuva, fecundar, através de meus raios, a terra, elemento sagrado, e preencher suas veias sob a forma de rios e cachoeiras. Juntos, eu e a terra, caminhamos para o grande útero de mim mesmo: o mar. O que temes? A morte? Já não morres e vives a cada segundo? O que esperas conservar? Não sabes que um dos teus maiores ensinamentos é o desapego? Soltar absolutamente tudo e ficar com aquilo que é mais sagrado: tu mesma. Vem, confia..."

O CAMINHO QUE HÁ MAIS DE 25 ANOS A XAMÃ ALBA MARIA PERCORRE PELO MUNDO TEM LHE REVELADO REALIDADES QUE COSTUMAM SER CREDITADAS AO PLANO DA IMAGINAÇÃO. A VOZ DOS QUATRO ELEMENTOS É UMA HISTÓRIA DE INICIAÇÕES XAMÂNICAS NA QUAL A ALTURA MERGULHA, COM A CORAGEM QUE LHE É PECULIAR, NOS VALES PROFUNDOS DOS ANDES PERUANOS.




ELEMENTO ÁGUA

*Água divina, purifica meu ser, limpa minhas células,
renova cada rio interno meu, circula
em mim o teu amor e a tua luz cristalina.
E assim é.*

Com este elemento, que é o meu Elemento Mestre¹, tive uma das iniciações mais difíceis. Há muito evitava entrar diretamente nas cachoeiras e nos rios. Muitas vezes, quando olhava as águas morenas do local onde habito, sentia-me dessasosegada e um medo sem explicação tomava conta de mim. Minha mente começava a criar formas absurdas, via monstros saindo das águas, devorando-me. Nos seus momentos sempre elaborava um jeito de me afastar dali. Internamente, sentia que um dia mergulharia. Era inevitável.

Certa época, após ter passado quatro dias em silêncio, escutei minha guia² falar: "Agora você está pronta para mergulhar nas águas desconhecidas de seu próprio oceano. Para isso deverá mergulhar nas águas profundas de uma cachoeira à qual lhe guiarei".

Meu corpo sentiu um pânico insuportável e fiquei apreensiva durante vários dias. O tempo foi passando e aquele dizer foi se tornando longínquo. Meu corpo relaxava diante da lembrança daquele instante que ia sendo levada pelo tempo. Só quando estava livre da

¹ Por meio do Xamanismo percebi que água, terra, fogo e ar têm uma significação especial. O Elemento Mestre, como o nome o diz, é aquele que nos ensina mais e nos causa medo.

tensão é que pude escutar a guia² indicar um local numa floresta praticamente virgem. Como amo profundamente as florestas, não titubeei um só momento. Dirigi-me a este lugar onde a natureza é pura explosão e fui penetrando aquela terra tão acolhedora, úmida e vivificante. Depois de caminhar algum tempo por entre as pedras e árvores, deparei-me com uma cachoeira tão bela que chegava a amedrontar. Minhas pernas não conseguiam mais caminhar. Sentei e comeci a fazer um rito para as águas, quando de repente, escutei: "Eu estou te esperando há muito tempo, este é o teu momento, o momento do teu Eterno Interior".

Escutando tais palavras, não tinha dúvidas quanto ao que me estava sendo dito. Há muito aprenderei a confiar na voz que vinha de dentro de mim, a voz da minha Guia². Naquele instante desejei não ter escutado aquele dizer, mas ouvi e, como sempre, obedeceria. Aproximei-me lentamente daquelas águas morenas e minha memória celular² começou a atuar. Vi-me atada a uma canoa desgobernada, vagando velozmente em direção a uma estrondosa cachoeira. Senti meu sufoco, minha falta de ar e minha morte iminente. Caminhava com rapidez em direção à Grande Senhora da Transformação - a Morte. Nada podia fazer. O desespero e a dor tomaram conta de mim e eu morri, na água. Foram apenas átomos de tempo, mas para mim uma eternidade. No início, um pavor profundo; depois, o vazio e a plenitude.

Após essa ativação da memória celular fiquei petrificada, sem conseguir dar mais nenhum passo em direção às águas. Meu corpo não obedecia. Era incontrolável. Minhas pernas pesavam toneladas. Fechei os olhos e ouvi minha Guia² dizer: "Você escolhe: ou en

² É uma espécie de dado ou registro que as células guardam de cada experiência vivenciada seja nessa realidade ou em realidades paralelas (termo equivalente a mundos paralelos).

ANEXO I

FOLDER - VIAGENS INICIÁTICAS

